



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARCELLO ALVES DA SILVA AGUILERA

Paternidades e masculinidades: um estudo de representações sociais com homens

VITÓRIA
2023

MARCELLO ALVES DA SILVA AGUILERA

Paternidades e masculinidades: um estudo de representações sociais com homens

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção de grau de Mestre em Psicologia, sob orientação da professora Dr^a. Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho.

VITÓRIA
2023

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

A474p Alves da Silva Aguilera, Marcello, 1995-
Paternidades e masculinidades: um estudo de representações sociais com homens / Marcello Alves da Silva Aguilera. - 2023. 135 f. : il.

Orientadora: Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho.
Dissertação (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. masculinidades. 2. paternidade. 3. pai. 4. gênero. 5. representações sociais. I. Mantuan dos Santos Coutinho, Sabrine. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9



Secretaria Integrada de Programas de Pós-Graduação
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - ATA Nº 427 – 18/01/2023

Aos dezoito dias do mês de janeiro de dois mil e vinte e três, em sessão pública, por webconferência, conforme Portaria Normativa nº 08 da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/UFES, de 1º de julho de 2021, procedeu-se a avaliação da defesa de dissertação de Mestrado de **Marcello Alves da Silva Aguilera**. Às nove horas, a Profª Drª Sabine Mantuan dos Santos Coutinho, UFES (Orientadora e Presidente da Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação), deu início aos trabalhos, convidando os demais examinadores a comporem a banca: Profª Drª Maria Cristina Smith Menandro, UFES (examinadora interna) e Profª Drª Sibelle Maria Martins de Barros, UEPB (examinadora externa). A seguir, a Presidente solicitou ao mestrando que fizesse uma explicação de seu trabalho intitulado: **“PATERNIDADES E MASCULINIDADES: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COM HOMENS”**. Finda a apresentação, a Presidente passou a palavra aos examinadores, que procederam à arguição do candidato. Ao final, a Comissão, em sessão reservada, deliberou pela APROVAÇÃO da referida dissertação nos termos do Regimento Interno do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Por fim, a presidente da sessão alertou que o aluno somente terá direito ao título de Mestre após entrega da versão final de sua dissertação à Secretaria Integrada de Programas de Pós-Graduação, bem como o artigo da dissertação e os demais pré requisitos da titulação do programa. Nada mais havendo a acrescentar, eu, Profª Drª Sabine Mantuan dos Santos Coutinho, presidente da sessão, lavrei a presente ata que vai assinada por mim e pelos demais componentes da Comissão.

Profª Drª Sabine Mantuan dos Santos Coutinho
Orientadora e Presidente da Sessão – UFES

Profª Drª Maria Cristina Smith Menandro
Examinadora Interna - UFES

Pro



Documento assinado digitalmente
SIBELLE MARIA MARTINS DE BARROS
Data: 22/01/2023 10:55:05-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Barros

Secretaria Integrada de Programas de Pós-Graduação – SIP

Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo; situada à Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras - 29075-920 – Vitória/ES. Tel.: (27) 4009-2524 – sip.ufes2@gmail.com – www.secretaria.cchn.ufes.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
SABRINE MANTUAN DOS SANTOS COUTINHO - SIAPE 2018596
Departamento de Terapia Ocupacional - DTO/CCS
Em 23/01/2023 às 08:26

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/636004?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
MARIA CRISTINA SMITH MENANDRO - SIAPE 1188489
Departamento de Psicologia Social e Desenvolvimento - DPSD/CCHN
Em 23/01/2023 às 08:47

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/636013?tipoArquivo=O>

Sumário

Agradecimentos.....	9
Resumo	10
Abstract	11
Lista de Abreviaturas e Siglas.....	12
Lista de Tabelas.....	13
Apresentação	14
1. Introdução	16
1.1 Estudos de gênero no Brasil e os estudos de Masculinidades.....	17
1.2 Paternidades e Masculinidades	24
1.3 Gerações: Baby Boomer, X e Y.....	35
1.4 Teoria das Representações Sociais: referencial teórico.....	37
2. Objetivos.....	48
2.1 Objetivo geral	48
2.2 Objetivos específicos.....	48
3. Método	48
3.1 Participantes.....	48
Tabela 1 – Caracterização da Amostra.....	50
3.2 Instrumento e Procedimento de coleta dos dados.....	51
3.3 Questões éticas e análise de riscos e benefícios	53
3.4 Análise e tratamento de dados	54
4. Resultados.....	57
4.1 Participantes – Quem são?.....	57
4.2 As estruturas – Os homens pais e as suas experiências	57
Estrutura 1 – A paternidade de Alessandro.....	58
Estrutura 2 – A paternidade de Basílio.....	62
Estrutura 3 – A paternidade de Cláudio.....	66
Estrutura 4 – A paternidade de Danilo	69
Estrutura 5 – A paternidade de Emerson	71
Estrutura 6 – A paternidade de Flávio.....	75
Estrutura 7 – A paternidade de Gilmar	78
Estrutura 8 – A paternidade de Wladimir	82
Estrutura 9 – A paternidade de Oswaldo.....	85

Estrutura 10 – A paternidade de Adenor	88
Estrutura 11 – A paternidade de Ronaldo	91
Estrutura 12 – A paternidade de Wilson	94
Estrutura 13 – A paternidade de Roberto	97
Estrutura 14 – A paternidade de Cássio	100
Estrutura 15 – A paternidade de Geraldo	102
5. Discussão.....	108
5.1 Experiência da Paternidade	108
5.2 Masculinidades	113
5.3 Práticas parentais e papéis sociais masculinos e femininos.....	117
6. Considerações finais	121
7. Referências.....	123
APÊNDICE A – Roteiro da entrevista semiestruturada.....	130
APÊNDICE B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	132

Agradecimentos

Agradeço a Deus, pois sem Ele nada disso seria possível. Sou enormemente grato ao que o Senhor tem feito na minha vida e me proporcionado nesta trajetória.

Além disso, agradeço ao meu amor, minha esposa Júlia de Olivera França Aguilera, que sempre esteve presente me apoiando e me amparando durante este percurso do mestrado.

Agradeço aos familiares que me incentivaram, principalmente minha mãe Tania Mara Alves da Silva, uma guerreira que foi mãe solteira desde que nasci e que mesmo com todas as dificuldades, nunca deixou faltar nada para nossa família.

Agradeço aos meus avós José Alves da Silva e Rita Maria Alves da Silva, o amor deles me guiou até essa conquista e não tenho dúvidas de que lá do céu os dois continuam orientando meu caminho.

Agradeço aos meus irmãos: Marcelle Alves Goulart, Fernanda Rubbo Aguilera e Felipe Rubbo Aguilera.

Agradeço ao meu pai Eduardo Munhoz Aguilera.

Agradeço aos colegas do mestrado e os meus amigos em geral, principalmente o Alex Bittencourt, que me ajudou bastante durante a trajetória no Espírito Santo.

Agradeço ao fomento da CAPES por meio da bolsa concedida para este período de formação no PPGP da UFES.

Por fim, um agradecimento às professoras Dra. Sibelle Maria Martins de Barros e Dra. Maria Cristina Smith Menandro que me auxiliaram muito com todos os apontamentos durante o processo de qualificação. E um agradecimento mais que especial para professora Dra. Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho. É imensurável a gratidão que tenho pela professora Dra. Sabrine neste percurso do mestrado, sua compreensão e orientação foram extremamente importantes para o meu direcionamento neste ciclo.

Resumo

As múltiplas possibilidades de se constituir como homem têm sido cada vez mais discutidas atualmente e, por isso, um diálogo sobre o papel do exercício da paternidade na constituição de masculinidades pode possibilitar um olhar mais amplo sobre esta temática. Assim, este estudo buscou investigar o papel das representações sociais de paternidade e de masculinidade na experiência de paternidade de homens de pais, bem como os efeitos de tal experiência em relação às suas representações sobre ser homem. A pesquisa, de abordagem qualitativa, contou com a participação de 15 homens pais de gerações diferentes do ES. Para participar do estudo, além de ser pai e residir no ES, era preciso se identificar com o sexo masculino. Nesta investigação, participaram do estudo pais da geração X (entre 46 e 57 anos) e Y (entre 28 e 45 anos), pelo fato desses dois públicos serem mais acessíveis por meio da técnica bola de neve, que se pauta em indicações para a composição da amostra do estudo. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas orientadas por roteiro com uma questão sobre dados sociodemográficos e outras questões diversas, tais como significações e sentidos sobre paternidade, masculinidade e gênero, participação masculina e divisão de tarefas, cuidado com filhos e participação paterna, autopercepção como pai, entre outras. Para o tratamento dos dados, foi utilizado o método fenomenológico para investigação psicológica, que visa apreender a experiência da forma mais genuína possível, por meio dos relatos e vivências dos participantes. Os resultados indicaram que o percurso da paternidade, na compreensão dos participantes, tanto na geração X como na geração Y, impactou o modo se portar como homem, principalmente no que diz respeito às atribuições e responsabilidades. Contudo, ainda é predominante alguns entendimentos em relação ao “ser pai” ancorados diretamente em funções tradicionalmente atribuídas ao homem. De todo modo, novos estudos que visem aprofundar tais discussões, sobretudo na Psicologia, se revelam necessários.

Palavras-chave: masculinidades; paternidade; pai; gênero; representações sociais.

Abstract

The multiple possibilities of constituting oneself as a man have been increasingly maintained nowadays and, therefore, a dialogue about the role of the exercise of fatherhood in the constitution of masculinities can allow a broader look at this theme. Thus, this study sought to investigate the role of social representations of fatherhood and masculinity in the fatherhood experience of men of fathers, as well as the effects of such an experience in relation to their representations of being a man. The research, with a qualitative approach, counts on the participation of 15 male fathers from different generations of ES. To participate in the study, in addition to being a father and residing in ES, it was necessary to identify with the male gender. In this investigation, parents of generation X (between 46 and 57 years old) and generation Y (between 28 and 45 years old) participated in the study, due to the fact that these two audiences are more accessible through the snowball technique, which is based on indications for the composition of the study sample. Semi-structured interviews guided by a script were carried out with a questions about sociodemographic data and other diverse questions, such as meanings about paternity, masculinity and gender, male participation and division of tasks, care for children and paternal participation, self- perception as a father, among others. For the treatment of data, the phenomenological method for psychological investigation was used, which aims to apprehend the experience in the most genuine way possible, through the reports and experiences of the participants. The results indicated that the path of fatherhood, in the understanding of the participants, both in generation X and in generation Y, impacted the way of behaving as a man, mainly with regard to attributions and responsibilities. However, some understandings regarding “being a father” are still predominant, anchored directly in functions traditionally attributed to men. In any case, new studies that aim to deepen such discussions, especially in psychology, are necessary.

Keywords: masculinities; paternity; father; gender; social representations.

Lista de Abreviaturas e Siglas

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

ES – Espírito Santo

PPGP – Programa de Pós-Graduação

RS – Representações Sociais

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TRS – Teoria das Representações Sociais

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Caracterização da Amostra	50
---	-----------

Apresentação

O interesse em desenvolver este estudo que envolve a temática da paternidade tem uma explicação pautada na minha experiência pessoal. Eu, Marcello Alves da Silva Aguilera, homem, vinte e sete anos, fui criado por mãe solteira e vivi a ausência do meu pai biológico desde que nasci. Meus avós maternos sempre se fizeram presente para tentar suprir essa falta, mas ainda assim, senti bastante as consequências disso na minha vida e me questionava sobre o peso dessa lacuna em minha constituição como homem.

Já passei por muitos dias dos pais sem pai ou com meu avô tentando cumprir este papel. Quando tive contato com a Psicologia, essas experiências que enfrentei durante minha trajetória me despertaram um olhar mais cuidadoso em relação às questões pessoais que tive que lidar. Em um primeiro momento, na terapia com um profissional psicólogo. Posteriormente, na minha formação, com estudos científicos sobre os efeitos da ausência de um pai.

Desse modo, assim que concluí minha graduação e me inseri no PPGP da UFES, decidi me aprofundar no entendimento da experiência da paternidade por meio de uma ótica singular dos pais, dialogando diretamente com a bibliografia sugerida neste trabalho. Motivado pela minha experiência de vida e percurso acadêmico que, em grande maioria, foi imerso na Psicologia Social, vi a possibilidade de realizar uma investigação que articulasse temas ainda discretamente explorados dentro da Psicologia, partindo dos seguintes questionamentos: Como tem sido as experiências de paternidade de homens que são pais e vivem com seus filhos? Será que eles refletem sobre a importância de sua presença na vida dos filhos? Como foi a experiência deles com os próprios pais? Será que, como homens, mudaram a forma de pensar e viver por conta da chegada dos filhos? Ou seja, a experiência da paternidade provocou modificações no que pensam sobre masculinidade?

Nesse sentido, a proposta foi contribuir com a discussão em relação à paternidade e à masculinidade por meio da TRS sob a ótica da experiência, o que nos possibilita repensar os papéis sociais de gênero ancorados em modelos parentais tradicionais e em estereótipos fixos e enrijecidos, que acabam por naturalizá-los. A escolha de tal temática se justifica pelas mudanças de papéis sociais na família e na sociedade de forma geral e pelo crescente debate sobre questões relacionadas a gênero na atualidade.

Essa discussão se faz necessária, não somente para repensarmos a paternidade e/ou masculinidade, mas principalmente, pelas possibilidades de refletir sobre gênero, marcador importante que perpassa a sociedade de um modo geral, e que faz com que haja desigualdades no âmbito da parentalidade ou da divisão de atribuições relacionadas à paternidade.

1. Introdução

Pretendeu-se investigar o papel das representações sociais de paternidade e de masculinidade na experiência de paternidade de homens pais, bem como os efeitos de tal experiência em relação às suas representações sobre ser homem. Nessa direção, este estudo parte do questionamento: “de que forma a experiência da paternidade se relaciona com os significados atribuídos à masculinidade e à paternidade por homens de diferentes idades?”. No que se refere a escolha pelo recorte geracional entende-se que este pode auxiliar na compreensão das diferenças e das similaridades entre as gerações no que diz respeito ao processo de construção de masculinidade e as percepções sobre a paternidade.

Utilizaremos o recorte geracional proposto por Williams e Page (2014) para delimitar a amostra do estudo com homens pais. Segundo os autores, a geração Baby Boomer corresponde às pessoas nascidas entre 1946 e 1964. Já a geração X é constituída pelas pessoas que nasceram entre 1965 e 1976, enquanto a geração Y é composta pelas pessoas que nasceram entre 1977 e 1994. Nesta investigação, serão entrevistados apenas os pais da geração X (entre 46 e 57 anos) e Y (entre 28 e 45 anos).

Apesar da grande produção e contribuição de trabalhos sobre gênero na atualidade, as possibilidades de novas pesquisas sobre paternidade e masculinidades são fecundas, levando em consideração a mudança da sociedade como um todo no que diz respeito às constantes transformações dos papéis sociais. Além disso, acredita-se que o conteúdo produzido nesta pesquisa, na medida em que resultará das falas de homens pais e de suas compreensões sobre a questão, pode, de algum modo, contribuir para a construção de masculinidades mais saudáveis e para um debate mais efetivo em relação ao seu papel de pai.

Considerando o objetivo geral já indicado, este projeto está organizado da seguinte forma: primeiramente será apresentada uma breve revisão de literatura sobre os estudos de gênero, com foco na realidade brasileira e na questão das masculinidades; em seguida, serão

abordadas as relações entre masculinidade e paternidade; por fim, será apresentada a lente teórica que embasará a leitura dos dados obtidos.

Estudos de gênero no Brasil e os estudos de Masculinidades

O debate sobre gênero tem sido cada vez mais frequente na sociedade. Entretanto, não faz muito tempo que os estudos sobre gênero emergiram no nosso país. Guedes (1995) aponta que, no Brasil, o ímpeto feminino se adentrou na academia e nos campos do saber, o que representava a tentativa de dar mais destaque a vivência e os estudos sobre a mulher.

Essas movimentações se iniciaram na década de 1970, concomitantemente à luta pela abertura política no Brasil. Guedes (1995) afirma que a instauração da Década da Mulher (1975 – 1985) pela Organização das Nações Unidas impulsionou as reflexões acerca da condição feminina, culminando, posteriormente, na constituição do primeiro movimento feminista no Brasil. A autora cita que este período é correspondente aos anos de 1980 a 1985.

Já em um segundo momento, Guedes (1995) discorre sobre a construção do conceito de gênero no seio dos movimentos sociais e da academia. A autora traz que o slogan “o cotidiano é político” perpassou os grupos de reflexão feministas que proliferaram no país pós-80. Para a autora, neste período, “Era necessário mais do que visibilizar a mulher. Precisava-se entender o Sujeito Mulher, a Identidade Feminina, desvendando as relações do cotidiano” (Guedes, 1995, p. 7). Este segundo momento compreendeu os anos de 1985 a 1988. Por fim, Guedes (1995) pontua que um terceiro momento compreende o ano de 1989 até os dias atuais. Para a autora, neste período que se estende até hoje, “o debate do feminino/masculino busca lutar contra guetos e resgatar aliadas(os)” (p. 7).

Numa tentativa de contribuir para a ampliação da discussão sobre gênero e entendendo a importância da compreensão não só do feminino, mas também do masculino nesta temática, com o passar do tempo as pesquisas sobre gênero também passaram a englobar estudos sobre

o homem e seus possíveis significados. Scott (1995) aponta que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens e que um implica o estudo do outro. Essa ideia é sustentada pela autora através do entendimento da seguinte correlação: as informações sobre as mulheres são necessariamente informações sobre os homens, assim como, as informações sobre os homens são necessariamente informações sobre as mulheres.

Sobre essa questão, Badinter (1986) cita que “encontramos sempre a distinção, revestindo formas infinitamente variadas e com frequência grosseiramente contraditórias – dos papéis atribuídos respectivamente aos homens e às mulheres”. (p. 24). Entretanto, segundo a autora, desde a era paleolítica até a idade do ferro, tanto homens como mulheres compartilharam tarefas – em maior ou menor grau de igualdade. A autora reafirma esta ideia pontuando que Um participar do Outro não significa que eles são iguais, mas sim que eles se constituem mutuamente independentemente das suas similaridades ou diferenças.

Ou seja, a partir da compreensão das autoras Scott (1995), Guedes (1995) e Badinter (1986), podemos entender que quando estudamos o homem também estamos contribuindo para os estudos de gênero sobre as mulheres, e vice-versa. Deste modo, amplia-se a reflexão sobre gênero, alimentando qualitativamente os estudos sobre esta temática.

Mas, antes de discorrer sobre os estudos sobre os homens e questões que envolvem a paternidade e as múltiplas masculinidades, foco do presente trabalho, é preciso entender o conceito de gênero e contextualizá-lo nesta discussão. Scott (1995) traz que o gênero possibilita a decodificação do significado e a compreensão das complexas e múltiplas formas de conexão e interação entre os seres humanos. A partir disso, a autora entende o gênero como uma categoria de análise histórica.

Em uma outra direção, Butler (2003) aponta que os termos sexo/gênero são construções culturais e, a partir dessa perspectiva, a autora propõe uma desconstrução destes termos. Nessa direção, Heilborn e Rodrigues (2018) enfatizam a distinção entre Butler e Scott, na qual Butler

busca entender o gênero na definição ontológica do sujeito, enquanto Scott perpassa pela questão do gênero nas relações sociais. Neste trabalho utilizaremos a perspectiva da Scott para nortear o estudo sobre gênero e, a partir disso, introduzir o diálogo sobre masculinidades.

Sobre o conceito de gênero, Scott (1995) ressalta que o núcleo da definição é integrado por duas proposições: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (p. 86). Além disso, Scott (1995) rompe com o caráter enrijecido da noção de gênero a partir da compreensão de que “o desafio da nova pesquisa histórica consiste em fazer explodir essa noção de fixidez, em descobrir a natureza do debate ou da repressão que leva à aparência de uma permanência intemporal na representação binária do gênero” (Scott, 1995, p. 87).

Nessa direção, o entendimento do conceito de gênero como construção social opõe uma caracterização pautada no determinismo biológico, tendo em vista que as relações sociais entre os sexos são instituídas através do termo gênero e esta utilização não aceita explicações biológicas de maneira explícita. Essa compreensão da autora faz um diálogo com o que este estudo se propõe a fazer, investigar as RS de paternidade para homens, buscando entender as significações por trás disso.

Em relação aos estudos sobre masculinidades, Adrião (2005) destaca que já na década de 1960 podem ser identificados alguns estudos sobre os homens. Entretanto, é somente nas décadas de 1980 e 1990 que estes estudos se consolidam e começam a construir um diálogo com os estudos de gênero. Na década de 1980, os estudos feministas passaram a debater o poder nas relações problematizando as desigualdades entre homens e mulheres.

Adrião (2005) aponta que após a inserção do campo de estudos sobre gênero surgiram os primeiros trabalhos sobre masculinidades. A autora cita que estes estudos sobre o universo masculino se iniciaram na década de 1990 no Brasil e que a emergência destas discussões se

deu a partir dos constantes debates sobre a condição feminina, levando em consideração o contexto do Brasil pós-ditadura, perpassando os espaços de militância e se reafirmando dentro da academia.

Adrião (2005) enfatiza que os estudos sobre masculinidades suscitam novos olhares para esta discussão, cumprindo a função de levantar um debate sobre homens que antes não era fomentado, por meio de uma perspectiva relacional. A autora ressalta que o desenvolvimento desta área se constrói a partir da crise do masculino sob o olhar e a perspectiva das relações de gênero, trazendo como alternativa abarcar compreensões diferentes acerca do masculino e entender suas múltiplas complexidades.

A partir do livro “Masculinities”, Connell (1995/2003) expandiu as possibilidades dos estudos sobre masculinidades, enfatizando a multiplicidade que envolve o conceito e discorrendo sobre a complexidade que envolve esta discussão. Segundo Connell (1995/2003), a transformação e a diversidade das masculinidades são evidenciadas e fundamentadas pela sua própria história. Nesta obra, Connell (1995/2003) traz exemplos que denotam a historicidade da emergência do conceito de masculinidades, pontuando nuances de uma construção cultural baseadas em interesses da época.

Um dos exemplos citados por Connell (1995/2003) é sobre a suposição do homem provedor, que até então era recente e não era universalmente aceita. Isso começou a ser difundido na Grã-Bretanha, em meados do século XIX, quando várias forças sociais foram realinhadas. Naquela época, tanto os patrões quanto os trabalhadores tinham opiniões divididas sobre o assunto. Entretanto, aos poucos os sindicatos foram adaptando o conceito de salário do chefe de família ou provedor, em troca de fazer divisões entre os trabalhadores e entre os que conheciam o ofício e os que ainda não tinham formação.

Indo mais além, Connell (1995/2003) também demonstra como os políticos e a imprensa criaram uma representação pública da masculinidade na Nova Zelândia. Em 1905, o

primeiro-ministro do país se encontrou com a seleção nacional quando voltou de sua viagem à Europa, em meio a um entusiasmo de massa totalmente orquestrado. Naquele momento, o rugby veio a se tornar o instrumento utilizado para relacionar as contradições da violência masculina e o controle social. Sendo assim, o status exemplar do esporte como teste de masculinidade não fora construído de forma natural. Para Connell (1995/2003), foi fruto de uma estratégia política que foi produzida historicamente.

Para complementar a discussão sobre a multiplicidade e a complexidade que envolve o conceito das masculinidades, Connell (1995/2003) aborda a etnografia “Guardians of the Flutes” da cultura do Alto Oriente de Papua Nova Guiné, conhecida como “Zâmbia”, do autor Herdt (1981). A cultura da pequena aldeia é caracterizada pela guerra crônica, uma divisão de trabalho marcada por gênero e uma masculinidade marcadamente enfatizada e agressiva. Connell (1995/2003) cita que a parte principal do relato de Herdt “se ocupa del culto a los hombres y sus rituales de iniciación, que incluyen relaciones sexuales intensas – que implican chupar el pene y tragar el semen – entre los niños iniciados y los hombres jóvenes” e que para os homens desta aldeia “semen es la esencia de la masculinidad” (p. 54). Nessa direção, este estudo etnográfico contrapõe uma suposição cultural enraizada sobre masculinidade, tendo em vista que “en Zambia, casi todos los hombres son homosexuales en cierta etapa de su vida” (p.55). Ou seja, os homens dessa aldeia não reproduzem uma imagem de um homem afeminado ainda que existam essas relações, emergindo assim, uma nova compreensão acerca dessa questão.

Podemos entender a partir destes estudos que as definições de masculinidade se encontram conectadas com a história das instituições e das estruturas econômicas. Nesse sentido, Connell (1995/2003) cita que as masculinidades se misturam com as relações sociais e não é somente uma ideia ou uma identidade pessoal, pois ela se estende pelo mundo todo.

Em um estudo mais recente, Connell e Messerschmidt (2013) ressaltaram que “a masculinidade é definida como uma configuração de práticas organizadas em relação à estrutura das relações de gênero” e que “a prática social humana cria relações de gênero na história” (p. 245). Para eles:

A característica fundamental do conceito continua a ser a combinação da pluralidade das masculinidades e a hierarquia entre masculinidades. Essa ideia básica se manteve firme nos últimos 20 anos de experiência investigativa. Padrões múltiplos de masculinidade têm sido identificados em muitos estudos, em uma variedade de países e em diferentes contextos institucionais e culturais. Também é resultado de pesquisa bastante difundido o fato de que certas masculinidades são socialmente mais centrais ou mais associadas com autoridade e poder social do que outras. O conceito de masculinidade hegemônica presume a subordinação de masculinidades não hegemônicas, e esse é um processo que agora tem sido documentado em muitos contextos, em nível internacional. (Connell & Messerschmidt, 2013, p. 262-263)

Sobre essa questão do gênero e o diálogo com o conceito da masculinidade, Connell (1995) pontua que a contradição “faz com que seja essencial ter uma definição de masculinidade que não equacione gênero simplesmente com uma categoria de pessoas”, pois “se a ‘masculinidade’ significasse simplesmente as características dos homens, não poderíamos falar da feminilidade nos homens ou da masculinidade nas mulheres (exceto como desvio) e deixaríamos de compreender a dinâmica do gênero”. Nesse sentido, Connell (1995) afirma que “o gênero é sempre uma estrutura contraditória” e que “é isso que torna possível sua dinâmica histórica e impede que a história do gênero seja um eterno e repetitivo ciclo das mesmas e imutáveis categorias” (Connell, 1995, p. 189). Nessa direção, Connell (1995) comenta que é difícil trabalhar com essas questões e, por conta disso, não se deve fomentar um sectarismo entre homens e mulheres engajados com esta discussão.

Por fim, respaldado pela definição do dicionário, na qual Ferreira (1986) cita que o homem representa as “chamadas qualidades viris, como coragem, força, vigor sexual etc.; Macho – Homem que é homem não leva desaforo para casa” (Ferreira, 1986, p. 903), Guedes (1995) discorre sobre a rejeição ou repressão de outras formas de “ser homem”, citando que homens com comportamentos dóceis e/ou emotivos são rotulados de efeminados. Essa lógica normativa que associa a virilidade ao masculino e a feminilidade ao feminino reduz inequivocamente o significado do homem e da mulher, do masculino e do feminino (Guedes, 1995; Scott, 1995).

Entretanto, seguindo por uma via mais aprofundada sobre esta discussão, Connell (1995, p. 1986) enfatiza:

As questões em jogo nessa crítica da masculinidade me parecem muito mais importantes do que sugerem as piadas feitas na mídia a respeito dos Homens Sensíveis da Nova Era. Para os homens, a obtenção de uma compreensão mais profunda a respeito de si próprios, especialmente no nível das emoções, constitui uma chave para a transformação das relações pessoais, da sexualidade e da vida doméstica. As práticas de gênero dos homens levantam importantes questões de justiça social, considerando-se a escala da desigualdade econômica, a violência doméstica e as barreiras institucionais à igualdade das mulheres.

Sendo assim, o estudo direcionado para as questões que permeiam o homem visa enxergá-lo para além do sexo e destituir as relações de poder que sustentam uma compreensão nociva para sua constituição e para construção da sociedade como um todo. E é isto que esta pesquisa se propõe a fazer por meio da ampliação dos estudos sobre paternidade e múltiplas possibilidades de masculinidades.

Paternidades e Masculinidades

Em um levantamento recente, que visou caracterizar os artigos empíricos envolvendo o tema paternidade, Santos et al. (2022) realizaram uma revisão integrativa referente a produção científica sobre o tema no período de 2011 a 2021. Quanto ao contexto em que as pesquisas se realizaram, os autores constataram que 30% das investigações representavam estudos no ambiente hospitalar, 15% na atenção básica, 15% em instituições públicas, 15% no centro educacional infantil e apenas 7% no ambiente familiar. Deste modo, este estudo reforça a importância de compreender a percepção dos pais no ambiente intrafamiliar no que diz respeito ao processo de paternidade.

Para além dessa questão, Santos et al. (2022) apontaram que as mudanças na estrutura familiar fomentaram uma reflexão mais aprofundada sobre a paternidade. Entretanto, os autores enfatizam que a paternidade ainda tem sido menos estudada do que a maternidade, tanto no âmbito internacional como no contexto brasileiro. Desse modo, reafirma-se a necessidade de compreender a experiência da paternidade e os atravessamentos que envolvem esta vivência na atualidade, uma vez que a categoria “paternidade e masculinidade” se apresentou como o tema menos investigado em estudo já mencionado (Vieira et. al, 2014).

O documentário “O Silêncio dos Homens” (2019) traz dados importantes, que reforçam a importância de levantar as discussões acerca do homem na sociedade atual. Através de uma pesquisa que contou com a participação de mais de 40 mil pessoas, o documentário expõe alguns números que ressaltam a necessidade de ampliar as pesquisas e estudos desenvolvidos acerca do homem.

83% das mortes por homicídios e acidentes no Brasil tem homens como vítimas, eles vivem sete anos a menos que as mulheres e se suicidam quase quatro vezes mais que as mulheres. 17% deles lidam com algum nível de dependência alcóolica. Quando sofrem um abuso sexual, demoram em média 20 anos até contarem isso para alguém.

Cerca de 30% enfrentam hoje ejaculação precoce ou disfunção erétil. Homens são 95% da população prisional no Brasil, sendo que a maior parte dos encarcerados são jovens, periféricos e com ausência de figura paterna. Negros e LGBT's sofrem muito mais boa parte disso. Mesmo diante desse cenário, apenas três em cada dez homens possuem o hábito de conversar sobre os seus maiores medos e dúvidas com seus amigos. Os homens sofrem, mas sofrem calados e sozinhos. (O Silêncio dos Homens. Direção: Ian Leite e Luiza de Castro. Papo de Homem e Instituto PdH, 2019)

Nessa mesma direção, Hollis (2008) aponta para a brutalidade do homem e a fragilidade que o rodeia por meio da forte influência cultural. Historicamente, o homem tem sido condicionado a procriar e proteger a família, e a ser definido em função da sua produtividade. Isso que o autor traz remete diretamente ao reducionismo que foi direcionado a vida do homem através do machismo nessa sociedade patriarcal.

Nascimento (2018) ressalta que a forma com que os homens se conectam e criam seus laços restringe as expressões de afeto nas suas amizades. O autor cita que meninos são privados de momentos de sinceridade e vulnerabilidade para se afirmarem sempre como "homens". Desse modo, o processo de ser pai surge como uma possível alternativa para um aprofundamento do diálogo com as masculinidades, podendo assim contribuir para os estudos emergentes das relações de gênero.

No que diz respeito ao processo de paternidade, a partir da pesquisa construída por Barros e Trindade (2007), as autoras discorrem que os homens ainda são vistos como o principal ou único provedor do lar, mesmo que estejam constituindo uma paternidade mais afetuosa com os filhos. Ou seja, as investigações das autoras apontam que as RS de paternidade – e também de maternidade – ainda estão ancoradas nos modelos tradicionais de pai e mãe. Sobre essa questão, Barros et al. (2006) apontam que, majoritariamente o homem fica responsável pelas finanças e o sustento de boas condições para a família – mãe e filho, e afirma

que as transformações na esfera privada, que refletiram interesses políticos e econômicos, circunscreveram a mulher ao espaço privado e o homem ao espaço público, o que muitas vezes aparece naturalizado socialmente.

Embora hoje exista maior reconhecimento dos processos psicossociais envolvidos na construção e transformação dos papéis parentais, os resquícios do determinismo biológico ainda estão presentes no pensamento social orientando as práticas em relação à maternidade e à paternidade. (Barros et al., 2006, p. 2)

Traçando um diálogo com essa questão, um outro estudo de representações sociais desenvolvido por Cortez et al. (2016) buscou pesquisar a paternidade sob a perspectiva dos profissionais de saúde. Esta pesquisa averiguou que, além de não haver um preparo acadêmico dos profissionais de saúde para lidar com a questão da paternidade, também não existe uma infraestrutura adequada dos serviços de saúde para acolher os pais. Para além disso, nos atendimentos conduzidos pelos profissionais de saúde a presença dos pais não é incentivada ainda que seja considerada importante, corroborando com a perspectiva biológica citada anteriormente por Barros et al. (2006).

Cortez et al. (2016) também identificaram que ainda existe muita resistência dos homens para aderir práticas de cuidado e autocuidado. Segundo Cortez et al. (2016), isso está associado ao entendimento de que essas práticas são tradicionalmente vistas como “femininas” e “contrárias” ao que representa a masculinidade. Nessa direção, isso também reflete diretamente na questão da paternidade, tendo em vista que nas representações investigadas a paternidade configurou-se como função de provimento, distante do cuidado e autocuidado – pelos mesmos motivos que afastam os homens destas práticas –, as crenças enraizadas e enrijecidas sobre a masculinidade.

parece haver, pois, ao menos dois movimentos, embasados na mesma cultura machista, que mantém o homem afastado dos serviços de saúde: resistência dos usuários em

potencial à prática do cuidado preventivo e ausência ou pouco engajamento dos profissionais da saúde em práticas voltadas ao público masculino (como pai ou não). (Cortez et al., 2016, p. 56)

Ademais, Cortez et al. (2016) ressaltam a importância de “identificar as teorias de senso comum que embasam a exclusão dos pais por parte dos serviços e das equipes de saúde é ação importante para a construção de intervenções que possam atuar com maior efetividade para a mudança nesse quadro” (Cortez et al., 2016, p. 56). Isso reforça a importância da TRS para elaborar uma compreensão mais ampla e pensar possíveis ações não só no que diz respeito a paternidade, mas também a masculinidade de um modo geral.

Em mais um estudo de representações sociais, Cortez et al. (2017) buscaram identificar e analisar homens adultos visando problematizar suas práticas de autocuidado. A pesquisa foi conduzida a partir da técnica de associação livre, que utilizou os indutores “saúde” e “doença” para guiar a investigação.

O estudo discorreu sobre o avanço que tem sido construído no entendimento dos homens em relação ao autocuidado e na busca pelos serviços de saúde, ainda que haja uma resistência para que isso possa progredir de maneira consistente e significativa.

Há ainda um percurso muito longo a ser percorrido para que homens se engajem, sem preconceitos, em ações de autocuidado e cuidado com a saúde, mas ao expressarem seus medos e receios, demonstram que, mesmo de modo reticente, reconhecem a necessidade de atenção e, mesmo que ainda de modo tímido, começam a buscá-la. (Cortez et al., 2017, p. 564)

A partir disso, a exploração realizada neste estudo por Cortez et al. (2017) reforçou a necessidade de construir políticas públicas mais específicas para o público masculino e pensar alternativas para atrair e manter os homens nos serviços de saúde, visando transformar suas práticas esporádicas e/ou emergências em rotineiras, tendo em vista que as representações

normativas sobre o masculino afastam o homem das práticas de cuidado e saúde por considerarem essas práticas femininas, dialogando diretamente com outro estudo realizado por Cortez et al. (2016).

Ainda que surjam inúmeros desafios, fomentados inclusive pelos próprios profissionais de saúde, como pontuado anteriormente por Cortez et al. (2016), constatou-se que há uma crescente no envolvimento dos pais nas atividades diárias dos filhos e um maior engajamento no percurso de paternidade com uma participação mais ativa e a busca por informação sobre o universo infantil e os cuidados da criança. Isso reafirma a contribuição da transformação do homem como indivíduo neste processo de lapidação de um modelo de um “novo pai”, mesmo que ainda se sobreponha a centralidade do papel materno na criação dos filhos. É válido ressaltar que apesar dessa centralidade, os estereótipos de gênero estão começando a ser repensados e isso tem fomentado a abertura de possibilidades tanto para as mães quanto os para os pais se reinventarem (Santos et al., 2022; Visentin & Lhullier, 2019).

Trazendo a questão da paternidade para o diálogo com as masculinidades, Costa (2002) desenvolveu um estudo sobre as representações masculinas da paternidade que apontou associações entre paternidade e masculinidade, entre fertilidade e masculinidade, mas sempre mediadas por gênero. Nesta investigação, notou-se que a paternidade não foi entendida apenas como “fazer filhos”, uma vez que se compreendeu que o processo paterno está relacionado à capacidade dos pais de sustentar e educar os filhos.

Sustentar os filhos é uma responsabilidade considerada masculina, o que coloca o trabalho remunerado dos homens como referência fundamental nas concepções sobre paternidade e masculinidade. Assim, se ‘fazer filhos’ pode servir para comprovar o atributo físico da paternidade, conseguir sustentá-los e educá-los comprova seu atributo moral. (Costa, 2002, p. 341).

O estudo de Barros e Trindade (2007) reforça a compreensão trazida por Costa (2002) do pai ainda sendo visto como o provedor do lar neste percurso da paternidade. Segundo Costa (2002), o trabalho remunerado e o sustento dos filhos são tidos como prerrogativas normativas masculinas e que talvez essa questão seja a principal característica hegemônica da masculinidade.

Sobre estas pesquisas, Silva e Piccinini (2007) apontam que é recente na Psicologia o interesse pelo estudo do papel do pai e de sua importância no desenvolvimento infantil por meio de uma paternidade participativa. Os autores citam que “até poucas décadas, o modelo predominante de pai privilegiava o papel de provedor financeiro, permanecendo distante do espaço familiar e dos cuidados dos filhos” (p. 561-562).

Segundo Silva e Piccinini (2007), apesar do envolvimento paterno não apresentar um crescimento quantitativo, atualmente existe um desejo maior de participação dos pais na criação dos filhos, acompanhado de uma nova capacidade de paternagem. Nesse sentido, os autores acendem um debate importante citando que “apesar do recente interesse de diversos pesquisadores pelas mudanças de expectativas em relação ao papel paterno, pouco se sabe sobre como os pais estão vivenciando tais mudanças, como se avaliam nesse papel e que sentimentos nutrem a respeito da paternidade” (Silva & Piccinini, 2007, p. 563).

Ademais, Silva e Piccinini (2007) enfatizam que é importante reiterar que, lentamente, vem ocorrendo transformações sociais incorporadas às RS da paternidade que estão produzindo novos modelos parentais. Os autores comentam que podemos perceber essa transição quando os pais falam de seus próprios pais, pois os “novos” pais “se consideravam bastante diferentes, embora os pais ainda fossem, muitas vezes, vistos como um modelo” (Silva & Piccinini, 2007, p. 572).

Perucchi e Beirão (2007) reafirmam a ideia de Silva e Piccinini (2007), pontuando que a temática da paternidade tem encontrado espaço na psicologia, trazendo ênfase para os estudos

de gênero. Segundo tais autores, estes estudos exploram a diversidade de modelos de paternidade na atualidade. As autoras ainda destacam que o modelo patriarcal de família onde o pai é o provedor e tem autoridade sobre a mulher e os filhos está em crise, pontuando que essa crise tem se dado há algum tempo por conta da crescente conscientização feminina e das lutas constantes das mulheres visando uma emancipação. Além disso, as autoras enfatizam que “a decadência do modelo familiar patriarcal propicia novas concepções de papéis sociais e pauta (re)configurações da família moderna” e que “adaptando-se às transformações, as novas famílias criam espaços para que diferentes formas de relações sejam estabelecidas” (Perucchi & Beirão, 2007, p. 66). Nessa direção, ainda pontuam que entender a paternidade neste contexto de transformação é questionar papéis enrijecidos que foram naturalizados historicamente.

Um estudo comparativo desenvolvido pelas autoras Visentin e Lhullier (2019), que procurou investigar as representações sociais da paternidade de homens pais por meio de depoimentos realizados em 2004 e 2014, reforçou o entendimento da paternidade como construção social, tendo em vista as modificações identificadas pela investigação. A pesquisa constatou mudanças – interesse no universo infantil e maior envolvimento com os filhos – na forma como a paternidade é vivenciada e exercida enfatizando que as inúmeras transformações da sociedade refletem diretamente neste processo. As autoras identificaram que, aparentemente, está havendo uma evolução dos homens no que diz respeito ao que eles vêm construindo e elaborando sobre o processo da paternidade, dialogando diretamente com Silvia e Piccinini (2007).

Além disso, Visentin e Lhullier (2019) destacaram a disponibilidade do homem para uma maior abertura de acolhimento e doação de afetos como o pilar fundamental para a paternidade se constituir em uma vivência mais participativa, pois isso impulsiona o homem a exercer este papel de uma maneira mais saudável e satisfatória. Ademais, nesta pesquisa

concluiu-se que os homens irão encontrar os mais variados desafios para a paternidade de acordo com o contexto de cada momento histórico. Nessa direção, enfatizou-se também que existem diferentes modos de exercer a paternidade e que há uma diversidade e multiplicidade no que diz respeito ao papel de ser pai para além das transformações e adaptações que cada período histórico exige.

Andrade et al. (2006) destacam que a análise das significações de paternidade no processo de adoção de um bebê demonstra que os pais significam o filho como uma “continuidade” no mundo e decorrência “natural” do casamento. Buscando entender as complexidades que envolvem a paternidade neste processo de adoção, os autores apontaram através das investigações que a adoção surge como uma solução à infertilidade. No que diz respeito à vivência deste processo, os autores pontuaram que os pais “se dizem satisfeitos com o papel parental, mostrando paternidades multifacetadas e constantemente negociadas” (p. 241). Para além da questão da adoção, Andrade et al. (2006) discorre sobre as nuances das transformações dos papéis sociais embutidos na paternidade:

Essa ambivalência entre a moderna cultura da paternidade e a tradicional acaba aumentando os conflitos entre os casais na divisão dos cuidados infantis e pode gerar culpa naqueles pais, que vêem a distância entre o que fazem e o que deles é esperado. (Andrade et al., 2006, p. 242)

O apontamento de Andrade et al. (2006) é reafirmado por Romanelli (2003) citando que “a relação entre o genitor e a prole vem sofrendo alterações que são acompanhadas por outras, referentes à posição da mãe no interior da família e na esfera pública”. (p. 80). O autor também enfatiza que “embora assuma caráter distinto da convivência entre a mãe e os filhos, nem por isso a afetividade paterna é inexistente, nem deixa de ser importante no interior das relações familiares”, reiterando a expressão da afetividade dos pais para com os filhos

direcionado para o êxito na esfera pública, pois segundo Romanelli (2006) “os pais almejam que eles tenham sucesso profissional” (p. 83).

Em outro estudo sobre paternidade, que investigou o envolvimento paterno e o percurso da paternidade na adolescência, Jager e Dias (2014) ressaltaram que este processo implica um papel que transcende o ato de procriar, seja vivido na fase adulta ou adolescente. Segundo os autores, “ser pai é exercer, de fato, a função paterna, é envolver-se efetivamente com o filho” (Jager e Dias, p. 46, 2014). Jager e Dias (2014) também enfatizaram a importância do envolvimento paterno especialmente nos primeiros anos de vida, citando que “o desenvolvimento psicológico da criança é impulsionado pelo seu envolvimento em interações recíprocas com pessoas com quem estabelece relação emocional mútua e permanente” (Jager e Dias, p. 46, 2014).

Jablonski et al. (2004) trazem que neste século a questão da paternidade vem se tornando o foco de pesquisas, tendo em vista às novas demandas atuais das funções parentais. Nesse sentido, os autores citam que a crise da masculinidade “encontra seu fio condutor na paternidade: através da relação com os filhos, de sua participação na casa, o homem revive experiências circunscritas ao seu ambiente familiar de origem” (p. 347). Para os autores:

O exercício da paternidade, incluindo cuidados corporais e necessidades afetivas dos filhos, pode ser um caminho para a construção de um novo homem, pois uma das características do modelo tradicional de masculinidade, é a dificuldade que eles têm de expressar afeto e ternura (p; 347). [...] É certo que o tema da paternidade está muito presente, dentro e fora do âmbito acadêmico, acerca da identidade masculina e da “nova paternidade”. E, conforme afirmado anteriormente, a paternidade oferece ao homem a possibilidade de aprender a lidar com suas emoções e a expressá-las. Trata-se de um movimento que se está presenciando e que pode ocorrer de forma lenta, mas que, sem dúvida, já começou. (Jablonski et al., p. 355, 2004)

Ampliando esta discussão, Ribeiro et al. (2015) objetivaram problematizar a paternidade a partir da parentalidade, levando em consideração os rearranjos dos papéis de gênero e a relação de trocas de bens de cuidado. A partir disso, constatou-se a necessidade de também identificar o homem como um sujeito de direito de saúde no processo da parentalidade. Desse modo, é fundamental a compreensão e o entendimento de não focalizar apenas na díade mãe-bebê neste percurso.

Segundo Ribeiro et al. (2015), é preciso valorizar a dimensão experiencial dos sujeitos, independentemente de ser homem, mulher, usuário ou profissional. Somente desta forma, é possível pensar a possibilidade de derrubar as fronteiras entre sexo e gênero no que diz respeito às práticas parentais e as práticas dos profissionais de saúde. Ou seja, é necessário se reinventar para problematizar as divisões pautadas no sexo/gênero para que seja possível construir ações de promoção eficazes na saúde que possam englobar a maternidade e também a paternidade, tendo em vista que a inclusão do pai nestes espaços de afeto e cuidado exige a mudança de um paradigma arraigado na nossa cultura e que exige alterações em outras dimensões, como por exemplo, na família e nos espaços de trabalho (Ribeiro et al., 2015; Cortez et al., 2016).

Sobre isso, Botton et al. (2015) objetivaram compreender a prática dos papéis parentais a partir dos aspectos de gênero, visando analisar a influência dos estereótipos no exercício da paternidade e maternidade. Foi observado que a presença de estereótipos de gênero reverbera negativamente em meninos e meninas, pois gera retrocessos na educação não-sexista e na consolidação de uma sociedade mais igualitária para homens e mulheres. Também se constatou que existe a tentativa de uma quebra com os padrões tradicionais de gênero, ainda que perdurem valores enrijecidos para homens e mulheres.

Botton et al. (2015) ressaltam ainda que, as “atitudes de homem” e “atitudes de mulher” são comportamentos estereotipados apreendidos na família e propagados por meio das gerações. Isso acaba se tornando uma barreira para explorar a multiplicidade de possibilidades

para vivenciar tanto a masculinidade como a feminilidade, refletindo diretamente nas práticas parentais e na vivência de ser pai e mãe.

Ainda que existam impedimentos para poder avançar mais e que a caminhada seja gradativa, notou-se que a tentativa de equidade de gênero tem se mostrado mais presente nos dias atuais. Nesse sentido, Botton et al. (2015) reafirmam que inúmeras configurações familiares emergiram nas últimas décadas e, por conta disso, a constituição da família demanda um novo olhar na atualidade. Como aponta Botton et al. (2015), ser pai e ser mãe exige uma compreensão mais ampla e diversa, transcendendo o modelo tradicional de família.

É na permissão da cor rosa para o menino e nas brincadeiras de luta para as meninas, na autorização ao pai para trocar as fraldas e levar à escola enquanto a mãe viaja a trabalho, no trato igualitário entre adolescentes de ambos os sexos sobre lugares que podem frequentar e com que idade, ou sobre o (não) auxílio nos serviços domésticos, por exemplo, que as mudanças em relação à desigualdade de gênero no âmbito doméstico poderão se concretizar. (Botton et al., 2015, p. 53).

Botton et al. (2015) ressaltam que discursos, vivências e práticas efetivas e conscientes são fundamentais para construir uma educação não-sexista, fazendo emergir a possibilidade de viver uma quebra de estereótipos e modelos de gênero enrijecidos que acabam restringindo as vivências de cada indivíduo. Pois, como aponta Botton et al. (2015), “Enquanto houver disparidade nas interpretações que se faz do que é ser menino/homem ou menina/mulher, haverá todas as formas de violência e represália contra as minorias sociais” (Botton et al., 2015, p. 53).

Em outro estudo sobre práticas parentais, desenvolvido por Silvia e Pereira (2018), foi constatado que existe um declínio do modelo de família patriarcal e, com isso, novas formas de família passaram a se constituir. Nesses novos modelos, as estruturas familiares passaram a se compor de um modo mais participativo. Sendo assim, o estilo autoritário do modelo

tradicional tem se diluído nas novas concepções de família que tem emergido atualmente. Silva e Pereira (2018) denominaram as práticas educativas parentais como os comportamentos das crianças que são orientados pelos pais ou outros responsáveis que assumem a função parental.

Fazendo um paralelo com o estudo desenvolvido por Maia e Soares (2019), que objetivou comparar a percepção das práticas parentais de pais e mães por meio da percepção dos filhos, nesta investigação foi observado a necessidade de desenvolver habilidades sociais que valorizem os vínculos e estimulem interações sociais, ou seja, é primordial que haja uma troca fomentada por práticas positivas – e não impositivas e autoritárias –, como nos modelos tradicionais em que havia uma hierarquia inquestionável.

Por fim, cabe ressaltar que, segundo Hennigen e Guareschi (2002), “a paternidade é uma experiência humana profundamente implicada com propósitos sociais e institucionais que a legitima, ou seja, uma construção que deve ser compreendida face ao contexto sociocultural de um tempo” (2002, p. 11). Desse modo, é fundamental aprofundarmos a compreensão do entendimento da paternidade a partir da experiência e do contexto atual.

Gerações: Baby Boomer, X e Y

O termo geração é designado a um grupo de pessoas que compartilha as mesmas idades ou anos de nascimento e vivenciaram em uma determinada época eventos históricos e sociais significativos em estágios críticos do desenvolvimento, os quais influenciaram suas crenças, atitudes e valores. O interesse sobre o tema da diversidade geracional veio a crescer no século XXI (Kupperschmidt, 2000; Westerman & Yamamura, 2007; Parry & Urwin, 2017; Veloso et al., 2012).

As pessoas nascidas logo após o término da Segunda Guerra Mundial constituem a geração Baby Boomer. Estes jovens vivenciaram o início da Guerra Fria e os conflitos no Vietnã. No Brasil, os jovens Boomers lutaram contra a ditadura instaurada em 1964 visando

reestabelecer a democracia no país. Nesta geração, surge o movimento feminista e intensificam-se as lutas pela diversidade. A geração X é composta pelos jovens que passaram em sua juventude pelo fim da Guerra Fria. No Brasil, os jovens brasileiros da geração X experienciaram o fim da ditadura militar e o processo de redemocratização no país. Além disso, essa geração se mostrou mais aberta com a diversidade, tendo em vista as ações que fecundaram na geração anterior. A geração Y é formada por pessoas que, quando jovens, se depararam com o mundo pós Guerra Fria. Com o advento da internet, as informações se tornaram mais acessíveis e essa gama de conhecimento fomentou uma inserção profissional mais qualificada desta geração. No mundo, os jovens da geração Y assistiram os Estados Unidos se ascender e se solidificar como a maior potência econômica e militar global. No Brasil, a geração Y presenciou o processo de impeachment do presidente Fernando Collor. Os pesquisadores que investigaram os perfis das gerações Baby Boomers, X e Y não divergem significativamente na descrição dos atributos das pessoas que compõem esses grupos. Entretanto, os autores nem sempre apresentam com exatidão os mesmos períodos de nascimento dos integrantes das gerações para identificá-los (Velooso et al., 2016; Santos, 2011; Williams & Page, 2014).

Utilizaremos o recorte geracional proposto por Williams e Page (2014) para delimitar a amostra do estudo com homens pais. Segundo os autores, a geração Baby Boomer corresponde às pessoas nascidas entre 1946 e 1964. Já a geração X é constituída pelas pessoas que nasceram entre 1965 e 1976, enquanto a geração Y é composta pelas pessoas que nasceram entre 1977 e 1994. Nesta investigação, serão entrevistados apenas os pais da geração X (entre 46 e 57 anos) e Y (entre 28 e 45 anos) pelo fato desses dois públicos serem mais acessíveis por meio da técnica bola de neve, que se pauta em indicações para a composição da amostra do estudo.

1.1 Teoria das Representações Sociais: referencial teórico

A Teoria das Representações Sociais emergiu com Serge Moscovici nos anos sessenta do século passado, que visa guiar a análise acerca dos objetos de estudo que serão investigados neste trabalho. Nessa direção, Moscovici (2015) ressalta que o objetivo das teorias produzidas pelo senso comum é tornar familiar aquilo que é estranho, enfatizando que o que não tem explicação óbvia cria uma sensação de estranheza e, conseqüentemente, uma ação pela procura de sentido e de explicação.

Vala (2007) pontua que a representação está sempre direcionada a algo e expressa a relação do sujeito com um objeto. O autor ressalta que “é no quadro definido por uma partilha colectiva, mas sobretudo por um modo de produção socialmente regulado e por uma funcionalidade comunicacional e comportamental, que as representações sociais devem ser entendidas como fenômeno e como conceito” (Vala, 2007, p. 462).

Segundo Sá (1998), para gerar RS um objeto social deve ter suficiente “relevância cultural”. Nessa direção, buscando investigar o papel das representações sociais de paternidade e de masculinidade na experiência de paternidade de homens de diferentes gerações, bem como os efeitos dessa experiência sobre as RS de masculinidade, a TRS se mostra importante e necessária para compreensão destes fenômenos sociais. Moscovici (1978) aponta que a representação social é uma modalidade de conhecimento que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos. Sendo assim, as RS são conjuntos dinâmicos que produzem comportamentos por meio da sua interação com o ambiente, ou seja, ela não representa somente uma reprodução ou uma reação a um estímulo exterior. Desse modo, a TRS irá auxiliar na compreensão dos fenômenos investigados através do diálogo que ela se propõe a fazer.

Moscovici (1978) reforça que a função da TRS é contribuir para a compreensão dos processos formadores, na qual os dois processos maiores são a objetivação e a ancoragem.

Além disso, o autor enfatiza que a contribuição da RS também se estende para os processos de orientação das comunicações e comportamentos. Nesse sentido, o pensador francês ressalta o papel fundamental da TRS ao ofertar um instrumento de orientação de comportamentos e dar forma às relações sociais, posicionando as representações sociais como teorias sociais práticas. A RS é classificada como um sistema de valores, ideias e práticas com uma dupla função:

estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar em ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social. (Moscovici, 2015, p. 21)

Sá (1996) pontua que a TRS proposta por Moscovici favorece a junção de aspectos sociais e individuais para compreender de que modo os indivíduos constroem as realidades sociais. Sendo assim, a partir do entendimento da realidade social, a TRS se dispõe a romper com o que estava previamente estabelecido, tendo em vista o seu interesse no senso comum como objeto central de pesquisa. Segundo Morera et al. (2015), a compreensão e o entendimento da realidade são permitidos através da função do saber. Eles reforçam que é possível adquirir novos conhecimentos e integrá-los de uma forma compreensiva a partir do saber prático do senso comum. Nessa direção, Jovchelovitch (2014) aponta que a obra de Moscovici compreende a diversidade e vastidão do campo da atividade simbólica humana, sendo que este campo se apresenta como inúmeras possibilidades por meio das narrativas e práticas que os indivíduos transmitem, a partir do que veem, sentem, percebem e acreditam.

Bonfim e Almeida (1992) sustentam que a TRS possibilita avaliar os grupos sociais, ajudando na comparação, delimitação e definição dos mesmos, a partir de como eles se relacionam e as percepções que estes têm. Essa estruturação ocorre por meio de três dimensões: informação, campo de representação e atitude. A informação se constrói a partir da apreensão

de conhecimentos qualitativos ou quantitativos de um grupo. Já o campo de representação diz respeito a uma tendência de respostas em uma composição de grupo que compreende uma hierarquia de componentes, a partir das influências que são recebidas, ou constituindo um reforçamento entre grupos. Por fim, a atitude representa uma orientação positiva ou negativa sobre um objeto da RS.

Seguindo adiante, Almeida (2005) cita que a TRS teve vários desdobramentos. A autora ressalta que Jodelet, Doise e Abric – discípulos de Moscovici – construíram seus direcionamentos particulares para investigar as RS. Sá (1998) contextualiza sobre a TRS elaborada por Moscovici discorrendo sobre as três escolas que foram geradas através dos seus desdobramentos:

Podemos, por exemplo, aderir à perspectiva de Jodelet, porque queremos dar conta de uma maneira maximamente compreensiva da representação de um dado objeto por um dado conjunto social. Não obstante, podemos associar a casa meticulosa extração das representações sociais a partir de seus variados suportes, o que configura uma orientação etnográfica de base, uma configuração acerca dos “lugares” específicos de onde “fala” a representação, o que é certamente relevante no caso de uma sociedade urbana contemporânea, de sociedade orgânica (para usar um conceito de Durkheim), e pode ser mais bem apreciado no quadro de uma perspectiva sociologicamente orientada como a de Doise. Agora, se além de combinar essas duas perspectivas, também nos interessa comparar as complexas representações constituídas em dois diferentes lugares ou momentos, consideradas suas relevâncias em termos sociais e/ou culturais, o melhor recurso disponível no campo das representações sociais é proporcionado pela perspectiva mais cognitiva ou psicológica da teoria do núcleo central. (Sá, 1998, p. 78)

A partir deste entendimento, o presente estudo se propõe a utilizar da abordagem processual – culturalista – de Jodelet. Segundo Almeida (2005), a corrente de Jodelet valoriza

a articulação entre as dimensões sociais e culturais que regem as construções mentais coletivas. Almeida (2005) enfatiza que a autora é “grande responsável por manter atual a proposição original de Moscovici e a ela devemos o trabalho de sistematização e divulgação da teoria” (p. 128). Félix et al. (2016) também apontam que “a abordagem processual (ou culturalista) compreende as RS como o estudo dos processos e dos produtos através dos quais os sujeitos e os grupos constroem e significam o mundo, integrando as dimensões sociais e culturais com a história” (p. 200). Desse modo, podemos compreender que esta abordagem da Jodelet dialoga diretamente com a investigação que o presente estudo se propõe a fazer: a investigação das significações dos homens em relação à paternidade e a masculinidade. Neste sentido, Jodelet (2001) explana que as indagações acerca da exploração do conjunto de elementos e as relações que são perpassadas podem ser resumidos na seguinte expressão: “Quem sabe e de onde sabe? — O que e como sabe? — Sobre o que sabe e com que efeito?” (p. 17) e, por fim, abrindo-se para três ordens de problemas “a) condições de produção e de circulação; b) processos e estados; c) estatuto epistemológico das representações sociais. Essas problemáticas são independentes e subsumem os temas dos trabalhos teóricos e empíricos” (Jodelet, 2001, p. 17).

Segundo Gomes (2004), a transformação do não-familiar em familiar ocorre por meio de dois processos importantes que são a ancoragem e a objetivação. Sobre a objetivação, Vala (2007) cita que este processo representa a organização dos componentes que englobam a representação e ao processo em que estes componentes constituem sua materialidade, se tornando assim uma expressão de uma realidade percebida como natural. O autor discorre sobre os três momentos que envolvem o percurso da objetivação. O primeiro momento é a construção seletiva, em que emerge um processo de seleção e descontextualização das crenças e ideias acerca do objeto da representação. Neste caso, visa-se a formação de um todo minimamente coerente, ou seja, uma nova estrutura que seja capaz de avaliar e explicar. Posteriormente, a segunda etapa da objetivação diz respeito ao processo de organização e esquematização dos

elementos, na qual busca-se construir um padrão de relações estruturadas – revestida de uma dimensão figurativa ou imagética. Por fim, na etapa de naturalização, as categorias naturais se constituem e adquirem materialidade por meio das relações e dos conceitos retidos no esquema figurativo no terceiro e último momento da objetivação.

Analisar o processo de objectivação consiste, assim, em identificar os elementos que dão sentido a um objecto, a sua seleção de um conjunto vasto de conceitos, as relações entre esses conceitos (reconstrução de um esquema), a sua figuração e as modalidades que assume a sua naturalização. (Vala, 2007, p. 467-468)

Sobre a ancoragem, Vala (2007) contextualiza este conceito como um dos processos que também constituem as representações sociais, na qual Moscovici (1978) aponta que neste processo a representação – quando formada – passa a organizar as relações sociais. Sendo assim, os autores pontuam que a ancoragem retrata a função social das representações e sua eficácia social. Nessa direção, Moscovici (1978) ressalta que enquanto a objetivação permite entender como os elementos representados se integram enquanto realidade, a ancoragem possibilita a compreensão do modo em que eles contribuem e se constroem para constituir as relações sociais.

A ancoragem consiste em perceber o conhecimento novo pela janela do conhecimento antigo, isto é, o estranho é classificado de acordo com algum conhecimento existente na memória do sujeito por um processo de aproximação e similitude. Já a objetivação é o processo pelo qual o sujeito transforma o conhecimento novo, seja ele noções, ideias, imagens etc., em objetos, coisas concretas e materiais, denominados realidade da vida cotidiana. (Gomes, 2004, p. 45)

Vala (2007) aponta que a representação social funciona como um código codificador de interpretação que ancora o não familiar e/ou desconhecido. Ou seja, o autor se refere a ancoragem como um processo de instrumentalização social do objeto que está sendo

representado, funcionando como um estabilizador do meio e levando a produção de transformações nas representações que já foram construídas. Nesse sentido, Moscovici (1984) cita que nas representações sociais os sistemas de categorização adquirem sentido e passam a se tornar o produto de uma teoria e, desse modo, deixam de ser apenas um produto do acaso. Dialogando com essa questão, Vala (2007) pontua que as representações sociais apresentam uma rede de significados que possibilita a ancoragem da ação e uma atribuição de sentido aos acontecimentos, conceituando o processo de ancoragem como assimilação de um novo objeto por outros que já estão presentes no sistema cognitivo. Segundo o autor, as âncoras são retratadas pelos objetos que vão possibilitar a construção da representação de um novo objeto. Sendo assim, este processo se apresenta como a redução do novo ao velho e a reelaboração do velho para o novo. Contudo, para selecionar estas âncoras é preciso compreender os mecanismos que obedecem a esta seleção. Nessa direção, existem duas perspectivas que norteiam o entendimento sobre a análise deste processo. Doise (1992) discorre sobre a primeira perspectiva apontando três tipos de ancoragem das representações sociais: psicológicas, sociológicas e psicossociológicas. As ancoragens psicológicas dizem respeito às análises individuais e/ou interindividuais que constituem a representação, remetendo a uma perspectiva diferencialista. Já a ancoragem sociológica, refere-se a análise da relação entre os conteúdos de uma representação e as pertencas sociais, buscando compreender as hipóteses a partir das experiências dos membros de um grupo. Por fim, a análise psicossociológica, inclui a relação entre as identidades sociais e as representações sociais a partir da maneira como os indivíduos circunscrevem os conteúdos das representações. (Vala, 2007; Doise, 1992).

Sobre a segunda perspectiva na análise da ancoragem das representações sociais, o autor Vala (2007) pontua que este estudo “consiste em estudar os efeitos dos contextos de comunicação, em que uma representação sobre um objecto é produzida ou activada, sobre significados nucleares atribuídos a esse objeto” (Vala, 2007, p. 476). Este estudo se pauta em

três sistemas de comunicação: propagação, difusão e propaganda. Sendo que, estes sistemas de comunicação se apresentam como sistemas de relações sociais. Na propagação, as mensagens são dirigidas ao próprio grupo que a emitem, visando a harmonização do objeto da comunicação com os princípios que caracterizam o grupo. Desse modo, sua finalidade é integrar nos sistemas de valores do grupo uma nova informação. Já na difusão, a comunicação não é direcionada diretamente a um grupo, mas a uma pluralidade de públicos. Esta mensagem se organiza de forma indefinida ignorando completamente as diferenciações sociais. Por fim, a propaganda se mostra como uma visão conflitual, pois ao mesmo tempo que fomenta a afirmação da identidade de um grupo, ela também cria uma imagem negativa e distorcida do outro. (Vala, 2007; Doise, 1992; Moscovici, 1978; Moscovici, 1984).

Para Vala (2007), “quando falamos da ancoragem e quando nos referimos à função das representações na diferenciação dos grupos sociais, enunciamos as bases para análise do processo de construção social das representações sociais numa perspectiva psicossociológica” (Vala, 2007, p. 491-492). Vala (2007) aponta que em um primeiro nível de análise, a ancoragem das representações sociais refere-se às suas consequências ou funcionalidade social, ou seja, elas se definem enquanto âncoras que sustentam a construção das categorias. Desse modo, a ancoragem apresenta-se como produtora de categorias identitárias e dos conteúdos das representações. Em um segundo nível da análise, a ancoragem constitui aspectos dedutivos, ou seja, ela reporta às âncoras que constroem o processo das representações sociais. O autor cita que essa articulação possibilita dois processos básicos: categorização social e comparação social, sendo que “o primeiro permite uma abordagem sociocognitiva dos conceitos de grupo e identidade social; o segundo permite compreender como se estruturam as representações no interior dos grupos sociais” (Vala, 2007, p. 496).

Vala (2007) também discorre sobre a diferenciação proposta por Moscovici em relação aos tipos de representações sociais. Segundo o autor, as representações sociais hegemônicas se

definem como formas de entendimento e/ou significado compartilhados por um grupo estruturado. Já as representações sociais emancipadas são designadas pela cooperatividade entre os grupos e pela troca de significados distintos referentes a um mesmo objeto. Por fim, as representações sociais polêmicas são reflexo da diferenciação das relações entre os grupos e denotam pontos de vistas singulares sobre um mesmo objeto.

A partir do quadro formulado por Vala (2007), o autor sugere as representações sociais hegemônicas se constituindo a partir da propagação. Quanto às representações sociais polêmicas, elas emergiriam por meio da propaganda. E, por fim, as representações sociais emancipadas se construiriam através da difusão. Nesse sentido, ele pontua:

estudar as representações a partir da sua ancoragem em sistemas de comunicação diferentes poderá ajudar-nos, por um lado, a identificar o seu caráter hegemônico, consensual ou polemico, e permitirá, por outro lado, associar a construção das representações a processos de comunicação diferenciados, a diferentes sistemas de regulação social e a diferentes tipos de relações intra e intergrupais. (Vala, 2007, p. 478).

Neste estudo, nós buscamos identificar os conteúdos de RS a partir da investigação das significações dos homens em relação a paternidade e masculinidades em articulação à noção de experiência (Jodelet, 2005). Jodelet cita que a noção de experiência abre a possibilidade de transpassar do coletivo ao singular e do social ao individual, sem que as RS venham a perder o seu funcionamento. A noção de experiência se constrói em duas dimensões: *erfahrung*, experimentação sobre o mundo, e *erlebnis*, experiência vivida. Essa noção de experiência é entendida como a forma que as pessoas sentem uma situação e como elas elaboram isso que experienciam em seu foro mais íntimo (Jodelet, 2005).

a experiência vivida remete sempre a uma situação local concreta; ela é uma forma de apreensão do mundo pelas significações que ela ali investe; ela comporta elementos

emocionais que remetem às subjetividades particulares; ela é elaborada em sua expressão e sua conscientização através de códigos e categorias de natureza social; ela é, frequentemente, analisada a partir do reencontro intersubjetivo implicando uma base de saberes e de significações comuns; ela reclama a autenticação pelos outros; ela tem funções práticas na vida cotidiana, remetendo ao mundo de existência dos sujeitos em sua realidade concreta e viva. (Jodelet, 2005, p. 44-45)

Segundo Jodelet (2009), o trabalho da TRS visa valorizar os saberes do senso comum que até então eram entendidas como ilegítimas. Ou seja, a autora enfatiza que a TRS objetifica uma análise ampliada dos contextos de ação por meio de uma reinterpretação das situações da vida através do ponto de vista dos próprios atores. Por conta dessa investigação mais complexa, o que a TRS propõe é ainda mais desafiador.

a abordagem de representações sociais pode fornecer, para uma mudança social ao nível individual ou coletivo e qualquer que seja o domínio de intervenção, a melhor contribuição, mas também a mais difícil. A melhor, porque os modos que os sujeitos possuem de ver, pensar, conhecer, sentir e interpretar seu modo de vida e seu estar no mundo têm um papel indiscutível na orientação e na reorientação das práticas. A mais difícil, pois as representações sociais são fenômenos complexos, incitando um jogo de numerosas dimensões que devem ser integradas em uma mesma apreensão e sobre as quais é necessário intervir conjuntamente. (Jodelet, 2009, p. 695)

Jodelet (2009) pontua a importância de significar os atores sociais não como indivíduos isolados, mas sim como atores ativos. Nesse sentido, a autora ressalta que os sujeitos são diretamente afetados pelos aspectos da vida cotidiana e, por conta disso, existe um contexto social de interação em que o desenvolvimento desses atores ocorre. Jodelet (2009) também discorre sobre as três esferas pelas quais o sujeito constitui e/ou integra suas representações. A primeira esfera diz respeito a noção de subjetividade, que opera no nível dos indivíduos eles-

mesmos, sendo que esses processos podem ser de natureza cognitiva, emocional e dependem de uma experiência de vida do sujeito. A segunda esfera, da intersubjetividade, se refere às situações que contribuem para que as representações se estabeleçam através da interação com os sujeitos, remetendo-se às elaborações negociadas e estabelecidas pela comunicação verbal direta. Por fim, a terceira esfera, da transubjetividade, se constitui de elementos do nível subjetivo e intersubjetivo, ou seja, tanto os indivíduos e os grupos, como também as trocas verbais e os contextos de interação e produções discursivas.

Vala (2007) discorre reafirmando a importância de a sociologia do conhecimento analisar não somente os processos que constroem a realidade social, como também os processos pelos quais o conhecimento se objetiva, institucionaliza e se legitima. Nesse sentido, o autor pontua que a TRS serve a este propósito. Segundo Jodelet (2009), as representações tem uma função expressiva e são sempre de alguém, sendo assim, estão diretamente vinculadas a um sujeito. A autora reforça que é através delas que os estudos sobre as representações nos possibilitam acessar significados que os sujeitos atribuem a um campo no meio social e material, tanto no âmbito individual como no coletivo. Ou seja, é dessa forma que podemos investigar como estes significados dialogam com a sensibilidade, os desejos, os interesses, as emoções e, por fim, o funcionamento cognitivo.

Investigar essas variações em audiências efetivas, explorar seus critérios distintivos de conhecimento significativo e válido, relacionando-os a sua posição no interior da sociedade, e examinar os processos sociopsicológicos pelos quais eles operam para constranger certos modos de pensamento constitui um procedimento que promete levar a pesquisa na sociologia do conhecimento do plano da imputação geral ao da investigação empírica testável. (Merton, 2013, p. 150-151)

Jodelet (2009) afirma que um acontecimento e/ou objeto visualizados por horizontes distintos dá espaço a negociações de interpretação e confrontos de posicionamentos pelos quais

estes sujeitos venham a exprimir uma pertença e identidade através daquilo. Nesse sentido, a autora reforça que falar do sujeito no estudo das RS é discorrer sobre o que está por trás das suas experiências e, conseqüentemente, os processos que perpassam suas dimensões físicas, cognitivas e a reflexividade do indivíduo.

Dialogando com Moscovici e Hewstone (1984) e Tajfel (1982), Vala (2007) discorre sobre as três funções sociais que podem ser atribuídas às representações sociais são: causalidade social ou explicação dos acontecimentos sociais; justificação dos comportamentos; diferenciação social. Sendo assim, entende-se que a função das representações sociais é a atribuição de sentido e que a transformação da avaliação em descrição e da descrição em explicação é o que caracteriza a maneira que uma representação social se constitui.

Nesse sentido, Moscovici (2015) enfatiza que as RS surgem não somente como uma forma de entender um objeto em particular, mas principalmente como uma maneira de compreender a identidade que um sujeito ou grupo adquire. Sendo assim, segundo Moscovici (1988), o propósito da TRS é apreender a vida social em construção, para além da vida social estabelecida. Assim, ele reforça que se busca entender a inovação mais do que a tradição, e é nessa direção que se caminhou para desenvolver este estudo.

É válido enfatizar que já foram desenvolvidos estudos sobre paternidades e/ou masculinidades com base na TRS, alguns, inclusive, foram apresentados anteriormente no tópico 1.2. (tais como de Barros et al, 2006; Barros & Trindade, 2007; Cortez et al., 2016; Cortez et al., 2017; Visentin & Lhullier, 2019). Ainda assim, ampliar esta discussão se faz necessária e importante para que possamos agregar ainda mais o aprofundamento deste debate.

2. Objetivos

2.1 Objetivo geral

- Investigar o papel das representações sociais de paternidade e de masculinidade na experiência de paternidade de homens pais, bem como os efeitos de tal experiência em relação às suas representações sobre ser homem.

2.2 Objetivos específicos

- Descrever as experiências de paternidade de homens
- Identificar as RS de paternidade de homens
- Investigar RS de masculinidade de homens pais
- Verificar como tais RS se articulam com a experiência desses homens

3. Método

Para o desenvolvimento deste trabalho, propôs-se uma pesquisa qualitativa. Este estudo possibilitará uma análise mais detalhada dos temas de interesse, e a articulação dos resultados por meio desta estratégia metodológica nos trará uma compreensão ampliada do objeto de pesquisa. Este aprofundamento propiciado por esta pesquisa permite um entendimento mais contextualizado das vivências dos participantes. A partir disso, podemos apreender e compreender as representações sociais que dialogam diretamente com as crenças, comportamentos e sentimentos dos homens pais a partir das suas experiências relatadas nas entrevistas realizadas.

3.1 Participantes

Para a justificativa do número de participantes, utilizamos a técnica de saturação de Gaskell (2000/2002). A realização de mais entrevistas não significa necessariamente mais

qualidade da pesquisa, pois a saturação dos dados ocorre geralmente quando são analisadas de 8 a 12 entrevistas (Gaskell, 2002/2002; Guest et al. 2006; Thiry Cherques, 2009). A saturação dos dados ocorre em sua maior parte no momento em que são analisadas 12 entrevistas, tendo em vista que após a análise de 12 entrevistas surgem novos temas com pouca frequência e o acréscimo de dados não altera o entendimento do fenômeno investigado. Para que se atinja a saturação, é necessário um mínimo de 8 investigações (Guest et al., 2006; Thiry-Cherques, 2009).

O recorte geracional proposto por Williams e Page (2014), já mencionado, foi utilizado nesta pesquisa para delimitar a amostra do estudo com homens pais. Nesta investigação, foram entrevistados apenas pais da geração X (entre 46 e 57 anos) e Y (entre 28 e 45 anos). O critério para a participação na pesquisa era ser homem, ser pai, se identificar com o sexo biológico e residir na região sudeste.

Desse modo, foi definido dois grupos específicos de homens pais a serem entrevistados e foi estabelecido previamente um número de 8 a 12. Contudo, no decorrer da realização das entrevistas sobressaiu um número maior de entrevistados da geração Y. Sendo assim, para equiparar a amostra das gerações no decorrer do percurso de investigação e aplicação do instrumento, foram realizadas mais entrevistas com participantes da geração X, chegando em um total de 15 entrevistas feitas com homens pais – 9 com a geração Y e 6 com a geração X. Visando o sigilo dos dados dos homens pais que foram entrevistados, utilizou-se nomes fictícios para garantir o anonimato dos participantes.

Os participantes residiam no estado do ES. Os homens pais da geração Y que participaram do estudo tiveram uma variação de idade de 28 a 42 anos, sendo a média destes participantes 37,1 anos. Já os homens pais da geração X que participaram do estudo tiveram uma variação de 46 a 54 anos, sendo a média destes participantes 49,8 anos. Desse modo, a

diferença entre a média de idade dos participantes de uma geração para outra foi de aproximadamente 13 anos de diferença.

Sobre a escolaridade dos participantes da geração Y, um homem pai não concluiu o ensino fundamental, quatro homens pais concluíram o ensino médio, três homens pais concluíram o ensino superior e apenas um homem pai tinha pós-graduação completa. Quanto aos homens pais da geração X, dois homens pais não completaram o ensino fundamental, três homens pais completaram o ensino fundamental e um homem pai não havia completado o ensino superior.

Em relação ao estado civil dos homens pais participantes da geração Y, oito são casados e apenas um é solteiro. Em relação aos homens pais da geração X, quatro são casados, um é solteiro (mas está namorando) e um está em união estável com a companheira há vinte anos.

No que diz respeito ao número de filhos, seis homens pais da geração Y tem dois filhos, dois homens pais tem um filho e um homem pai tem 3 filhos. Na geração X, três homens pais têm três filhos, um homem pai tem dois filhos, um homem pai tem quatro filhos e perdeu um filho e um homem pai tem uma filha e perdeu outra filha.

Tabela 1 – Caracterização da Amostra

Participante/ Geração Y	Idade	Estado Civil	Filhos (Idade, número, sexo)	Com quem mora	Escolaridade	Profissão	Trabalho atual	Renda familiar em salários mínimos (R\$1212,00)	Esposa/parceira trabalha	Profissão/ocupação da esposa/parceira
Alessandro, geração Y	40	Casado	1 filha: 6 anos.	Esposa e filha	Pós-graduação completa	Servidor Público	Prefeitura	6 a 7 salários mínimos	Sim	Bancária
Basílio, geração X	47	União Estável	3 filhas: 19, 17 e 15 anos	Parceira e filhas	Ensino fundamental incompleto	Mecânico	Mecânico	4 a 5 salários mínimos	Sim	Costureira
Cláudio, geração Y	37	Casado	3 filhas: 16, 14 e 11 anos	Esposa e filhas	Ensino fundamental incompleto	Lavrador	Lavrador	2 a 3 salários mínimos	Sim	Lavradora
Danilo, geração Y	28	Solteiro	1 filha: 7 meses	Mãe e avó	Ensino médio completo	Frentista	Frentista	2 a 3 salários mínimos	Sim	Comércio
Emerson, geração Y	42	Casado	2 filhos: 1 filho de 5 e 1 filha de 9 anos	Esposa e um filho	Ensino médio completo	Empreendedor	Comércio	6 salários mínimos	Sim	Servidora Pública

Flávio, geração Y	34	Casado	2 filhos: 10 e 4 anos	Esposa e filhos	Ensino Superior completo	Vendedor	Vendedor	5 salários mínimos	Não	Cuidar da casa
Gilmar, geração Y	40	Casado	2 filhos: 1 filho de 3 anos e 1 filha de 6 anos	Esposa, filhos, pai, mãe e irmão	Ensino médio completo	Caminhoneiro	Caminhoneiro	8 salários mínimos	Sim	Contadora
Wladimir, geração X	46	Casado	2 filhos: 1 filha de 17 anos e 1 filho de 8 anos	Esposa e filhos	Ensino superior incompleto	Servidor Público	Prefeitura	6 salários mínimos	Sim	Servidora Pública
Oswaldo, geração Y	42	Casado	2 filhos: 1 filha de 21 anos e 1 filho de 12 anos	Esposa e um filho.	Ensino médio completo	Empreendedor	Materiais de Construção	33 salários mínimos	Sim	Administradora
Adenor, geração X	48	Solteiro	4 filhos: 23, 18, 12 e 10 anos. (perdeu 1 filho com 28 anos)	Parceira e os filhos da parceira (3 filhos e 1 filha)	Ensino fundamental incompleto	Servidor Público	Prefeitura	2 a 3 salários mínimos	Sim	Faxineira
Ronaldo, geração Y	34	Casado	2 filhas: 5 e 2 anos	Mora com um amigo	Ensino superior completo	Farmácia	Estudante de Medicina	10 a 15 salários mínimos	Sim	Engenheira ambiental e bióloga
Wilson, geração Y	37	Casado	2 filhos: 1 filho de 6 anos e 1 filha de 2 anos	Esposa e filhos	Ensino superior completo	Enfermeiro	Enfermeiro	6 salários mínimos	Sim	Pedagoga
Roberto, geração X	54	Casado	3 filhos: 2 filhos com 35 e 26 anos e 1 filha com 29 anos	Esposa	Ensino fundamental completo	Servidor Público	Prefeitura	3 a 4 salários mínimos	Não	Cuidar da casa
Cássio, geração X	53	Casado	3 filhos: 22, 19 e 9 anos	Esposa e filhos	Ensino fundamental completo	Lavrador	Lavrador	10 salários mínimos	Sim	Servidora Pública
Geraldo, geração X	51	Casado	1 filha de 25 anos (perdeu 1 filha de 22 anos)	Esposa	Ensino fundamental completo	Lavrador	Lavrador	3 a 4 salários mínimos	Sim	Empreendedora

3.2 Instrumento e Procedimento de coleta dos dados

O instrumento utilizado que orientou a condução do encontro foi uma entrevista qualitativa com roteiro semiestruturado (Apêndice A). Por meio do instrumento escolhido, foi possível que os participantes do estudo recordassem de suas experiências individuais – e singulares – da paternidade e, a partir disso, pudessem discorrer sobre as práticas rotineiras e

suas expectativas em relação ao “ser pai” e “ser homem”, a fim de explicitarem os sentidos embutidos em suas falas.

Para garantir o acesso aos homens neste trabalho, foi utilizada a técnica bola de neve para a seleção dos participantes da pesquisa, que se pauta em indicações para a composição da amostra do estudo. Sendo assim, a partir de pessoas próximas do pesquisador, foram feitos contatos via celular e WhatsApp antes da aplicação da entrevista para que pudessem ser explicadas as finalidades e procedimentos da pesquisa, para posteriormente realizar o agendamento com os homens pais interessados em participar voluntariamente do estudo. Houve apenas uma recusa de um homem pai justificada pela falta de tempo.

Todas as entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade de horário de cada um dos homens pais participantes. As entrevistas com os homens pais foram realizadas individualmente pelo próprio entrevistador, na residência de cada um dos participantes, exceto por quatro homens pais – um foi entrevistado em seu devido empreendimento em uma sala separada, outros dois homens pais foram entrevistados em uma sala separada em um evento familiar e um homem pai foi entrevistado no seu próprio carro para poder ligar o ar condicionado e ficar mais à vontade para conversarmos. O tempo das entrevistas foi de em média uma hora. Contudo, levando em consideração o fato de que houve conversas informais tanto antes quanto após a aplicação do instrumento, o encontro se estendeu para duas horas em média.

Nenhuma das entrevistas que foram feitas teve interrupção, ou seja, a condução foi tranquila e não houve intercorrência nos processos de aplicação. Foi garantida a privacidade de cada um dos participantes, tendo em vista que envolviam questões pessoais e delicadas a serem exploradas na entrevista. Além disso, para que todos ficassem confortáveis, foi ressaltado a realização da aplicação em um local em que o participante pudesse se sentir mais confortável, a critério de cada homem pai entrevistado.

Antes do início de cada entrevista, conversava com os participantes sobre outros assuntos que não tinham a ver com o estudo com a finalidade de deixá-los mais tranquilos. Posteriormente, era apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) para solicitar a concordância na participação da pesquisa e a gravação da mesma. Todos os homens pais estiveram de acordo com o TCLE e a gravação dos encontros. As entrevistas foram realizadas no mês de outubro de 2022.

3.3 Questões éticas e análise de riscos e benefícios

A confiança previamente estabelecida com os participantes do estudo, a partir de um diálogo mais informal antes da aplicação do instrumento, permitiu uma expressão espontânea da experiência da paternidade dos homens pais que contribuíram com a pesquisa. Deste modo, isso possibilitou com que os participantes pudessem falar abertamente sobre situações pessoais com profundidade, favorecendo a interação e a riqueza da troca construída nas entrevistas que foram feitas.

Houveram passagens em que os participantes se emocionaram diante das situações que estavam revivendo com as entrevistas, sendo recordados momentos bons e ruins por parte dos integrantes do estudo. Inclusive, em algumas das situações mais delicadas que foram compartilhadas, o pesquisador também foi muito tocado pelo que foi expressado nos encontros, principalmente quando em um dos relatos um participante falou sobre a perda de uma das filhas.

Ao final das gravações, alguns dos participantes questionaram sobre a vida do pesquisador, indagando principalmente sobre a questão de ser ou não pai. Todos que fizeram este questionamento, reforçaram o quão valioso era essa experiência, ressaltando que um dia o pesquisador irá entender com mais clareza essa vivência, caso venha de fato a se tornar pai.

A pesquisa seguiu todas as normas éticas previstas nas Resoluções nº466/2012 e nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), tendo como base as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas com seres humanos. As informações e termos de participação foram comunicados oralmente e descritos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa apresentou riscos mínimos por conta do tema investigado e a participação foi feita de forma voluntária. Apesar da entrevista apresentar riscos mínimos, em casos de desconforto, o pesquisador trouxe a possibilidade de ter uma paralisação momentânea ou, de o participante poder livremente desistir da entrevista, o que não ocorreu durante a realização dos encontros. Além disso, o pesquisador – que tem graduação em Psicologia – ficou atento em acolher o participante caso fosse necessário. Contudo, não foi preciso realizar essa acolhida, pois não houve nenhum caso mais grave que se acentuou durante as investigações. Ademais, também foi oferecido pelo pesquisador o suporte e encaminhamento ao Núcleo de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Espírito Santo como outra alternativa, tendo em vista um possível incômodo do participante durante a realização da entrevista. Entretanto, isso também não foi solicitado por nenhum homem pai que participou do estudo. Houve total garantia da manutenção do sigilo e plena autonomia dos participantes durante a pesquisa, o que irá se prosseguir posterior a publicação deste trabalho. É importante enfatizar que a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisas da Universidade Federal do Espírito Santo (CEP-UFES) e as entrevistas só foram iniciadas após a devida aprovação do Comitê.

3.4 Análise e tratamento de dados

Para organizar e analisar os resultados da aplicação da entrevista, foi utilizado o método fenomenológico para investigação psicológica¹. No método fenomenológico, “busca-se a experiência tal qual foi ou é vivenciada, respondendo ao questionamento sobre o que significa

¹ A análise teórica se deu com base na TRS

ter vivido esta ou aquela experiência” (Trindade et al., 2007, p. 74). Segundo Trindade et al. (2007), neste método, a investigação do pesquisador se pauta em cada relato singular do sujeito e a explicação de suas vivências. Sendo assim, apreende-se o fenômeno por meio da descrição da sua própria estrutura geral, ou seja, como o fenômeno emerge e quais significados o constituem. Desse modo, este método exige um aprofundamento e uma aproximação do pesquisador para reflexão sobre a complexidade dos fenômenos. Os procedimentos específicos aos quais as respostas foram submetidas na análise por meio do método fenomenológico, seguindo as recomendações de Trindade et. al (2007) consistem em 1) transcrição integral das entrevistas; 2) construção da lista de unidades de significados que emergiram das entrevistas; 3) distribuição das falas nas unidades de significados; 4) processo de padronização das falas do sujeito; 5) estruturação da narrativa da experiência do sujeito.² Na primeira fase, almejou-se o relato bruto da entrevista. Para isso, o próprio pesquisador fez a transcrição integral das entrevistas destacando todos os aspectos observáveis na realização desta etapa. Na segunda fase, o pesquisador visou localizar temas comuns e significativos na experiência vivenciada pelos participantes entrevistados. Na terceira fase, o pesquisador reorganizou as entrevistas de acordo com as falas e as unidades de significado que foram identificadas anteriormente. Na quarta fase, o pesquisador converteu o conteúdo da fala presente em cada unidade de significado, sintetizando os relatos pertinentes e transcrevendo em terceira pessoa. Por fim, na quinta fase, o pesquisador integrou todos os temas e elaborou um único texto que constituiu a experiência do participante. Trindade et al. (2007) enfatiza que “cada estrutura narrativa busca conciliar e integrar as unidades de significados cuja a ordem de apresentação depende das características do fenômeno e dos interesses do pesquisador” (Trindade et al., 2007, p. 87).

Depois de delimitar as estruturas individuais dos homens pais que participaram do estudo (apresentadas a seguir), prosseguiu-se com a discussão dos dados a partir três tópicos de análise, definidos de acordo com o objetivo deste estudo:

1) Experiencia da Paternidade:

- Significações e expectativas em relação a “ser pai”
- Experiência prática com os filhos
- Mudanças provocadas pela chegada dos filhos (na forma de pensar e em termos práticos)
- Avaliação da paternidade (positivas e negativas/dificuldades)
- Comparações com a geração anterior em termos gerais (modos como viviam/vivem a paternidade)
- Comparações com o pai como pai

2) Masculinidades:

- Entendimentos e práticas sobre “ser homem”
- Experiências de masculinidade
- Comparações com a geração anterior em termos gerais (modos como viviam/vivem a masculinidade)

3) Práticas parentais e papéis sociais masculinos e femininos:

- Compreensão sobre a divisão de tarefas
- Divisão de tarefas em termos práticos
- Sentidos atribuídos aos papéis da mulher e do homem na família
- Diferenças e similitudes entre o “ser pai” e “ser mãe”

4. Resultados

4.1 Participantes – Quem são?

No que diz respeito a caracterização da amostra, observou-se as seguintes impressões: Na geração X, teve um predomínio de homens pais com menor escolaridade, baixa-média renda familiar, maior número de filhos, profissões menos intelectualizadas, assim como as esposas (de modo geral). Enquanto na geração Y, houve maior prevalência de homens pais com maior escolaridade, renda familiar média, menor número de filhos, a maioria cursou ou cursando o ensino superior. Além disso, no estudo somente dois homens eram solteiros, sendo que os dois estavam comprometidos – um namorando e o outro vivendo junto com a parceira.

4.2 As estruturas – Os homens pais e as suas experiências

As estruturas que serão apresentadas abaixo contêm dados e informações que buscaram sintetizar o que representou cada entrevista. A ordem das estruturas seguiu rigorosamente a sequência da realização dos encontros. No mais, é válido enfatizar que as informações descritas foram mantidas a partir do que os participantes relataram suas experiências, embora tenham sido feitos os ajustes sugeridos na redação para construção das estruturas (em termos de organização e linguagem) de acordo com o método fenomenológico.

Estrutura 1 – A paternidade de Alessandro

Alessandro é da geração Y, tem 40 anos, é casado, tem uma filha de 6 anos e mora com a esposa e a filha. cursou pós-graduação completa e trabalha como professor. Sua esposa trabalha como bancária e a renda mensal do casal é de seis a sete salários mínimos.

Para Alessandro, o que define o que é “ser pai” é *“amor, amor incondicional, uma força de amor que até então eu nunca tinha experimentado até o nascimento da minha filha, o amor indescritível”*. Nesse sentido, em relação à criação da sua filha, ele diz que se esforça em formar uma cidadã de bem para a sociedade, pois segundo ele *“se você formar mais uma pessoa maldosa na sociedade, você não está contribuindo para a sociedade, muito menos para a vida do seu filho”*.

Alessandro tinha expectativas em relação ao nascimento da sua filha e que elas foram alcançadas, ainda que não tenha sido uma gravidez planejada. Citou que a esposa tomava remédio e que ela optou por parar por conta de uma coagulação. Logo depois que ela parou de tomar o medicamento já engravidou. Sobre esse fato, comenta *“não foi planejado, mas a gente tinha uma estrutura que mudou de repente, foi tudo certo, mas não foi planejado não.”*

Sobre sua experiência de ser pai, Alessandro cita que o ambiente do lar muda completamente. Nessa direção, pontua: *“aprendi a brincar de boneca, coisa que eu nunca tinha feito, não era por ser machista, mas porque eu era menino”*. Ele comenta que essa experiência começou quando sua esposa disse que estava grávida e logo quando soube disso buscou participar de tudo que era possível, ressaltando que quis participar de todos os eventos que envolviam a paternidade. Nesse sentido, ele cita a experiência do primeiro banho: *“Fui eu que dei o primeiro banho na minha filha antes da minha esposa porque ela estava operada, fez cesárea, então eu dei banho antes dela na minha filha.”*

Sobre a rotina com a filha, ele comenta que costuma levar a filha no parque durante a semana quando sobra um horário após retornar do trabalho. Ele também cita que busca evitar

que a filha fique muito no celular, pois segundo ele o celular “*rouba muitos momentos da criança e do adulto em geral.*” Também menciona que sua esposa costuma estar sempre presente em grande parte dos momentos.

Quanto às mudanças após a chegada da filha, no que diz respeito a forma de pensar, Alessandro ressalta que parou de pensar somente nele e isso fez com que ele mudasse o pensamento em relação a coisas que ele fazia antes e deixou de praticar. Nessa direção, ele cita o exemplo do carro “*Por exemplo, vou falar por mim, eu quando dirigia, por exemplo, quando eu não tinha filho, eu corria mais no carro, hoje se você andar comigo de carro, você não vai me ver passar de 100km/h, entendeu?*”. Além disso, ele menciona que hoje em dia essa modificação trouxe mais cuidado com sua própria vida, sendo menos inconsequente e citando a questão da bebida como um fator, ressaltando que bebia mais e que hoje ele mudou isso por conta da filha dele: “*Uma vez eu cheguei em casa embriagado e aí, a minha filha estava pequenininha (...) eu ainda embriagado, pensei “Não é isso que eu quero para minha vida e que a minha filha veja”*”.

Sobre a sua autoavaliação como pai, Alessandro acredita ser um pai em construção e que tem coisas para melhorar. Nessa direção, ele menciona que gostaria de mudar o fato de que muitas vezes ele alivia alguns desafios para a filha: “*Eu delimito o desafio e eu encurto esse desafio para que ela consiga. Eu acho que abreviar isso não vai ser uma coisa boa. Eu acho que ela tem que vencer seus desafios como nós temos que vencer os desafios, porque isso nos torna mais forte. A vida são desafios, não tem para onde escapar.*”

Em comparação com a geração anterior, acredita que mudou bastante o modo em que viviam a paternidade comparado com os dias atuais. Ele menciona que “*Antigamente os pais, eles tinham aquela, mais robustez ao educar e menos fala, menos diálogo. Era aquela se sim, sim, se não, não. Chinelada cantava, mas hoje não. Hoje tem mais diálogo e menos aquele, o bater, vamos dizer assim, hoje é diferente, porque os tempos também são diferentes, né cara.*”

Sobre essa mudança ser positiva ou negativa, ele afirma que tem suas ressalvas e cita: *“a gente era mais tranquilo, então os pais, as maneiras de brincar e de chamar atenção é totalmente diferente de hoje, entende? Hoje você chama mais no diálogo, você tenta ensinar pelo diálogo, aí se não vier no diálogo no segundo momento vou cortando as coisas: “você vai ficar sem isso, sem aquilo”. Então depois, se você precisar que dá umas palmadas. Antigamente não era assim, você vai apanhar e acabou.”*

Sobre a relação com o seu pai, Alessandro diz que seu pai foi um exemplo para ele e faz um adendo no que diz respeito a relação com sua filha: *“Boto a minha roupa, eu só não quero copiar o que é ruim, porque eu não sou inventor da roda e nem do fogo, cara, eu apenas utilizo aquilo que alguém já inventou lá atrás.”* Nesse sentido, Alessandro cita uma passagem com o pai ressaltando que teve uma criação machista que não quer transmitir para filha: *“Meu pai falava assim, a gente era em duas irmãs e dois irmãos e meu pai falava assim: “prende suas cabritinhas que meu bode está solto”, mas ele não falava o contrário, tipo, “prende seus cabritinhos que as minhas cabritas estão soltas”.* Para além dessa questão, ele reafirma que quer ser amigo da filha dele e que busca construir uma criação diferente do pai, ainda que ele compreenda que o que o pai dele fez o melhor que pôde na época: *“Eu quero fazer diferente do meu pai. Não que eu esteja criticando o meu pai, a vida que ele viveu era um tempo, como eu disse para você, eram outros tempos.”*

Alessandro também traz outra passagem que teve com o pai e que dialoga com a diferença entre o tratamento dos filhos em relação às mudanças entre as gerações. Ele resalta que apesar do tratamento mais ríspido a relação era boa e que a maneira dele disciplinar deu certo: *“Eu tinha de 5 para 6 anos. E quando meu pai chegou, eu estava com a chupeta na boca. Mas rapaz, ele me deu uma coça, cara, nunca mais quis saber de chupeta.”*

Para além dessa questão, no que diz respeito ao seu entendimento sobre o que é “ser homem”, Alessandro acredita que isso significa ser provedor de uma família e ensinar aos

filhos valores e princípios: *“Eu vejo dessa forma aí, de um provedor, ser um cara que constitui sua família dignamente e passa seus ensinamentos para seus filhos.”*. Nesse sentido, ele cita que conversa com outros homens sobre as suas questões e o que envolve também a paternidade, enfatizando que essas trocas geralmente acontecem com colegas do trabalho e pessoas mais próximas. Sobre isso, Alessandro complementa: *“A gente vive em uma sociedade muito machista também, uma sociedade que segrega, a gente traz muito disso culturalmente. Quando você é pai, você tem que delinear aquilo que vai ser o melhor para tua filha, então tira essas amarras, essas algemas.”*

Quanto ao seu entendimento sobre a divisão de tarefas, Alessandro cita que o casal tem que buscar o equilíbrio. Contudo, ele pontua que há diferenças, mencionando que o homem tem um pensamento diferente da mulher, reafirmando que isso reflete na criação *“Existe diferença na questão de, são seres biologicamente diferentes, pessoas diferentes, tem pensamentos diferentes.”*

Na prática, no que diz respeito à divisão de tarefas, Alessandro discorre sobre sua rotina e como isso funciona na relação com a sua esposa e os cuidados da filha. Ele pontua que durante a semana acorda junto com a esposa e ajuda a preparar as coisas da filha e geralmente brinca com ela quando chega do trabalho: *“gosto de brincar muito com ela, a gente brinca bastante de Uno, de jogos, de atividades, levo para o parquinho, aqui na minha cidade tem uma pracinha, um parquinho”*. A rotina muda um pouco nos finais de semana pelo fato de ter mais tempo para aproveitar os momentos com a filha: *“no fim de semana a gente tem mais momentos juntos e aí a gente passeia, vamos aqui pela cidade ou na cidade vizinha que é Cachoeiro.”*

Alessandro acredita que a maior responsabilidade de um pai é formar um cidadão de bem para a sociedade e isso não difere da responsabilidade da mãe. Entretanto, ainda que ele busque se dedicar e dar importância na relação com sua filha, ele atribuiu diferentes papéis ao casal na família: *“O papel da mãe é diferente do papel do pai? Boa pergunta, mas sim, é*

diferente. (...) a mãe é aquela que gera a criança, então nós homens sempre vamos ter uma certa desvantagem.”

Por fim, Alessandro reafirma que a missão dos dois – pai e mãe – é educar. Porém, ele ressalta de modos distintos essa questão para o pai e para a mãe. Alessandro acredita que *“Boa mãe é aquela que tem amor incondicional pelo seu filho”*, enquanto o bom pai deve *“ensinar coisas boas e corrigir aquilo que não é bom”*. No mais, ele reafirma que uma mãe ruim é *“aquela que se ausenta de tudo”*, enquanto um pai ruim é *“aquele cara que só fez sexo com a mãe da criança e depois deixou a mãe criar sozinho”*. Também ressalta que os seus exemplos de pai são seu pai, seu sogro, seu avô e seu irmão, pois eles *“amam seus filhos e nesse amor eles ensinam, corrigem, transmitem conhecimento, então é isso”*.

Estrutura 2 – A paternidade de Basílio

Basílio é da geração X, tem 47 anos, está em união estável com a companheira há mais de 20 anos, tem 3 filhas – 19, 17 e 15 anos – e mora com a parceira e as filhas. Coursou o ensino fundamental, mas não completou. Trabalha como mecânico, enquanto a sua companheira trabalha como costureira. A renda mensal do casal é de 4 a 5 salários mínimos.

Para Basílio, o que define “ser pai” é principalmente a questão da responsabilidade, ressaltando a importância do diálogo na troca que ele tem com as filhas. Nesse sentido, ele discorre sobre: *“O pai hoje ele tem que tá conversando com o filho todo dia que no mundo que a gente está vivendo hoje, o mundo está muito difícil, então você tem que estar todo dia avisando seu filho para ele não ir para o caminho errado, entendeu? (...) Então acho que ser pai é ter responsabilidade com elas”*.

Basílio traz que não tinha expectativas em relação ao nascimento da sua filha: *“Eu fui ser pai com 25 para 26 anos. Para mim parecia que o mundo ia acabar porque eu era acostumado viver rodando para todo lado, né. Passeando, não tinha nada para prender, né.”*

e, além disso, ele cita que não foi algo planejado: *“Rapaz, eu nem esperava ser pai. De coração mesmo... O trem me pegou de surpresa. Quando aconteceu eu fiquei sem chão mesmo, fiquei sem chão.”*

Sobre a experiência prática com as filhas, Basílio comenta sobre a questão do respeito e brinca sobre um certo exagero das filhas na relação que ele tem com elas: *“Tem gente que fala que os filhos dele não da “bença”. Minhas filhas chegam aqui, saiu daqui, vai na rua, volta e tá me dando “bença”, entendeu? Vai, volta: “pai, bença”. Tem hora que é até um saco, que enche meu saco dando “bença”. é bom estar com elas, entendeu?”*

No que diz respeito à rotina com as filhas, Basílio pontua que nos finais de semana geralmente ele tem mais momentos com elas. Nessa direção, ele discorre sobre o trabalho como um fator que acaba tomando bastante o seu tempo: *“Na hora que eu chego em casa elas já estão, né. Uma fica comigo aqui, a mais novinha, vai para o estudo meio dia e final de semana é que a gente junta. Tem mais tempo junto né, porque eu fico o dia inteiro em casa de domingo, já no sábado, amanhã, eu trabalho até meio dia e de meio dia para tarde a gente vai junto, as vezes sai, vem tomar um sorvetinho, entendeu?”*

Basílio também traz que grande parte das atividades a parceira também está junto e que busca sair com elas sempre que possível: *“Uma vez ou outra a gente sai junto quando a mulher não quer ir, então aí vai, faz, leva e às vezes uma não quer ir, a outra não quer, entendeu? Aí saí eu e a outra quando vai sair, entendeu? Mas não é direto não. Tem vez que vai tudo junto mesmo.”*

Quanto às mudanças com a chegada das filhas, Basílio reafirma a questão da responsabilidade. *“Você tem que ter muita responsabilidade, você tem que ver, onde colocar o pé, entendeu?”* Nessa direção, ele comenta que passou a pensar diferente em relação a sua forma de viver a vida: *“Eu saía muito quando era solteiro, eu ficava saindo demais, eu pensava “vai que eu saio”, ainda mais quando estava tudo pequena, entendeu? Eu tinha medo de ir*

para algum lugar e também não voltar mais. Minhas filhas tudo pequenininhas, pô, minhas filhas pequenas, entendeu? Então é onde que muda tudo, entendeu? Muda tudo”.

Sobre sua autoavaliação enquanto pai, Basílio diz que acredita que “passou nessa prova” e se vê satisfeito com o que construiu: *“Eu acho que eu passei, para você ter ideia, eu hoje tenho amigos meus da minha idade hoje que criou os filhos e os filhos vivem sozinhos, com a mãe. Eu tenho meu irmão que teve filho com uma mulher, que teve com a outra e só da pensão, vive longe dos filhos. E eu passei dificuldade, desde criança nunca deixei a peteca cair, entendeu? Até hoje estou mantendo as coisas, entendeu?”.* Ele enfatiza o que ele acha que as filhas pensam sobre ele e diz que não mudaria nada: *“Eu acho que do jeito que criei minhas filhas até hoje ela gosta muito do pai dela, entendeu? Então é isso aí que funciona, entendeu? Não mudava nada não.”*

No que diz respeito a comparação com a geração anterior, Basílio menciona: *“Meu pai nunca precisou me dá um tapa, eu também nunca bati nas minhas filhas, mas hoje a gente tem que, tem vez que eu tenho que chegar para minha filha, ela bate o pé no chão que vai para algum lugar, então tem hora que tem que estar zangado. E meu pai só olhava para mim, eu já sabia que ele, entendeu, estava dizendo alguma coisa. Só no olhar dele eu já sabia que estava dizendo alguma coisa, entendeu?”.* Ele também complementa dizendo que não muda nada em relação ao que aprendeu com ele e o que busca passar para as suas filhas: *“Meu pai era nota 10, cara. Meu pai era demais mesmo. O que eu sei hoje, tudo que sou hoje, educação, respeito, entendeu. Tudo. Então não tem como mudar nada dele, entendeu. Porque se for mudar, talvez eu não estava aqui né. Então não mudo nada dele.”*

Sobre “ser homem”, Basílio diz que *“Ser homem é você cumprir com seus compromissos, entendeu? Não deixar falha nenhuma e seguir em frente, entendeu? Responsabilidade, família, né... (...) Sempre junto, caminhando junto ali, entendeu? Dar o sustento para a família”.* Além disso, ele cita que conversa com outros amigos sobre essas

questões que envolvem o “ser homem” e o “ser pai”, mas que dificilmente chega em consenso e não tem diálogos muito construtivos: *“Conversa, mas ninguém chega em um acordo. Cada um pensa diferente, entendeu? (...) Mas geralmente conversa sim.”*

Em relação ao que o Basílio entende sobre divisão de tarefas, ele comenta: *“A mãe ela tem que, tem vez que, tem assunto que eu não converso com as minhas filhas, que já tá tudo grande, eu vejo que não tá muito certo, eu chego para minha mulher e falo: “ó, você que é mãe...”, a gente conversa, eu tenho vergonha de conversar sobre certas coisas com as minhas filhas e aí é onde eu chego para minha mulher: “é assim, assim e assim”.* Ele também discorre sobre a divisão prática no dia a dia com sua companheira: *“Tem vez que de domingo eu faço comida, né. E ela vai já cuidar das roupas, lavar roupa, da casa, que ela trabalha a semana toda. E as meninas também fica em casa direto, a outra faz curso e aí final de semana aí ela fala: “ó, você vai fazer comida e eu vou lavar roupa”. Aí acabo de fazer ali, a gente vai e almoça e fica domingo junto por ali, entendeu?”.*

Sobre a responsabilidade de um pai e de uma mãe, Basílio pontua que um tem que respeitar o outro e deve haver uma ajuda mútua: *“Responsabilidade de um pai é estar junto com seus filhos direto, educando, entendeu? E a mãe, ela tem que também estar apoiando também. (...) Um ajudando o outro”.*

Para Basílio, um bom pai *“tem que tratar os filhos bem”*, enquanto uma boa mãe *“dá vida dela para salvar a da filha, acho que isso é ser uma boa mãe”*. Sobre um pai ruim, ele define como aquele que *“não tá junto, fica distante, entendeu? Então isso que eu acho que não é um bom pai, né.”*, enquanto uma mãe ruim é aquela que *“abandona, abandona num latão de lixo, ou talvez deixa na porta de um vizinho para ser doado para orfanato, entendeu? Então isso aí é uma mãe ruim, né.”* Por fim, Basílio menciona que o pai dele é o maior exemplo que ele tem como pai, citando: *“Meu pai criou a gente com o cabo da enxada na roça, entendeu? Não tinha o que comer, tinha vez que era inhame para sobreviver e ele deu tudo”.*

Estrutura 3 – A paternidade de Cláudio

Cláudio é da geração Y, tem 37 anos, é casado, tem 3 filhas – 16, 14 e 11 anos – e mora com a esposa e as filhas. Coursou o ensino fundamental, mas não completou. O casal trabalha como lavradores e a renda mensal dos dois é de 2 a 3 salários mínimos.

Para Cláudio, “ser pai” é muito bom e quase não tem como ser explicado, reforçando que isso representa para ele *“Uma alegria, é uma esperança a mais que você tem, uma dedicação”*. Cláudio também cita que a paternidade da primeira filha não era esperada, mas depois as outras foram planejadas por ele e sua esposa. Nessa direção, ele discorre sobre a experiência de ser pai muito novo: *“Eu fui pai muito jovem, né, praticamente com 19 anos. No início, quando a gente é pai muito jovem, você acaba não prestando muita atenção, mas com passar do tempo você começa a perceber a mudança da sua vida, que você tem que ser pessoa responsável, você tem que ter atitude, tem que correr atrás das coisas.”* Posteriormente, ele complementa sua fala reafirmando as mudanças decorrentes deste percurso: *“A sua família depende da organização, do tipo que você organiza sua vida, depende disso aí a sua vida muda totalmente, amadurecendo.”*

Em relação ao que representa a experiência de ser pai, Cláudio afirma que é maravilhoso. Ainda que passe poucos dias em casa por conta do trabalho, ele conta o que isso significa para ele: *“praticamente eu que passo poucos dias em casa, quando chego em casa já é a primeira coisa tem a filha ali para dar um abraço, então é muito bom, né. Não tem, não tem coisa melhor no mundo, não tem preço que pague”*. Ele também discorre como lida com a distância, pois não são todos os dias que ele está com suas filhas e as vê: *“(…)aí tem dois dias de semana que eu trabalho fora. Aí você fica na saudade. Quando você volta já é uma alegria maior, para compensar aquele dia que você não está em casa.”* Nessa direção, ele comenta sobre as atividades que geralmente fazem juntos e que sempre sua esposa participa desses

momentos: *“É em família. A gente pega, sai, sai para passear, vai no parque ou na pizzaria ou na sorveteria. Aí é só em família, todo mundo unido.”*

Sobre a mudança provocada pela chegada das filhas, no que diz respeito ao modo de pensar, ele menciona que *“Com o tempo vai adquirindo mais atenção, mais sabedoria. Você vai se tornando aquilo realmente que você quer.”* Em relação a forma que se autoavalia como pai, Cláudio pontua: *“Um ótimo pai. Talvez não sou aquele perfeito, porque os jovens hoje em dia têm um pensamento diferente. Talvez eles não me avaliam como se eu fosse o melhor pai, mas as minhas filhas me amam, me respeitam, então eu me considero um ótimo pai”*. Além disso, Cláudio enfatiza que enquanto pai não mudaria nada.

Quanto às mudanças em comparação com a geração anterior, Cláudio reafirma que vê muita diferença e enxerga essa mudança como algo negativo: *“Há muita, muita diferença, muito. Antigamente tinha mais regra, os pais eram mais rigorosos, a coisa dava mais certinho”*. Nessa direção, ele complementa o seu ponto de vista discorrendo sobre a forma nociva que os pais direcionam seus filhos: *“Hoje, além dos filhos, os pais, eu vejo assim, que tem muita liberdade de certa forma. Tem muita liberdade e às vezes é ali que os pais se perdem.”*

Sobre a convivência com o seu pai, Cláudio discorre que não teve nenhuma relação: *“Eu não tive nenhuma convivência com meu pai, absolutamente nenhuma. Sou filho de mãe solteira, não tive nenhum contato com meu pai. (...) Já é falecido, não tenho rancor dele, mas não tive convivência com ele”*. Cláudio também contextualiza de que forma essa não convivência com o pai o afetou, mencionando que gostaria de ter aprendido algo com ele e reforçando que busca fazer diferente: *“Lógico que eu gostaria de ter aprendido algo com ele. Gostaria, mas não tive essa oportunidade. De chegar em casa e, ou ele chegar em casa e me chamar de “filho”. (...) Eu nunca ouvi isso, né. Então o que eu sei hoje, se eu me tornei isso que eu sou hoje é porque eu aprendi na vida, vivendo”*. Nessa direção, Cláudio complementa:

“Eu faço diferente. Eu me faço presente no dia a dia dos meus filhos porque eu sei como é se sentir sem ter um pai, então eu não quero isso para meus filhos”.

No que diz respeito ao que Cláudio acredita que é “ser homem”, ele pontua que para ele isso representa respeito e responsabilidade. Nesse sentido, ele cita que para ele, muitos homens acabam distorcendo o entendimento sobre o que significa “ser homem”: *“E às vezes tem a pessoa confunde ser homem com agressão. Mas não tem nada a ver, né?”*. Ademais, Cláudio reforça que também constrói um diálogo com outros homens, mais especificamente sobre a questão da paternidade: *“Sobre família conversa muito, sobre educar filhos. Converso muito sobre isso aí com meus amigos os que eu tenho mais intimidade.”*

Sobre divisão de tarefas entre o pai e a mãe, ele acredita que não deve ter diferenças e é dessa forma que, segundo Cláudio, eles lidam com essa questão: *“Depende da opinião do casal. Eu acredito que se for um bom casal não tem divisórias. Se for para cuidar de um filho, vai quem está ali, (...) então é uma função que cabe os dois juntos. Não é “eu tenho que fazer aquilo ali” e o “outro não pode fazer aquilo”, pode ser os dois”*. Quanto às responsabilidades de um pai e de uma mãe, ele vê diferenças em relação aos papéis de cada um. Cláudio cita que *“A maior responsabilidade de um pai hoje é de educar o filho”*, enquanto a responsabilidade da mãe é diferente, pois segundo ele *“tem sempre que cuidar mais, a mãe tenta sempre ser o melhor para o filho. Ela se preocupa mais do que o pai, a mãe é diferente”*.

Por fim, Cláudio afirma que um bom pai é *“aquele que se dedica ao filho, não por dar tudo que ele precisa, para ensinar tudo que ele precisa saber para futuramente ele saber caminhar, saber tomar as decisões dele futuramente”*, enquanto uma boa mãe *“é aquela mãe que cuida do filho dela, que dá a vida pelo filho”*. Além disso, sobre um pai ruim, Cláudio pontua que *“é o pai que só põe o filho no mundo, né? Abandona ou muitas vezes não se importa com o bem estar ou com as necessidades que o filho tem. Só pensa no lado dele.”*, enquanto uma mãe ruim é *“aquela que não cria, não cuida, não trata do filho”*, afirmando que *“Mãe é*

só uma, é diferente”. No mais, Cláudio cita que não tem nenhum homem como exemplo de pai, segundo ele *“A gente vai conhecendo as pessoas, vai tendo uma convivência com outras pessoas, você vai aprendendo um pouco de cada. E aí você vai analisando o que você quer para sua vida”*.

Estrutura 4 – A paternidade de Danilo

Danilo é da geração Y, tem 28 anos, é solteiro e tem uma filha de 7 meses. Mora com a mãe e a avó, mas mantém um relacionamento com sua companheira que é sua namorada e mãe de sua filha. cursou ensino médio completo e trabalha como frentista, enquanto sua namorada trabalha em um petshop. A renda mensal da sua família é de 2 a 3 salários mínimos.

Para Danilo, “ser pai” é *“Educar bem os filhos, entendeu? Cuidar, dar amor, carinho e ser responsável acima de tudo para instruir nesse mundo”*. Segundo ele, *“do jeito que as coisas estão é difícil”*, mas é isso que significa “ser pai”. Também comentou que a paternidade da sua filha não foi planejada. Nesse sentido, ele discorreu sobre as possíveis expectativas e como foi esse processo para ele: *“Não foi uma paternidade planejada. Então, tá acontecendo. Tudo, assim, foi muito rápido, entendeu? Então a cada dia que passa que tá aparecendo mais, entendeu? Não posso nem falar assim de expectativa, entendeu?”*.

Sobre a experiência com os filhos, ele afirma que tem sido bem positivo, tendo em vista que é um recém papai e sua filha tem somente sete meses: *“Muito boa, muito boa. Uma experiência... Cara, é difícil até explicar, entendeu? É uma experiência incrível.”* Quanto à rotina, ele cita que nos finais de semana tem mais tempo para ficar com sua filha: *“Fico com ela mais final de semana, entendeu? Mas é bom, fico bastante com ela, brinco com ela, entendeu? Apesar dela tá bem novinha ainda, entendeu? Mas muito bom”*. Ele menciona que nos dias que está trabalhando, a troca com a filha acaba se restringindo ao digital: *“Durante a*

semana só por foto mesmo, entendeu? Só foto, vídeo que a minha namorada me manda só, entendeu? Só final de semana mesmo ela fica comigo, entendeu? Fica aqui em casa.”

No que diz respeito às mudanças provocadas pela chegada da filha, Danilo comenta que se vê mais responsável. Nesse sentido, na sua autoavaliação enquanto pai ele cita que acredita estar sendo *“Um bom pai, presente, entendeu? Eu acredito que eu sou um bom pai. Estou sendo.”* e que segundo ele não mudaria nada como pai.

Quanto às mudanças em comparação com a geração anterior e o modo como viviam a paternidade, Danilo vê mudanças significativas e contextualiza o que pensa sobre: *“Mudou bastante porque antigamente o mundo não era tão complicado como tá hoje, entendeu? (...) Aí vê antigamente os filhos respeitavam mais os pais do que hoje em dia. Eu penso assim, é meu ponto de vista. Eu acho que antigamente as crianças tinha uma criação melhor, entendeu?”* Sobre a relação com o pai, ele comenta que não teve nenhuma relação com o pai biológico. *“Eu cresci sem pai, entendeu? Não cheguei a conhecer meu pai biológico, ele já era falecido. Eu não tive nem contato, entendeu?”* Nesse sentido, ele cita que teve o avô desempenhando este papel e que não mudaria nada do que aprendeu com ele: *“Meu avô que foi para mim meu pai, entendeu? Ele cuidava bem de mim como pai mesmo, então minha experiência com ele foi muito boa. Porque ele para mim que foi meu pai. Ele foi um bom pai para mim, foi um exemplo, entendeu? Eu não tenho nada para trazer diferente não em questão dele. Meu avô representava tudo, entendeu? Na minha vida e em tudo que me aconselhava.”*

No que diz respeito ao que acredita o que é “ser homem”, Danilo afirma que “ser homem” é *“Ter responsabilidade e cuidar da família”*. Para além dessa questão, ele cita que conversa com outros homens sobre a paternidade e o que ser homem representa: *“A gente troca essas ideias, entendeu? Conta da experiência, entendeu? Igual, eu sou pai há pouco tempo, eles que mais me passa a experiência deles, entendeu? Até no momento quando descobri,*

muitos amigos assim que é pai já falou comigo, entendeu? Então eles estão passando mais experiência para mim do que eu para eles, entendeu? Dos que eu conheço.”

Quanto às divisões de tarefas e a sua percepção sobre isso, Danilo entende que a responsabilidade deve ser igual, pois segundo ele *“Tem que, como que eu posso dizer, é dividir as tarefas. Parear, entendeu? Para poder ter o equilíbrio, entendeu? Os dois.”* Contudo, ele cita que na sua relação isso se constitui de um outro modo por não viverem juntos: *“Minha namorada faz praticamente tudo porque fica com ela, entendeu? Durante a semana. Então ali ela faz tudo, entendeu? Leva na escolinha e tal... Só final de semana que ela fica comigo aqui em casa, entendeu?”* No mais, para Danilo, a *“maior responsabilidade do pai é instruir bem”* e que para ele no caso da mãe não tem diferença, pois segundo ele *“os dois ali tem a mesma forma de instruir os filhos”*. Também cita que um bom pai *“Tem que tá presente, cuidar, entendeu. Instruir, entre outras coisas, entendeu? Estar sempre junto. Eu creio que nesse ponto de vista, entendeu?”*, enquanto um pai ruim *“É o que abandona, deixa de lado, não liga, não dá carinho, não dá atenção, entendeu? Eu acho isso, entendeu? Deixa de lado, não faz muita questão, entendeu?”*. Segundo Danilo, isso não muda em relação ao entendimento sobre essa questão para a mãe: *“Mãe boa e ruim, tipo, também a mesma coisa. Assim, meu ponto de vista. Não acredito que muda não.”* Por fim, Danilo discorre sobre quem é o seu exemplo com pai: *“Cara, minha mãe foi meu pai para mim. Minha mãe, minha avó e minha irmã, as três, entendeu? E meu avô, no caso.”*

Estrutura 5 – A paternidade de Emerson

Emerson é da geração Y, tem 42 anos, é casado, tem 2 filhos – um filho de 5, do primeiro casamento, e uma filha de 9 anos, do atual – e mora com a esposa e os filhos. Coursou ensino médio completo e trabalha empreendendo na sua própria padaria, enquanto sua esposa trabalha como professora. A renda mensal do casal é de 6 salários mínimos.

Para Emerson, “ser pai” é “bonito”. Além disso, ele diz que “*ser pai é tudo também de bom, é muito trabalhoso, muita dedicação, muita dedicação junto envolvidas, e é lindo. A gente aprende então lá atrás e passa para frente*”. Segundo Emerson, ele não criou expectativa, mas sim uma previsão do que seria a paternidade. Nesse sentido, ele menciona que “*a menina foi planejada e o menino veio sem programação*”.

Sobre a experiência de ser pai, Emerson cita que ficou com medo no início e que as coisas não aconteceram como ele imaginava. Ainda assim, ele ressalta a dedicação que tem pelos filhos: “*eu fui ser pai pela primeira vez de uma menina, aí depois acabei separando da mãe dela, (...) achei que não ia casar de novo e acabei casando e aí veio o segundo. Esse veio sem explicar, sem programação, né, mas tá aí bem-vindo, 5 aninhos já. E ser pai é complicado, é dedicação total*”. Segundo Emerson, na sua experiência de ser pai ele ressalta a questão da responsabilidade e do quanto isso demanda dele, pois segundo ele “*Não existe final de semana não, final de semana é todo dia, feriado é todo dia, domingo é todo dia, não tem. Madrugada é dia, de noite é dia e noite, não tem*”. Nessa direção, ele discorre sobre as atividades que costuma fazer com os filhos, ressaltando que fim de semana ele consegue aproveitar mais: “*quando a gente tem um tempo, está sempre junto, a gente sai, levo ele muito na piscina que gosta de água. E com a menina lá também a mesma coisa que vai para casa da avó, e sai vai para um clube, na roça, alguma coisa assim que é passeio fim de semana. E durante a semana é rotina, colégio, terapia, aqui, né, no caso ele, e só. A rotina é apertada*”.

Emerson também discorre sobre a passagem do nascimento da primeira filha e o que isso representou para ele: “*Eu participei do parto da minha filha, o médico deixou eu entrar. (...) Na hora que eu peguei minha filha no colo, deu aquele arrepio assim. Mudou tudo, né, muda tudo*”. Nesse sentido, Emerson reforçou ainda mais a questão das mudanças provocadas com a chegada dos filhos no que diz respeito à forma de pensar, trazendo o exemplo do filho que é autista: “*Mudou muito a minha vida depois que veio meu filho que é autista e a minha*

cabeça fez um giro. Então eu venho aprendendo muitas coisas que eu achava normais, entre aspas, que não é normal". Para além do exemplo do filho autista, Emerson também enfatiza o amadurecimento que a paternidade lhe trouxe, ressaltando mais uma vez essa mudança neste percurso: *"Ser pai muda o homem com certeza. Sua cabeça muda, aquele moleque que estava dentro de você, você já deixa de ser moleque, já vira realmente um homem e é uma coisa impressionante"*.

Sobre sua autoavaliação enquanto pai, Emerson cita que *"De 0 a 10, vamos colocar no quadro aí de 8 devido a ter uma filha fora, e igual eu falei, só vejo uma vez no mês que eu vou lá, né, vê-la"*. Contudo, Emerson reforça a mudança que gostaria de fazer em relação ao tempo com os filhos: *"Se fosse mudar algo seria arrumar mais tempo para os filhos. Se eu conseguir, se arrumar mais tempo para os filhos, eu ficaria feliz. Mais tempo, mais tempo para o menino, mais tempo para a menina, conciliar isso melhor"*. Nessa direção, ele pontua que o serviço muitas vezes é um impedimento para ele realizar esta movimentação: *"O que impede isso é o serviço, porque moro fora. A menina eu moro longe, né. 150 Km. O menino, eu já levo para a terapia três vezes por semana, mas queria mais"*.

Quanto às comparações com a geração anterior em relação a questão da paternidade, Emerson visualiza muitas mudanças e as esclarece: *"Com certeza. Os pais antes podiam cobrar, ser um pouco mais ríspidos, né? (...) o homem antigamente era um pouco mais firme do que é hoje"*. Para além disso, no que diz respeito ao seu relacionamento com o pai, Emerson exalta a troca que fora construída: *"A relação com meu pai foi ótima. Meu pai morreu quando tinha 12 anos de idade, mas até os 12 me ensinou tudo. Coisas que ele falava naquela época, puxão de orelha, uma palmada, uma chinelada, que hoje a gente não entende e nós não fazemos isso, mas a gente entende que, eu como filho excedi muitas coisas, fui penalizado daquela forma, hoje eu entendo, na época eu não entendi"*. Sobre essa relação, ele traz que tenta manter esses ensinamentos na criação dos filhos de uma maneira mais adequada: *"Tudo*

que ele ensinou eu repito com os meus filhos da forma mais explicado possível. Sempre, sempre.”

Sobre a sua percepção e o que representa “ser homem”, Emerson discorre sobre o seu entendimento em relação ao que isso significa para ele ressaltando o peso da responsabilidade: *“É uma palavra bem pesada, né, ser homem. Não é no quesito só sexual, né, a gente tem que ser homem, tem que ser tudo, ser responsável, tem que ser um homem de respeito, uma pessoa honesta.”* Ainda sobre isso, ele diz que conversa com os amigos sobre o que envolve as questões que permeiam a masculinidade e paternidade, citando também a questão do casamento: *“Sim, sim. Tem muito amigo solteiro que não casou ainda, muito amigo que tá querendo casar e tem medo. E sempre rola esses assuntos porque é o medo que todo mundo escuta, né”*. Nessa direção, ele complementa trazendo a questão da agressividade como uma questão que perpassa os homens: *“Meu jeito não interfere, porque é um jeito tranquilo, de paz, de boa. Mas tem alguns homens que interferem, com certeza. Porque acha que meter porrada, fazer isso, fazer aquilo é um homem e não é, a verdade não é essa, não é essa razão”*.

Sobre o entendimento da educação com os filhos e como isso se reflete na divisão de tarefas, Emerson discorre sobre a diferença no tratamento do pai e da mãe: *“Quando tem um parente próximo que briga, o coração da mãe é diferente. O pai já é isso aí que eu estou falando. É papo reto: “Ó, meu irmão, você brigou com seu irmão por causa de que?”, pega os dois pelo braço e: “Vamos resolver isso agora”*. A mãe já fica: *“Meu filho, não faz assim e tal...”* No que diz respeito ao dia a dia com os filhos, Emerson discorre sobre sua rotina e a diferença no tratamento, tendo em vista a distância da filha do seu primeiro casamento e o fato do filho que mora com ele ser autista: *“Eu moro longe da minha filha né. Dá 150 Km. Então sempre que eu vou ela já fica lá esperando, a gente vai para casa da minha mãe e fica lá. Essa parte presencial eu não deixo de ter. Aqui eu moro com o segundo, então eu tenho uma rotina com ele diferenciada por ele ser autista, então eu ajudo a levar para as terapias, então e tal.*

E assim, é ótimo o convívio, o contato. Tudo muito tranquilo. A menina com nove anos ela entende tudo, ela conversa bem, telefone, vídeo, tudo tranquilo.”

Para Emerson, a maior responsabilidade de um pai é educação, pois segundo ele *“Educação é a base de tudo. Se você não educar direito, você não vê nada. Eu tenho um filho e se eu não conseguir fazer isso para ele, se ele não entender o que que é ser homem, não vai adiantar nada. A base tem que vir de casa e se não for, não rola”*. No que diz respeito ao que a mãe pode transmitir, Emerson aponta um entendimento diferente sobre a mãe com algumas ressalvas em relação ao tratamento com os filhos: *“A mãe é mãe... Quando fala que tem que cobrar, a mãe não serve para cobrar. A mãe é bicho frouxo. (...) Mas não estou falando que a mãe não faz, mas é de um jeito totalmente diferente.”*

Emerson também cita que um bom pai é aquele que é presente e participativo, ou seja, para ele *“é o cara que planejou, ou mesmo que foi sem planejamento, mas que participou de tudo do início ao fim, está ali agarrado, está ajudando, está fazendo.”*, enquanto um pai ruim é entendido por ele como alguém que não assume as responsabilidades: *“Não é presente em nada, é o cara que fez e largou para lá. Esse não é um bom pai.”* Em relação ao seu entendimento sobre a mãe, ele comenta que não acredita ter diferenciação: *“Mesma situação mãe boa e ruim. Eu acho que fazer não é difícil, cara. O difícil é você estar ali do lado, cuidar, dar atenção.”* Por fim, diz que o exemplo de pai na sua vida foi e é o seu pai.

Estrutura 6 – A paternidade de Flávio

Flávio é da geração Y, tem 34 anos, é casado, tem 2 filhos – 10 e 4 anos – e mora com a esposa e os filhos. Coursou ensino superior completo e trabalha como vendedor, enquanto sua esposa cuida da casa. A renda mensal do casal é de 5 salários mínimos.

Para Flávio, “ser pai” é a melhor coisa da vida e representa uma benção de Deus. Ele cita uma passagem com os filhos para ressaltar o que significa essa vivência: *“você chega em*

casa depois dos problemas do dia a dia e você olha para o molequinho pequeno e ele com a inocência dele chamar “ô pai, te amo”, “pai como você está?”. Nessa direção, Flávio discorre sobre o planejamento dos filhos e como foi isso na sua vida: “O primeiro filho não foi planejado. Eu namorava com a minha esposa tinha de uns quatro para cinco anos e ela ficou grávida. Já o segundo já foi esperado e planejado, você já está casado também.” Além disso, ele complementa: “Foi tudo novo quando fui pai, né. Mas foi muito bom.”

Sobre a experiência da paternidade, diz que para ele viver isso é inesquecível, enfatizando que busca aproveitar o máximo de momentos com os filhos: *“Todos os momentos que eu posso estar presente com meus filhos, não deixo de estar, sempre procuro levá-lo nas coisas que o cotidiano, no futebol, no karatê, são tempos que eu não abro mão”*. Nesse sentido, ele discorre sobre sua rotina com os filhos, pontuando que nos fins de semana ele consegue aproveitar mais: *“no dia a dia, às vezes você chega tarde, à noite, muitas vezes a criança está dormindo, você está muito cansado. Final de semana que tem mais tempo”*. Para além disso, também fala sobre outros momentos que tem com o filho visando um compromisso maior da parte deles: *“Faço o serviço da roça com eles que é limpar. Boto eles para me ajudar também, são pequenos, mas já tem que começar a ter compromisso para saber quanto que é duro para ter alguma coisa, para conquistar alguma coisa”*.

Quanto às expectativas de ser pai, Flávio ressalta a questão da singularidade de cada experiência: *“Eu acho que a expectativa cada dia vai ser diferente, porque as novidades vão vir. Os filhos vão crescer, cada dia vai ser uma novidade constante”*. Sobre as mudanças provocadas pela chegada dos filhos na sua forma de pensar, ele comenta contextualizando a questão da responsabilidade: *“Com certeza. Muda muito. (...) Minha responsabilidade é maior por ter dois filhos. Então muitas vezes eu tenho que ser mais presente para o meu filho, deixo de fazer ou ir em algum lugar por conta dele. Fico mais presente e firme para meu filho.”*

Em relação a sua autoavaliação enquanto pai, Flávio discorre sobre sua inteireza na relação com os filhos: *“Eu me coloco como 100%, porque eu ligo tudo, deixo tudo e faço pelos meus filhos. Então não tem hora, não tem momento, não tem tempo. Tipo assim, eu tento ser o melhor com meus filhos”*. Contudo, Flávio cita que há algumas mudanças que ele gostaria de fazer, ainda que não tenha isso muito definido: *“Eu acredito que eu mudaria algumas coisas como pai sim. Muitas vezes a gente pode errar em algumas coisas que a gente, a gente acha que está fazendo certo e para o filho talvez seja de outra maneira”*.

Quanto às comparações em relação a geração anterior e a maneira que viviam a paternidade, Flávio faz algumas ressalvas: *“Com certeza. Principalmente em relação a tecnologia. Na nossa época não existia isso, a gente conseguia brincar com coisas simples e ser mais feliz. Meus filhos, muitas vezes que eu posso estar em casa e tirar o celular da mão deles, eu tento tirar para eles poderem ter infância”*. Sobre a comparação com o pai e o que tenta transmitir para os filhos, Flávio pontua as diferenças e que tenta transmitir para os filhos: *“Meu pai pela criação dele, uma criação de antigamente é uma criação mais rústica. O cara não beija um filho, o cara dificilmente abraça um filho e eu já sou contrário”*.

Para além disso, Flávio acredita que “ser homem” é *“Comprometimento, honra, honra a vida, né, e procurar ser justo, honesto. Acho que isso define um homem. Ser honesto.”* Nessa direção, ele menciona que conversa com outros homens sobre o que permeia a paternidade e as masculinidades: *“Sim, com certeza. Com quem eu posso falar, para mim é uma das melhores coisas do mundo. (...) Então eu sempre que eu posso, passo para quem eu conheço que é uma das melhores coisas do mundo, no momento certo, na hora certa.”*

No que diz respeito às divisões de tarefas, Flávio discorre sobre o seu entendimento sobre essa questão, ressaltando a paridade entre o casal: *“Acho que um casal, o que um tiver que fazer, igual eu tiver que fazer uma mamadeira para o meu filho, eu faço. Se eu tiver de dar banho no meu filho, eu vou dar e vice e versa”*. Na prática, em relação às divisões de tarefas

na sua relação, Flávio cita que *“Muitas das vezes, igual no meu caso, minha esposa tem mais tempo do que eu. Mais certo que ela vai passar mais tempo com o filho e ela vai tentar corrigi-lo mais vezes do que eu, por eu estar trabalhando e não estar em casa”*.

Para Flávio, a maior responsabilidade de ser pai é ser responsável, pois segundo ele o pai deve *“ter seu compromisso diário e jamais deixar a peteca cair. Esse é o pai. Independentemente vai correr atrás, vai buscar.”* Sobre a mãe, ele tem um entendimento diferente e menciona que *“A maior responsabilidade da mãe é diferente, a mãe em si ela tem um vínculo com o filho afetivo para o resto da vida, né.”*

Sobre o que é um bom pai, Flávio diz que é aquele que ensina o que é certo e errado, citando: *“Ele tem que ter um espelho na vida para saber qual o caminho que ele vai andar. Se ele ver um pai que muitas vezes que corre atrás, que luta, eles dificilmente não vão querer a mesma coisa.”*, enquanto a boa mãe para ele é aquela que é *“incomparável”*, é aquela *“que sustenta tudo, (...) está muito presente, uma mãe carinhosa, mãe atenciosa.”*

Quanto ao pai ruim, Flávio cita que é aquele que não é presente na vida do filho, mencionando: *“aquele que acha que só tem que pagar pensão e já é muito, já faz muito. Eu acho que esse é um ruim pai.”*, enquanto a mãe ruim é aquela que é inconstante e tem um filho por ter, ressaltando a questão da falta de carinho: *“É uma mãe que não dá atenção ao filho. (...) Pra mim isso então não é mãe.”* Por fim, Flávio cita quem são suas referências de pai citando os exemplos que ele tem na sua vida: *“Meu pai em primeiro lugar. E acho que assim, todas as pessoas que são pai e honram, honram a família, honram os filhos, estão perto dos filhos. Todos eles acham que são referências de pai. Meu irmão, meus cunhados.”*

Estrutura 7 – A paternidade de Gilmar

Gilmar é da geração Y, tem 40 anos, é casado, tem 2 filhos – um filho de 3 anos e uma filha de 6 anos – e mora com a esposa, filhos, pai, mãe e irmão. Coursou ensino médio completo

e trabalha como caminhoneiro, enquanto a esposa é contadora. A renda mensal da família é de 8 salários mínimos.

Para Gilmar, “ser pai” é *“Mais responsabilidade. Uma experiência única e uma emoção muito grande”*. Em relação às expectativas de ser pai, ele cita: *“Toda namorada que eu tive sempre pensei em ser pai, mas nunca consegui. E quando eu fiquei sabendo que eu era pai, pronto, o amor da minha vida mudou, tudo que eu queria ser pai”*. Contudo, ele menciona que não houve planejamento em relação ao percurso da paternidade: *“Nenhum dos filhos foi planejado. Todos os dois, de surpresa”*.

Sobre a sua rotina e experiência do dia a dia da paternidade, Gilmar discorre sobre como conduz com sua esposa esta dinâmica: *“No dia a dia, eu saio cedo, pego minha filha, levo para escola. Acordo cedo, faço mamadeira para o meu filho que não vai à escola ainda, de 3 anos. (...) Depois volto, fico com ele, brinco todos os dias um pouquinho, dou banho”*. Para além da rotina da semana, ele ressalta que nos fins de semana tem mais tempo para aproveitar com os filhos: *“Fico mais presente com eles no fim de semana, a mudança é essa, no fim de semana brinco mais com eles”*.

Quanto às mudanças provocadas pela chegada dos filhos na maneira de pensar e também em termos práticos, Gilmar ressalta os atravessamentos que perpassaram esse seu percurso: *“Muda muito. Ainda mais se o homem foi o pai de menina. Muda a vida dele também. O cara que é pai de verdade muda a vida dele.”* Nesse sentido, ele comenta sobre o pensamento que passou a ter com a chegada dos filhos: *“você é novo, você quer conhecer as menininhas, você quer agarrar as menininhas. Hoje em dia até o menino de 6 anos eu já fico pensando no futuro, entendeu? Ensinar, falar para ela: “filha, cuidado, isso aí é uma armadilha”. Você tem que saber se impor. O que eu não quero para minha filha, eu não posso querer que o meu filho faça com a filha dos outros.”*

No que diz respeito a sua autoavaliação enquanto pai, Gilmar diz: *“eu acho que como pai uns 8. Mas se você perguntar minha filha e meu filho, minha filha então que é mais maiorzinha, você perguntar que nota que ela daria para o pai dela, eu acho que ela falaria um 10.”* Ademais, ele reafirma que não faria nenhuma mudança na condução da criação dos seus filhos: *“Eu não mudaria nada no meu jeito de ser pai não. O exemplo que eu tive do meu pai, que sempre foi muito meu amigo, eu tento passar para os meus filhos”*. Quanto às comparações com a geração anterior e a forma que viviam a paternidade, Gilmar comenta sobre a questão financeira como um fator que mudou bastante para ele: *“nós éramos em quatro irmãos, nunca passamos fome, não. Mas era apertado, era regrado, 3 biscoitinhos no café da manhã, 3 biscoitinhos no café da tarde, pedacinho de carne. A roupa do maior chegava até o menor.* Nesse sentido, ele exalta essa diferenciação no tratamento com os filhos e a oportunidade de poder propiciar algo que ele não teve com o pai: *“Hoje meus filhos, dia das crianças vai lá e agora, como foi agora dia 12, dia das crianças, eu gastei uns R\$ 800 só de bobeira com eles, que eles queriam comprar. Isso eu nunca tive, nunca tive um presente, assim de dia das crianças pelos meus pais”*.

No que diz respeito ao que representou a relação que Gilmar teve com seu pai, ele cita a questão da rigidez, mas ressalta o incentivo que sempre teve: *“Meu pai sempre foi muito rígido, mas desde criança me apoiou em tudo e me ensinou o que é certo e errado”*. Ele complementa mencionando que *“o avô por parte de mãe era mais torrão, não sabia dar, expressar o amor que tinha pelos filhos”*. Quanto às mudanças que busca fazer na criação com os filhos, Gilmar comenta reforçando a questão do presente: *“é dar mais presente, coisa material, que meu pai não tinha condição. Não dava porque não tinha condição, porque eu tenho certeza que se ele tivesse condição, ele daria”*.

Para além disso, sobre o que significa “ser homem” para Gilmar, ele pontua que *“Ser homem é dignidade, responsabilidade.”* Além disso, ele traz que constrói este diálogo sobre o

que é “ser pai” e “ser homem” com os amigos: *“Com todo mundo eu converso, que eu posso conversar porque às vezes as pessoas não sabem o valor de ser pai”*. Sobre a divisão de tarefas e sua percepção sobre essa questão, Gilmar aponta que compartilhar é melhor, discorrendo sobre a troca que ele constrói com a esposa *“o certo é se compartilhar, igual eu faço. Igual, tipo assim, a minha esposa ela não é de acordar de madrugada para dar uma mamadeira, porque ela não é, mas eu acho que é porque eu sou”*. Nessa direção, ele reforça complementando esse pensamento comentando que *“Função da mãe seria mais para cuidar, mas pai e mãe, cara, não tem funções. Tem que se desdobrar para poder ensinar o bem, o mal, que é certo ou errado. Função do pai é ser pai e da mãe e ser mãe”*.

Quanto às práticas diárias da paternidade e sua relação com os filhos nesta divisão de tarefas com a esposa, ele contextualiza como lida com isso: *“Eu tenho um sono leve, se meus filhos, portanto dormem comigo na cama, um dorme no meio e um dorme no berço do lado. Eles revezam, um dia um, um dia outro. Se tossir, eu já levanto, se balançar eu já levanto. (...) Às vezes eu abraço, as vezes dorme em cima de mim e volta a dormir de novo.”* Também cita, que no seu entendimento, *“A maior responsabilidade de um pai é educar.”* Sobre a responsabilidade da mãe, ele pontua que *“a mãe tá mais para cuidar.”* Contudo, ele afirma: *“Não é o meu caso, aqui na minha casa eu cuido, eu educo.”*

No seu entendimento, Gilmar diz que um bom pai é amigo, contextualizando o seu entendimento sobre isso: *“Tem que ser amigo e também impor o certo ou errado. Bom pai não é só dá tudo filho que o filho quer não, um bom pai tem que fazer, para saber dizer o “sim” e também dizer o “não”. O “não” às vezes dói, mas lá no futuro esse “não” vai fazer diferença na vida do seu filho.”*, enquanto um pai ruim é o que não é presente e *“que quer comprar o filho com tudo, com um presente, tudo mais. Mas o corpo, a presença de brincar, de doar um tempo para seu filho, não tem”*. Para Gilmar, não tem diferença em relação ao seu entendimento sobre a mãe: *“Não muda muito não. É a mesma coisa, tem que se doar para seu filho ou então*

não é mãe.” Por fim, Gilmar reafirma que o homem que ele considera de exemplo de pai é seu próprio pai, citando: *“meu pai foi o melhor”*.

Estrutura 8 – A paternidade de Wladimir

Wladimir é da geração X, tem 46 anos, é casado, tem 2 filhos – uma filha de 17 anos e um filho de 8 anos e mora com a esposa e os filhos. cursou ensino superior, mas não completou. Trabalha como secretário de agricultura, enquanto sua esposa é secretária de um colégio estadual. A renda do casal é de 6 salários mínimos.

Para Wladimir, “ser pai” envolve muito sentimento e responsabilidade, pois segundo ele, *“você cuida de um ser humano que não perguntou de chegar.”* Quando às expectativas, ele contextualiza ressaltando que foram cumpridas, mencionando também sua religião: *“as expectativas foram cumpridas. De ter uma família equilibrada, né? (...) o pai ele tem que ter equilíbrio, equilíbrio dentro da cristandade é peça-chave.”* Sobre a experiência nesta vivência da paternidade, ele comenta de uma forma bem entusiasmada sobre este percurso, ressaltando que é *“Totalmente positivo, além do que eu pensava, do que eu esperava. Eu tenho dois filhos que para mim é, para mim foi... Se tivesse de voltar faria tudo de novo, até mais.”*

Quanto ao dia a dia com os filhos, ele cita a falta de tempo como um fator que acaba interferindo, ainda que ele venha a ressaltar a troca saudável com os filhos: *“Falta um pouco de tempo, mas a rotina nossa é muito saudável. Nós temos um lar muito bacana, isso para mim o que importa, né?”* Ele complementa mencionando o fim de semana como um momento em que ele consegue aproveitar mais: *“Final de semana você tá mais solto, né. A gente por ter a vida pública, a gente durante a semana, você tem pouco tempo, né. Final de semana você tem mais tempo para os filhos.”* Nesse sentido, ele fala sobre as atividades que constrói com os filhos e em família: *“Geralmente a gente costuma sempre estar junto. Mas bola leve meu filho, né? A minha filha ela, tem assim, está no período agora de Universidade, Enem. Então ela*

está muito focada esse ano em escola, mas ela gosta de vôlei. Mas geralmente faz a gente todo mundo junto, sempre quando um tá fazendo atividade, sempre todo mundo tá perto.”

No que diz respeito às mudanças, ele menciona o quanto isso alterou sua maneira de pensar e suas práticas diárias: *“Para mim sim, totalmente. Eu mesmo, eu casei entre aspas até novo, eu tinha 24 anos, inclusive me mudou muito porque hoje, também nessa sociedade que a gente está existe muitas oportunidades até mesmo com mulheres”*. Nessa direção, ele complementa citando a questão da sua filha como um fator que também fez ele repensar algumas questões: *“Por eu ser primeiramente pai de uma filha, me ajudou muito entender isso e também, a gente tem que ter esse discernimento.”* Quanto ao seu processo de paternidade e como ele se autoavalia, Wladimir pontua que não mudaria nada, mas pondera: *“Um pai regular. Às vezes queria ter mais tempo para estar presente, né. Mas por mais que a gente queira fazer mais, possa ser protetor, a gente não é dono do tempo, né. Mas eu não mudaria nada”*.

Sobre a comparação com as gerações anteriores e a forma como viviam a paternidade, Wladimir discorre ressaltando a questão do respeito: *“O que tá acontecendo muito hoje é que está faltando o respeito, né? Está faltando a base familiar, isso tem contribuído demais para a gente se perder, funções básicas da sociedade. E quando você perde isso, você passa a ter uma sociedade disfuncional.”* No que diz respeito a relação com o seu pai, Wladimir comenta pontuando que aprendeu a ter caráter com ele, ainda que a troca tenha sido permeada por uma inexperiência do seu pai: *“Rapaz, meu pai foi pai muito novo e a gente aprendeu a se gostar e ao mesmo tempo sempre teve um respeito muito grande. Por ele ser novo, ele casou até mais novo do que eu, às vezes ele não tinha experiência, mas meu pai é um super pai. Aprendi com ele a ter caráter.”*

Para além dessa questão, Wladimir entende que ser homem é ter responsabilidade. Ele cita a questão do provimento como um fator primordial: *“ser provedor, ser homem, com respeito, com caráter, né. Mais ou menos isso”*. Nessa direção, ele traz que conversa com outros

homens sobre o que representa a paternidade e o que perpassa o “ser homem”: *“Converso com meus amigos homens sim. Meu conselho ele é positivo. (...) ser pai, cara, não é simplesmente ação de você ter um filho. Ser pai é todo um contexto”*.

Sobre a sua percepção em relação às divisões de tarefas, Wladimir traz sua experiência e cita a liberdade para embasar seu entendimento sobre isso: *“Eu particularmente eu gosto de no domingo ir para cozinha. (...) eu acho que a gente tem que ter liberdade dentro de um casal para eles ter harmonia, nada imposto.”* Nesse sentido, ele discorre sobre como isso funciona em termos práticos na sua rotina: *“Eu moro no sítio, eu moro e eu não vou colocar minha esposa para carregar pedra, fazer buraco, nunca vou colocar. Ela geralmente, ela fica mais na função domiciliar, né, ela me ajuda, me ajuda no jardim, ver uma planta, uma coisa assim”*.

Para Wladimir, *“A maior responsabilidade de um pai hoje em dia é a criação.”*, enquanto a maior responsabilidade da mãe difere do pai, pois segundo ele *“a mulher ela é mais cuidadora, ela é mais detalhista.”* Ele complementa trazendo o seu entendimento sobre as diferenças que permeiam as responsabilidades de cada um: *“O homem mais provedor, a mulher é mais de mostrar detalhes para filho, para filha (...) O instinto do homem, ele é provedor e protetor. A mulher é mais detalhista, é mais, psicologicamente, é mais sensível, isso daí é fato”*.

Wladimir cita que um bom pai é aquele que agrega respeito, ressaltando que ele deve *“sempre pensar na proteção do filho”*. Sobre a boa mãe, Wladimir aponta que é aquela que todo filho quer estar junto dela e que *“Tem carinho, tem ternura”*. No que diz respeito ao pai ruim, Wladimir diz que é o que não tem responsabilidade com o filho e que é aquele que *“não está nem preocupado com a geração futura.”*, enquanto a mãe ruim é aquela que se distancia

e que *“não se interessa pelo filho”*. Por fim, Wladimir discorre sobre o homem que ele considera como exemplo de pai: *“Meu avô, que faleceu já. Foi uma pessoa muito importante para mim.”*

Estrutura 9 – A paternidade de Oswaldo

Oswaldo é da geração Y, tem 42 anos, é casado, tem 2 filhos – uma filha de 21 anos e um filho de 12 anos – e mora com a esposa e um filho, pois a filha mais velha já se casou. cursou ensino médio completo e empreende na sua empresa de granito, enquanto sua esposa é pastora e administradora de uma igreja. A renda mensal do casal é de 33 salários mínimos.

Para Oswaldo, “ser pai” é até difícil de relatar, pois segundo ele *“é uma coisa excepcional, é o que nos completa como ser humano.”* Quanto às expectativas em relação à paternidade, ele comenta que não teve muito tempo para assimilar essa questão da paternidade: *“Nós nos casamos novos, eu me casei com 19 anos e fui pai com 21, então eu não parei muito para pensar como seria, como eu teria que me colocar como pai. Inclusive, assim, logo no início que eu tive minha filha né eu trabalhava muito (...) Depois de um tempo ela até falava: “não quero ter mais filho não”. Eu acredito que isso foi mais pela forma que eu agi com ela”.* Nesse sentido, em relação ao planejamento da paternidade, ele cita que em um primeiro momento não foi planejado, ainda que eles tivessem o desejo de ter filhos: *“A primeira paternidade não foi planejada. Assim, a gente queria, mas não naquele momento. (...) Já o segundo foi planejado, mas ela teve um aborto. Teve uma gravidez, logo depois de 4 meses, ela ficou grávida de novo e veio o meu filho. Foi programado.”*

Sobre a experiência de ser pai, Oswaldo pontua que o trabalho e a falta de tempo pesam um pouco para ele: *“às vezes por questão de tempo, de correria com trabalho, compromisso, às vezes a gente relapsa aquela questão de tempo de qualidade, né, para o meu filho, minha filha.”* Nessa direção, ele discorre sobre o seu dia a dia: *“Eu levanto cedo, saio para trabalhar, trabalho rodando durante todo o dia, né, e o telefone começa às 6 horas da manhã e só para 9 horas da noite. É aonde que eu, assim, o relacionamento com meus filhos acho que peca um pouco do tempo de qualidade”.* Desse modo, Oswaldo comenta que é no final de semana que ele consegue aproveitar mais: *“Vou para a praia, vou para o sítio, estou mais junto. O meu*

filho agora como eu estou querendo ter essa aproximação maior, dá mais atenção, eu vejo, assim, a alegria que ele fica quando eu paro para dar atenção”.

Quanto às mudanças provocadas na prática e na forma de pensar por conta da chegada dos filhos, Oswaldo comenta sobre o grande impacto que isso teve na sua vida: *“Com certeza. Quando você se casa, isso já muda, né, a forma de você ver as coisas. Depois que vem o filho, né muito mais, com certeza você passa ter mais responsabilidade, mais compromisso ainda que você tinha, mais preocupação, né. Tudo muda muito.”* No que diz respeito ao percurso da paternidade, sua autoavaliação enquanto pai e possíveis mudanças, Oswaldo cita a questão do tempo e da demonstração de afeto: *“minha avaliação hoje é que eu preciso melhorar um pouco mais na questão de tempo de qualidade com meus filhos. (...) Precisava demonstrar um pouco mais, estar mais próximo deles, entendeu? Abraçar mais. Mudaria isso”.*

Quanto às comparações com as gerações anteriores e como vivenciam o percurso da paternidade, Oswaldo discorre sobre os valores: *“lembro muito bem que na época que eu ia muito para casa do meu avô, eu lembro dos meus filhos, isso também na minha casa também tinha, antes de dormir, falava: “bença pai, bença mãe”. Na hora que chegava, tinha aquela coisa que já vinha de berço, né? Hoje, a gente tenta, passa isso para nossos filhos, têm esse cuidado. Isso, então, comparado com hoje, lá trás isso tinha mais valor, hoje foi se perdendo esses valores aí”.* Sobre a relação com o seu pai, Oswaldo contextualiza de que forma vivenciou essa troca: *“Meu pai sempre foi aquele cara mais brutão, então qualquer coisa brigava, falava áspero, se precisava batia também. Ele sempre foi muito sério, um cara mais sério, nunca teve essa coisa de brincar muito, e qualquer coisa zangava. Não era espancamento, mas ficava nervoso do nada e pegava uma vara e o pau quebrava”.* Ainda assim, Oswaldo cita o que aprendeu com o seu pai e de que forma enxergava a relação que era construída entre eles: *“Apesar dessa questão, eu sempre via nele o amor que ele tinha e o cuidado que ele tinha. Ele dava a vida dele, para poder trabalhar, dar o sustento, trazer o sustento para dentro de casa.*

Ele trabalhava na roça na época, sempre trabalhou na roça, né, e ele sempre foi muito trabalhador, então o que eu aprendi com ele, foi a questão de trabalhar, de ser honesto e isso eu trouxe para mim". Nessa direção, Oswaldo traz as possibilidades que tenta construir com os filhos e o que busca fazer de diferente, contextualizando o bloqueio em relação ao afeto que ele tem tentado romper: *"tento não deixar faltar nada, pensar no futuro deles, mas eu peço um pouquinho nesse quesito aí de abraçar, de beijar. (...) Acho que isso acaba tendo um certo bloqueio, não sei, da forma que eu fui criado"*.

Para além disso, Oswaldo acredita que "ser homem" é "*ser responsável*". Nesse sentido, Oswaldo traz um exemplo para contextualizar o que isso significa: *"Por exemplo, às vezes o cara cresceu ali meio doidão, gostava de farra, de sair, depois que você casa, tem filhos, sua cabeça tem que mudar. Agora eu sou um homem. (...) Tem que mudar, rever conceitos, voltar a fita"*. Sobre o seu entendimento em relação às divisões de tarefas, Oswaldo aponta que *"trazer o recurso para casa, do trabalho, isso tem que ser mais do homem"*, enquanto a função da mãe é *"estar mais em casa, então, é aquela que tá ali toda hora"*. Nesse sentido, ele complementa reafirmando as diferenças entre o pai e a mãe: *"O pai é a função dele, estar no campo, vamos dizer assim, trazendo recurso para casa. (...) a função do pai seria essa e a da mãe, essa do cuidado, de estar mais perto do filho né."*

Para Oswaldo, a maior responsabilidade de ser pai é dar exemplo para o filho: *"O exemplo dele ver que você é bom marido, que você é trabalhador, então assim, acho que seria dar exemplos em todos os âmbitos"*. Sobre a mãe, Oswaldo traz que a responsabilidade da mãe é o amor, enfatizando mais uma vez o que muda em relação aos papéis de cada um: *"É aquele amor diferente, né? Acho que a mãe passa isso para o filho. O pai já assim, já é um pouquinho mais bruto. Mas a mãe é aquela coisa serena, amorosa. Acho que seria isso, um amor diferente"*.

Oswaldo cita que um bom pai não é aquele que traz o sustento, contextualizando sua compreensão sobre: *“Bom pai é aquele que realmente dedica um tempo mais qualidade, que brinca, que beija, que conversa, que coloca do lado, que tem diálogo”*, enquanto a boa mãe é aquela que está presente em todos os momentos, citando: *“boa mãe é aquela mãe que está ali, que zela pela casa, pelo lar, que cuida do filho, que levanta de madrugada, o filho tem uma dor de ouvido, o filho tem uma febre, que pega, que cuida, que fez xixi que vai lá e troca, fez cocô independentemente da hora, se está frio, está quente, ela está ali*. Nessa direção, ele complementa dizendo que *“a mãe ela é uma boa mãe, seria essa daí, que realmente ela cuida do filho. Até depois de grande, de adulto ela continua tendo aquele cuidado, né, com o filho”*.

Sobre o pai ruim, Oswaldo aponta que é aquele que deixa o filho com traumas e sequelas, trazendo um exemplo: *“por exemplo, o pai bebe, aí bate na mãe, tem aquela situação... então o filho tá crescendo, né, com aquela mentalidade”*. No que diz respeito a mãe ruim, Oswaldo cita que é aquela mãe que não cuida direito do filho, mencionando: *“aquela mãe que não está nem aí para o filho, que deixa o filho sujo. (...) que não dá o amor. Essa seria uma mãe ruim”*. Por fim, Oswaldo comenta sobre o seu exemplo e referência de pai: *“Tem, meu sogro. (...) Ele tinha defeitos como meu pai, mas ele tinha essa coisa de cuidado com os filhos, de brincar, de abraçar, de chamar para perto, de dar tempo, de chamar para pescar”*.

Estrutura 10 – A paternidade de Adenor

Adenor é da geração X, tem 48 anos, é solteiro, tem 4 filhos – 23, 18, 12 e 10 anos – e mora com uma nova parceira e os filhos da parceira (3 filhos e 1 filha). Além disso, perdeu um outro filho de 28 anos do primeiro casamento. cursou ensino fundamental, mas não completou. Trabalha como eletricitista, enquanto a companheira trabalha como faxineira em um hospital. A renda do casal é de 2 a 3 salários mínimos.

Para Adenor, “ser pai” é “ser presente”. Sobre as expectativas e o planejamento da paternidade, Adenor cita que visou bastante isso na sua vida, mencionando: *“Sempre tive vontade de ser pai. Foi planejado.”* Nesse sentido, ele comenta sobre a experiência de ser pai trazendo um pouco do momento difícil que ele passou e discorrendo sobre o emprego que te deu uma segurança para a paternidade: *“Para mim foi bom, bom demais. Porque eu fui criado na casa dos outros, aí você tem que tratar bem os filhos, porque é complicado a pessoa ser criada na casa dos outros. Fiz o SENAI à noite, tinha vez que eu dormia lá na rodoviária para esperar carona para vir embora e hoje eu estou na prefeitura há 26 anos. Foi tranquilo saber que ia ser pai. Eu já estava empregado já na prefeitura.”*

Sobre a vivência com os filhos, ele menciona como lida com a relação que mantém com eles e o quanto o relacionamento atual implica nestas trocas: *“É muito difícil de ver. Só vejo quando vem na igreja aí, na igreja crente, aí eu vejo. Minha atual parceira não deixa vir em casa, ela não gosta que venha aqui. Agora tem um que já fica direto andando na rua aí e eu vejo mais.”* Também cita as mudanças provocadas pela chegada dos filhos na prática e na forma de pensar, ressaltando principalmente a questão da responsabilidade: *“Muda, você sozinho é uma coisa, ter filho é outra. A responsabilidade dobra.”* Sobre a sua autoavaliação enquanto pai, Adenor comenta reforçando o trabalho como um fator preponderante para esta relação: *“Eu gosto até hoje dos meus filhos, entendeu? Eu gosto. Quando o moleque fez o SENAI, o primeiro emprego dele, me mostrar o primeiro pagamento: “aqui pai, meu primeiro pagamento”.”*

No que diz respeito às comparações com as gerações anteriores e a forma que vivenciavam a paternidade, Adenor discorre sobre: *“Igual colégio, hoje, se você não der uma merenda para levar para o colégio, ele não quer ir para aula. Tem que comprar um lanchinho. Antigamente nós íamos e chegava lá a merenda era uma sopa lá, que se não for, não tinha, ou aquele mingau de fubá e está bom. Agora hoje não, ônibus leva, o ônibus pega, leva dentro do*

colégio, se tiver um probleminha lá já tem conselho tutelar, coisa que não existia. Hoje está mil maravilhas". Quanto ao relacionamento com o seu pai, ele contextualiza sobre o quanto isso o afetou: *"Meu pai... Eu falo com você a verdade. Se eu visse ele hoje, não dou nem a bença a ele. Porque minha mãe morreu, no resguardo ele bateu nela e ela foi e morreu. Eu vou gostar de um pai desse? Eu vou gostar da pessoa que me criou, entendeu? Se ele voltar hoje, vai ser qualquer pessoa. Eu não aprendi nada com ele. Nada. Eu só tenho saudade da minha mãe, porque eu tinha 6 anos de idade. E eu não esqueci isso nunca, tenho 48"*. Nessa direção, Adenor complementa contextualizando que busca fazer de diferente nas trocas com os filhos: *"Eu tento fazer diferente. A pior coisa que tem é isso. Vou no colégio lá e vejo eles. Qualquer lugar onde eu estou eu vou ver meus filhos, entendeu?"*.

Para além dessa questão, Adenor cita que "ser homem" é *"Tratar bem os filhos. Ser homem de verdade é tratar bem os filhos, entendeu?"*. Nesse sentido, ele complementa ressaltando a responsabilidade que envolve o percurso da paternidade: *"A primeira coisa é ter um emprego, depois você ter filho. Primeiro tem que ter um uma estrutura, porque não adianta o cara desempregado ter um filho e ficar aí dependendo de governo."* Ainda sobre isso, Adenor menciona que conversa com outros homens sobre o que envolve a paternidade e o "ser homem" trazendo um exemplo na sua fala: *"Eu converso. Igual, eu conversei com um colega meu, separou, largou o menino e não queria nem saber do menino. Falei: "rapaz, você vai lá e conversa com a sua mulher, pelo menos ir no colégio ver eles", porque senão depois ele vira as costas e vira inimigo seu mais tarde, ou vai virar um vagabundo, sei lá, pode acontecer. Tem que ter o amor do pai, senão..."*

Sobre as divisões de tarefas e o seu entendimento sobre isso, Adenor comenta: *"Ó, igual assim, dentro de casa tenho uma menina já adolescente, lavar uma vasilha, de manhã cedo colocar o lixo para fora de casa, passar um pano. Agora se ficar dormindo até meio-dia igual eu vejo aí. Vai fazer o que? Não vai dar em nada. A mesma coisa o menino. Igual na geladeira*

lá, a tarefa do dia. Ó, onze e meia eu tenho que tomar banho para ir para o colégio, de manhã cedo varrer a casa. Assim, eu penso assim. Mesma coisa o menino também, não é só para menina.” Para Adenor, a maior responsabilidade de um pai é o provimento, discorrendo sobre: *“A maior responsabilidade de um pai é dar um carinho, comida certinho, porque a pior coisa que tem é uma criança pedir um biscoito e não ter. É isso aí.”* e para ele não muda essa questão no que diz respeito ao entendimento sobre a responsabilidade da mãe. Por fim, Adenor cita que o homem que ele tem como exemplo como pai é Jesus Cristo, fazendo uma referência ao que ele tem como crença.

Estrutura 11 – A paternidade de Ronaldo

Ronaldo é da geração Y, tem 34 anos, é casado, tem 2 filhas – 2 e 5 anos – e mora com um amigo por conta dos estudos, apesar de ser casado com sua esposa. cursou ensino superior completo e está fazendo sua segunda graduação em medicina. Trabalha como farmacêutico, enquanto sua esposa é engenheira ambiental e bióloga. A renda mensal do casal é de 10 a 15 salários mínimos.

Para Ronaldo, “ser pai” é ser herói. Nesse sentido, ele contextualiza o que pensa sobre: *“é fazer de tudo para os filhos além do que você pode fazer. Ir além do que você pode fazer, mais do que está no alcance.”* Ele também comenta que suas expectativas em relação às filhas eram que elas nascessem saudável e que o planejamento da paternidade foi feito: *“A expectativa era de ter saúde, perfeitas e só. Não nascer com problema, acompanhar tudo para poder crescer. A gente foi tudo programado, né, então as duas filhas foram programadas. As duas foram planejadas. Agora a gente não tem mais planejamento para terceiro filho não. Mas as duas foram planejadas.”* No que diz respeito a sua experiência da paternidade, Ronaldo discorre sobre, exaltando esta vivência e falando sobre o que isso representa para ele: *“Ser pai é a melhor coisa do mundo. Não vai ter como te explicar na entrevista o que é ser pai, porque*

ser pai não tem palavra para poder explicar o que é ser pai, é só sendo pai”. Nessa direção, ele cita as filhas o renovam: *“Você está preocupado, triste com alguma coisa e você chega em casa brinca com as filhas, sorrisos, brincadeiras, pique esconde, então tudo isso passa, você esquece tudo, como se fizesse virar a página”*. Mais uma vez, ele complementa enfatizando o quanto a experiência da paternidade é significativa na sua vida: *“Ser pai é mágico, celestial, não tem adjetivo, não tem uma palavra que eu configuro para poder dizer o que é ser pai. Pelo menos para mim, acredito que para mim só sendo pai mesmo”*.

Sobre a rotina com as filhas, Ronaldo traz que durante a semana ele fica fora por conta da graduação em Medicina: *“De segunda a sexta eu faço videochamada para conversar com elas, brincar com elas. Sempre a noite né, porque durante o dia estudo. Então faço videochamada, brinco.”* Ele pontua que somente nos finais de semana consegue estar com as filhas, ressaltando também as movimentações que tem feito para tentar suprir essa falta: *“Nos fins de semana quando eu venho, sempre trago algum brinquedinho, presente, lapiseira, biscoito, ursinho, boneca, uma bola. (...) Criança adora presente, então eu sempre penso em todos os fins de semana que venho ver elas.”* Para além disso, ele discorre sobre as atividades que são feitas em conjunto com as filhas: *“A gente vai muito na casa da minha irmã que tem uma menina também de seis meses. Seis ou nove meses, agora eu não lembro. Então a gente faz visita na casa dela, vai na casa da minha mãe visitar a vovó. Então a gente vai na rua passear, vai no parquinho, vai na roça, leva para andar no cavalo, brinca de acampamento, vê filmes, faz pipoca. Então tenta preencher bastante o final de semana com as coisas legais, porque o que criança gosta de fazer é brincar e passear.”*

Quanto às mudanças provocadas com a chegada das filhas no que diz respeito às práticas e a forma de pensar, Ronaldo menciona as mudanças advindas por meio da paternidade: *“Para mim modifica muito, total. Todos. Acredito que todos. Eu, em particular, sempre tive a convicção de imagem por ser da área da saúde, sempre zelei pela imagem porque*

você é referência de uma pessoa. E hoje como pai, mais ainda, né, porque você responde por vidas. Então para mim é isso aí.” No que diz respeito às possíveis mudanças no percurso da paternidade e sua autoavaliação, Ronaldo comenta: *“Eu não me considero um pai 10, porque ninguém é perfeito, né. (...) Não sei se eu vou chegar a ser o melhor pai do mundo, mas eu busco isso. Mas eu não mudaria nada enquanto pai não. A escolha até de residência em medicina, eu não quero fazer longe porque eu quero manter proximidade com minhas filhas.”*

Quanto às comparações com as gerações anteriores em relação ao modo de como vivenciavam a paternidade, Ronaldo discorre sobre as diferenças que ele entende como significativas: *“Acredito que sim. Acredito não, tem sim. (...) Nas leis de hoje não pode bater, mas antigamente tinha isso, a educação”*. Sobre a relação com o seu pai, Ronaldo contextualiza como foi essa troca: *“A minha relação com meu pai foi boa, normal, como todo pai. Me apoiou na época de criança jogar bola, ir na roça, que a gente tem roça. (...) Meu pai sempre fez tudo pela família e eu busco fazer igual ou mais. Aprendi com meu pai respeito, aprendi trabalho, honestidade principalmente, isso a minha família sempre priorizou.”* Nessa direção, ele reforçou o que quer transmitir para as filhas, ressaltando o aspecto profissional: *“O que eu pretendo fazer com as minhas filhas, eu sendo médico, quero ensinar a profissão futura delas.”*

Para além dessa questão, Ronaldo discorre sobre o que significa “ser homem” para ele. Segundo Ronaldo, *“ser homem é ser referência, honesto, ser referência para as pessoas. E no sentido de reprodução, né?”*. Ronaldo também discorre sobre o possível diálogo sobre paternidade e outras questões que envolvem o convívio masculino: *“Na faculdade eu converso com o que mora comigo que é bem mais novo, e os meninos que são do meu grupo. Igual o menino que mora comigo tem filha também e eu converso muito com ele que ele deve ter preocupação de ligar, preocupação de não correr, não beber, e se beber, saber a hora de parar. (...) Então eu converso com eles muito sobre ter esse respeito pela família e pelos filhos principalmente.”*

Em relação ao seu entendimento sobre as divisões de tarefas, Ronaldo acredita que não tem que ter divisão, citando: *“O pai tem que ajudar a mãe, presente ou não presente tem que ajudar. E a mãe também tem que ajudar. Não tem que ter divisão. (...) Eu acho que eu vejo que a união faz a força, né, então não tem que ter distinção de tarefa”*. No que diz respeito ao funcionamento disso na sua família, Ronaldo discorre sobre o fato dele estar longe atualmente: *“Eu estou fora, né, durante a semana, mas é para buscar um futuro melhor para as minhas filhas, porque é ruim você não estar junto com elas todos os dias. Mas eu não mudaria não, porque eu estou fazendo isso, mas elas entendem, né, eu não perco vínculo e quando elas crescerem, vai poder ter um futuro melhor.”*

Para Ronaldo, *“A maior responsabilidade de um pai é amar incondicionalmente”*. Segundo ele, *“no caso da mãe, também deveria ser isso”*. Contudo, ele ressalta que *“o vínculo da mãe, de certa forma eu entendo que é maior, mas não acho que deve ter diferença entre um amor de pai e o amor de mãe”*. Ronaldo define bom pai como *“aquele que sabe educar e falar “não”, que tem paciência e prioriza a família em primeiro lugar”*, enquanto boa mãe é aquela que *“faz tudo pela família”*. Sobre um pai ruim, Ronaldo caracteriza como *“aquele que não pensa na família, só pensa em si mesmo, se entrega a vícios e coloca os vícios em primeiro lugar”* e a mãe ruim é *“a mesma coisa”*. Por fim, Ronaldo discorre sobre quem ele tem como homem e referência enquanto pai: *“Além do meu pai, né, meu sogro, que fica aqui também com as minhas filhas durante a semana, que assume meu papel aqui.”*

Estrutura 12 – A paternidade de Wilson

Wilson é da geração Y, tem 37 anos, é casado, tem 2 filhos – um filho de 6 anos e uma filha de 2 anos – e mora com a esposa e os filhos. Coursou ensino superior completo e trabalha como enfermeiro, enquanto a esposa trabalha como pedagoga. A renda mensal do casal é de 6 salários mínimos.

Para Wilson, “ser pai” é semear, citando: *“Semente que eu estou deixando aí para eternidade, essa semente que eu estou deixando.”* Quanto às expectativas e o planejamento dos filhos, ele discorre que foi planejando e as expectativas foram alcançadas: *“Sempre foi planejado, né. Desde que eu casei, depois passou os anos e aí decidiu engravidar, né. Então atingiu as expectativas, né, foi tudo planejado, né. A gente tem planejado sempre as coisas. Certo que não dá para planejar tudo, sempre foge uma coisa e outra, mas foi tudo planejado. Dos dois filhos foi planejado.”* No que diz respeito a sua experiência com os filhos, Wilson comenta engrandecendo essa troca: *“É excelente. Os filhos são uma benção, né. Dois filhos. Super educados, amorosos né, é isso, né, meus filhos, a vida. Eu tento estar sempre presente, estar junto com eles sempre que eu posso. A gente tem que cuidar, e dar carinho, acompanhar no crescimento, orientar. Então acho que é isso.”*

Sobre a sua rotina e as atividades que ele realiza com os filhos, Wilson discorre ressaltando que seu tempo tem sido um tanto quanto limitado atualmente: *“Hoje eu estou um pouco corrido. Além de trabalhar, eu estudo também, estou estudando novamente. Mas assim, tudo, sempre que eu posso, o tempo que eu tenho eu tento estar perto deles, às vezes sair com eles, né, dar atenção, né. Durante a semana é muito corrido, né. Durante a semana trabalho e faculdade. Final de semana eu tento tirar mais momentinhos para eles, né”.* Nessa direção, Wilson cita as movimentações que são feitas, reafirmando que geralmente essas trocas são mais comuns nos finais de semana: *“Quando eu estou com esse tempo, às vezes saio, vou no shopping, em algum lugar, vou no sítio do meu pai, né. Entendeu?”.*

Quanto às mudanças práticas e na forma de pensar ocasionadas pela chegada dos filhos, Wilson contextualiza de que forma isso o afetou: *“Com certeza, né. Porque quando você não é pai, você só pensa em você. Quando você tem filhos, tem que pensar nos filhos. Então o que você faz, você para de fazer para você, para fazer para os filhos. Educação, saúde, às vezes você deixa de estar no lugar, né, para você estar mais presente com seus filhos. Então acho*

que é essa parte, assim". Em relação às possíveis mudanças no seu percurso de paternidade e sua autoavaliação, Wilson discorre sobre reforçando que gostaria de ter mais tempo: *"Eu tento fazer o máximo que eu posso para os meus filhos, né. Então eu acho que sou um bom pai". (...)* *Mas igual eu te falei, como eu estou estudando, trabalhando, às vezes falta um pouco de tempo*".

Sobre às comparações em relação às gerações anteriores e a forma como vivenciam a paternidade, Wilson fala sobre a sua percepção em relação às mudanças que são mais marcantes para ele: *"Com certeza, com certeza. Antigamente era mais rígido, os filhos obedeciam aos pais, né. Hoje está difícil que a sociedade nossa, né, muita influência externa. Então é difícil você orientar e fazer que o filho siga esse caminho que você acha que é o certo*". No que diz respeito a relação com seu pai, Wilson contextualiza como isso foi construído, contextualizando a maneira positiva que ele visualiza seu pai e o que tem tentado transmitir para os filhos: *"Ah, meu pai é excelente, né. Meu pai é espelho para mim, meu pai é espelho. Tento seguir tudo que ele me ensinou, entendeu. Caráter, honestidade, cuidar, respeito, tudo. Meu pai é espelho. Acho que de tanto espelho, eu sigo muito os valores, tudo que ele passou. Então acho que eu sigo quase todo tratamento que ele seguiu comigo, eu sigo com meus filhos*".

Para além dessa questão, Wilson diz que "ser homem" para ele é *"cuidar da família, tentar dar o melhor para família*". Ainda sobre isso, Wilson comenta que conversa com outros homens sobre a paternidade e outras questões que envolvem o "ser homem": *"A gente sempre troca informação. A gente troca informação. A gente fica percebendo, assim, como cada um age, como cada um cuida, né, do seu filho, assim."*

Quanto ao seu entendimento sobre as divisões de tarefas, Wilson faz os seus apontamentos em relação a essa questão defendendo a paridade: *"Com certeza se tivesse divisão de responsabilidade ajuda muito né. (...)* *Mas a gente vem da cultura, né, antiga que é pouco menos dividido isso, né*". Para Wilson, *"A principal responsabilidade de um pai é fazer*

os filhos serem boas pessoas no futuro e saber se colocar no lugar dos outros.”, enquanto no seu entendimento em relação a maior responsabilidade da mãe ele diz: “Não acho que é diferente no caso da mãe, acho que tem que ser igual. Cada um tem sua parcela aí de responsabilidade.”

Sobre ser um bom pai, Wilson acredita que é *“aquele que dá educação, é honesto. E que deixa valores para o filho”*, enquanto a boa mãe é *“aquela que cuida, que zela, né. Você se espelha também nela para você sempre ser melhor”*. Em relação ao pai ruim, Wilson cita que é *“aquele que não cuida, né. Aquele que o filho não tem o pai como espelho.”*, enquanto a mãe ruim é *“aquela que abandona. Aquela que não ama o filho.”* Por fim, Wilson afirma que o homem que considera como exemplo e referência de pai é o seu próprio pai.

Estrutura 13 – A paternidade de Roberto

Roberto é da geração X, tem 54 anos, é casado, tem 3 filhos – dois filhos com 35 e 26 anos e uma filha de 29 anos – e mora com sua esposa, pois todos os filhos já são independentes e tem suas respectivas famílias. cursou ensino fundamental, mas não completou. Trabalha como vereador, enquanto sua esposa cuida da casa. Tem uma renda mensal de 3 a 4 salários mínimos.

Para Roberto, “ser pai” é *“uma coisa muito gostosa, uma coisa assim exuberante”*. Sobre as suas expectativas e a organização para paternidade, ele discorre contextualizando as diferenças nos percursos de cada planejamento: *“O primeiro não foi planejado, aconteceu quando a gente era muito novo. (...) O segundo filho foi planejado né, tudo já tinha passado aí 5/6 anos, né, então estava dentro do planejamento mesmo. O terceiro, né, foi aquele se não estava planejado, né, que aconteceu no dia a dia, que vem a tal da pílula do dia seguinte, não deu certo, mas também graças a Deus, como já tinha tido o primeiro sem planejamento o terceiro foi mais fácil”*. Nessa direção, ele comenta sobre as responsabilidades atribuídas neste

percurso, ressaltando o comprometimento que passou a ter quando se deparou com a paternidade: *“A experiência para mim foi nova, né, com 17 anos ser pai. Me deu muito compromisso, né, naquela idade 17 anos, há 35 anos atrás. Quando surgiu que seria pai eu me senti feliz. (...) Não estava preparado com certeza, né, mas quando me dei conta, assumi todas as responsabilidades de um pai”*.

Sobre essa vivência, Roberto contextualiza como experienciou a paternidade: *“ser pai é muito gostoso e acredito que qualquer um quer ser pai. Por meus filhos morarem muito próximo a gente tem contato todos os dias, têm muito diálogo, não passa duas três horas sem a gente se falar, embora eles trabalhem, mas sempre faz um serviço que passa por perto de casa e a gente está sempre conversando, né, sempre pedem minha opinião”*. Nessa direção, ele reafirma a questão do diálogo como um dos pontos-chaves dessa relação: *“até mesmo na hora de falar algumas coisas que estão erradas e eu tenho essa liberdade e mantenho esse diálogo aberto com meus filhos”*. Ainda sobre isso, Roberto fala sobre as atividades que costuma fazer junto com os filhos: *“Minha atividade principal com eles é campo de futebol, a gente se encontra mais porque os dois meninos jogam futebol. Então a gente tá sempre junto, né. Com ela a gente participa mais das festas, aniversário que a gente vai junto, né”*.

No que diz respeito às mudanças que a paternidade trouxe na prática e na forma de pensar, Roberto comenta: *“Com certeza. Eu acredito que um jovem que não é pai ainda, ele olha completamente diferente, depois você passa a ver”*. Sobre a sua autoavaliação enquanto pai e as possíveis mudanças no seu percurso da paternidade, Roberto cita que não mudaria nada: *“Olha, eu acho que hoje não mudaria não. Pensaria, né, se fosse pai de novo lá pensaria. Claro, comparando a 35 anos atrás, mas eu acho que eu não mudaria minha linha não, seguiria da mesma forma, até mesmo porque não sou rigoroso, sou de diálogo, de conversar”*.

Quanto às gerações anteriores e a forma com que viviam a paternidade, Roberto fala sobre essa diferença: *“Com certeza. Hoje a modernidade é muita diferença, né. Eu mesmo com*

54 anos, eu fui criado no modo muito diferente, né, talvez diria que foi um modo até mais duro, né. Mas a gente estava sempre perto do papai, então era um jeito que ele cuidava da gente”. Seguindo adiante, Roberto exemplifica essa questão: “meu pai era rígido, certas coisas ele jogava pesado com a gente, principalmente trabalhar. Era uma coisa que ele não abria a mão de nós. Ia na roça um pouquinho, trabalhava.” Nessa direção, ele discorre sobre o que trouxe de diferente para os filhos: “Meus filhos comigo a liberdade foi maior, né, um é jogador de futebol, outro microempresário e a menina se formou em farmacêutica, mas não quis seguir. Mas acredito que, enfim, eles também decidiram a vida deles, como ia seguir, eu sempre apoiando do lado deles”.

No que diz respeito a essa relação com o pai, Roberto se aprofunda ainda mais nesse ponto e compara: *“São épocas muito diferentes, né. Meu pai lá atrás, eu nem lembro como que ele fez, como criou, mas lembro que deixava estudar muito pouco. (...) E realmente tive que me virar, porque logo em seguida fui pai aí e eu tentei fazer o melhor para os filhos”.* Além disso, ele complementa: *“Eu nunca respondi meu pai, jamais, mesmo quando ele estava errado. Deixava para passar o tempo. (...) então meu pai era parceiro, amigo, conselheiro. Ele como meu pai eu não posso reclamar de nada, acho que eu fui um bom filho”.*

Para além dessa questão, no seu entendimento, Roberto afirma que “ser homem” é ser honeste e cumprir com suas obrigações, trazendo sua experiência para exemplificar isso: *“manter uma casa em ordem, tudo certinho, todas as contas pagas, os compromissos exercidos naquelas datas, principalmente para mim, dia 10 é dia 10 e não é dia 11. Então eu prezo muito por isso aí eu acho que isso é ser homem”.* Quanto às divisões de tarefas e sua compreensão em relação aos papéis que podem ser atribuídos, Roberto discorre sobre seu ponto de vista ressaltando as diferenças de cada papel: *“Acredito que a mulher tem um papel importantíssimo de ser conselheira, ser amiga. Então acho que o papel da mulher é extremamente importante nesse contexto e o pai às vezes se limita ao trabalho, trazer para cá e para lá”.*

Para Roberto, a maior responsabilidade de um homem é educar, citando: *“fazer com que siga os caminhos honesto, ensinar eles o que que é certo o que é errado”*, enquanto a mãe tem como maior responsabilidade o diálogo, pois segundo ele *“ela conversa mais um pouco, né, com a filha que tem mais liberdade”*. Roberto cita que o bom pai *“é aquele que se dedica muito mais, conversa, que esteja presente, né, na educação”*. Sobre o pai ruim, ele menciona que é *“aquele que larga para lá, vê uma vez ou outra, não quer saber, não quer ter contato”*. Sobre a mãe, Roberto entende que não há diferença, citando que *“A influência do pai presente ou a mãe boa que é presente, né, os dois presentes, os dois. Com certeza é importantíssimo na educação dos filhos”*. Por fim, Roberto menciona que o seu pai é o seu exemplo de homem e de pai que ele tem como referência.

Estrutura 14 – A paternidade de Cássio

Cássio é da geração X, tem 53 anos, é casado, tem 3 filhos – 22, 19 e 9 anos – e mora com a esposa e os filhos. cursou ensino fundamental completo e trabalha como lavrador, enquanto sua esposa trabalha como professora. A renda mensal do casal é de 10 salários mínimos.

Para Cássio, “ser pai” é muito bom e que ele só não tem mais filhos por conta da cirurgia que ele fez: *“A gente não tem mais filho porque eu fiz vasectomia, porque se não, acho que a gente teria um monte porque é muito bom, é uma obra de Deus mesmo, eu acho que é a obra de Deus e graças a Deus família para mim é muito importante”*. Quanto às expectativas e o planejamento da paternidade, Cássio contextualiza ressaltando o planejamento e a vontade que ele tinha: *“Eu tinha muita vontade de ser pai, muita vontade sim e graças a Deus tive meus filhos, todos eles foram planejados. Foram planejados, nada por acaso. (...) A gente conversava sobre isso e se programou, né, entendeu? Não foi coisa assim, de improviso”*.

Sobre essa experiência da paternidade, Cássio comenta exaltando a questão do diálogo: *“Eu graças a Deus me dou bem com todos os meus filhos, a gente tem amizade, tem liberdade de conversar, tem diálogo. Eu não sou pai só, eu tenho amizade com eles”*. Nessa direção, também discorre sobre sua rotina e as atividades que costuma fazer: *“No dia a dia o meu mais velho fica comigo, a gente trabalha junto. (...) O outro filho vai para escola e chega depois. Vai com a mãe dele para escola e chega, estuda meio período só. Já o outro fica e estuda fora e fica lá durante a semana toda, aí sexta-feira ele vem para casa”*. Ele complementa citando as movimentações que são construídas quando todos os filhos estão juntos: *“De vez em quando a gente também sai, igual essa semana a gente saiu, sai junto com eles e a namorada. Mas lazer mesmo, esporte.”*

Sobre as mudanças provocadas pela chegada dos filhos na prática e na forma de pensar, Cássio comenta sobre o que isso surtiu de mudança para ele dialogando com a relação com os seus pais: *“Acredito que sim, eu acho que acredito que sim. Depois que você é pai eu acho que você passa a valorizar mais o seu pai, se você tiver um pai mesmo de verdade. (...) Então eu acho que a gente valoriza mais os pais da gente depois de você ser pai, da experiência, né. Eu acredito nisso.”* Quanto às possíveis mudanças no seu percurso da paternidade e sua autoavaliação enquanto pai, Cássio pontua enfatizando o tempo como uma questão: *“Rapaz, eu não sei. Eu acho que ao menos uns 50% eu tento. Eu não sei se sou um bom pai não, isso aí tem que ser meus filhos que tem que falar. Mas eu tento ser melhor, mas eu poderia ser muito melhor. Poderia ter mais tempo”*.

No que diz respeito às comparações em relação ao modo como as gerações anteriores vivenciaram a paternidade, Cássio coloca o seu ponto de vista em relação ao seu entendimento sobre isso: *“Rapaz, hoje em dia mudou, mudou muito. Eu fui criado em um sistema muito bruto. Meu pai era assim, muito severo, muito justo, mas ao mesmo tempo era amoroso, só que ele era menos diálogo.”* Nessa direção, ele cita possíveis mudanças na sua troca com os filhos:

“Hoje procuro assim, ser justo, ser até sério com eles algumas horas que precisa, mas tento mais amizades, diálogo, conversar com eles, entendeu?”.

Para além disso, Cássio discorre sobre o seu entendimento do que significa “ser homem” destrinchando essa questão também para a relação com sua esposa: *“É, rapaz, homem tem que dar o exemplo, a gente tem que ser homem e mostrar o exemplo, mas também tem que ser parceiro. Eu sou casado, eu não posso ser também “eu que mando em tudo”, eu tenho que ser parceiro”.* Em relação ao seu entendimento sobre divisão de tarefas, Cássio cita sua opinião sobre isso exemplificando como funciona na sua família: *“quando chega em casa, vai arrumar uma cozinha, vai arrumar a casa, às vezes chega nós que somos todos homens aí todo mundo faz também. (...) Eu acho a divisão “isso é meu, isso é seu”, não tá certo não”.*

Segundo Cássio, *“A maior responsabilidade de um pai é exemplo e dedicação”* e a da mãe não é diferente, pois segundo ele *“é um conjunto, acho que é um conjunto”.* Para Cássio, um bom pai *“tem que ter carinho, né, tem que ser exemplo de pai, de honestidade”*, enquanto a boa mãe *“tem que ser amiga, muito presente, muito correta.”* Sobre um pai ruim, Cássio cita que é *“o pai que não liga para o filho, abandona, joga no mundo, não liga para o que filho está fazendo.”* E sobre a mãe ruim, Cássio aponta que é *“a mãe que abandona o filho para o mundo e não mostra o caminho.”* Por fim, Cássio comenta sobre o seu exemplo e referência de pai na sua vida: *“Meu exemplo é mais o meu pai mesmo, né, procurei seguir o exemplo dele, mas assim tentando mudar umas coisinhas para melhor.”*

Estrutura 15 – A paternidade de Geraldo

Geraldo é da geração X, tem 51 anos, é casado, tem uma filha de 25 anos e mora somente com a esposa, pois sua filha já é casada. Ele perdeu uma filha de 22 anos por conta de uma leucemia. cursou ensino fundamental completo e trabalha como lavrador, enquanto sua esposa empreende vendendo salgados. A renda do casal é de 3 a 4 salários mínimos.

Para Geraldo, “ser pai” é uma experiência excelente, citando: *“Todo homem tem de ser pai. Imagina aquele que não consegue ser pai. A experiência de ser pai é muito boa, nossa mãe, eu tenho muito orgulho das minhas filhas.”* Quanto às expectativas em relação ao percurso da paternidade e ao planejamento da mesma, Geraldo cita que *“A paternidade foi programada e as expectativas foram alcançadas.”* Sobre a experiência de ser pai e a relação com a sua filha, Geraldo pontua sobre a troca saudável que tem com ela: *“Eu e ela, nós somos muito apegados, né, mas somos muito positivamente próximos, né, carinhoso, eu tento. Muito chato e muito carinhoso, né.”* Nessa direção, ele comenta sobre as atividades que geralmente fazem juntos, ainda que haja uma distância pelo fato de a filha morar longe: *“Ela mora fora, né, cara. Só eu e minha esposa mesmo. Ela mora em Vila Velha e é difícil se encontrar, né. Mas a gente faz em casa. come pizza, faz churrasco, vai a igreja junto, né, mas fico mais no sítio também, né, não é de sair para muitos lugares não, entendeu?”*. No que diz respeito às mudanças provocadas com a chegada das filhas tanto na prática como na forma de pensar, Geraldo discorre sobre enfatizando principalmente a questão da responsabilidade: *“Ser pai muda o homem. Muda para melhor, né. Responsabilidade, no dia a dia você ser próximo, mais próximo de casa. O homem muda, muda para melhor”*. Em relação às possíveis mudanças no percurso da paternidade e sua autoavaliação, Geraldo comenta: *“Rapaz, a minha nota como pai é muito boa. Eu sou muito apaixonado, muito dedicado. Sou muito pai, nossa, paixão, carinho. Todo mundo gosta de carinho. (...) Não teve aquela cultura de criança, né, de receber carinho e de dar carinho, mas ser pai é um prazer muito bom, sou um pai muito carinhoso”*.

Quanto às diferenças em relação ao modo em que as gerações anteriores experienciavam a paternidade, Geraldo aponta citando o respeito como algo que está em falta hoje: *“Rapaz, esse ponto você chegou agora chegou no ponto fetal. Tem mãe hoje mandando o filho tomar no rabo e tem filho mandando a mãe tomar no rabo, e vice versa pais e mães. Aqui você não tem isso. Respeito. A palavra respeito é uma coisa que você tem que criar ela”*. No que diz

respeito ao relacionamento com o seu pai e de que forma isso se constituiu, Geraldo contextualiza essa questão sem se aprofundar muito: *“Ah, cara, meu pai largou a minha mãe eu tinha 10 anos de idade. Nunca teve uma relação, ele sempre foi um cara ruim, horrível, enganador. Tento ser o pai que eu não tive.”*

Sobre o que é “ser homem”, Geraldo discorre sobre esse ponto falando sobre a perda da sua filha que o machucou muito: *“Eu perdi minha filha. Minha filha morreu, cara. Minha filha morreu há 4 anos, a mais velha. Só tem essa aí agora. Ser homem é matar essa dor que eu levo, fico doido, entendeu? Saudade é uma peça, uma dor que você não consegue fazer nada. Tem pessoas que falam assim comigo “rapaz, não sei como eu aguentaria isso não”, isso você não sabe o que que é, você perder uma filha. A gente vive, mas não sabe o que a outra pessoa tem dentro do peito, o que você está passando. Essa aqui ó (mostra a foto), ela morreu de leucemia. Ser homem... ser homem, rapaz, ser homem não, tem que ser super homem, né, para aguentar essas coisas”*. Nessa direção, emocionado, Geraldo complementa sobre este fato: *“Desculpa meu choro, falar do filho, né. A gente vai no fundo do baú, né, porque a dor que a gente sente, igual um colega falou: “é um motor que você... é uma peça... é um motor que você vai ficar o resto da sua vida”, é a sequela, né? E tem gente que fala de Psicólogo... Psicólogo é o caralho, não existe isso não, bicho. Eu falo para você, a dor da perda, a dor de perder a minha filha, eu sei que não tem remédio, a mesma coisa a dor do meu pai não ter me dado uma vida que eu queria ter, uma família, entendeu? Isso tudo gera uma consequência no futuro, lá na frente. Hoje, assim.”*. Geraldo também traz que não conversa com outros homens, pois não vê eficácia nessa troca: *“Eu não converso com outros homens sobre paternidade. Conversar não resolve, preocupação não resolve... Se preocupação resolvesse alguma coisa a minha filha de repente não tinha perdido a vida”*.

Para além dessa questão, no que diz respeito às divisões de tarefas, Geraldo coloca o seu ponto de vista trazendo um entendimento de igualdade no que diz respeito a este tema: “A

tarefa tem que ser dividida. Lá em casa não tem divisão de tarefas, trabalhamos juntos. Eu só não cozinho porque eu já cozinhei muito na estrada, entendeu? Mas se for preciso a gente faz também, entendeu? Eu varro o terreno, lavo a cozinha, passo pano em casa, eu tenho a casa no sítio e na cidade, mas se for preciso fazer tudo, lavar banheiro, lavar panela, eu faço.” Ele também comenta que um bom pai é aquele que “*é presente, carinhoso, amigo, né, próximo*”, enquanto a boa mãe é aquela que “*é o nosso cartão-postal, que é a base de tudo.*” Sobre o pai ruim, Geraldo aponta que é “*a não presença, não carinho, na verdade, o mal pai ele não te dá exemplos, né, ele não te ensina nada.*”, enquanto a mãe ruim é aquela que “*abonda o filho*”. Por fim, Geraldo cita que o seu sogro é a sua referência enquanto exemplo de pai e de homem.

ESPELHO (JOÃO NOGUEIRA)

*Nascido no subúrbio nos melhores dias
Com votos da família de vida feliz
Andar e pilotar um pássaro de aço
Sonhava ao fim do dia, ao me descer cansaço
Com as fardas mais bonitas desse meu país
O pai de anel no dedo e dedo na viola
Sorria e parecia mesmo ser feliz*

*Ê, vida boa...
Quanto tempo faz
Que felicidade
E que vontade de tocar viola de verdade
E de fazer canções como as que fez meu pai
(E de fazer canções como as que fez meu pai)
(E de fazer canções como as que fez meu pai)*

*Num dia de tristeza, me faltou o velho
E falta lhe confesso, que ainda hoje faz
E me abracei na bola e pensei ser um dia
Um craque da pelota ao me tornar rapaz
Um dia chutei mal e machuquei o dedo
E sem ter mais o velho pra tirar o medo
Foi mais uma vontade que ficou pra trás*

*Ê, vida à toa...
Vai no tempo, vai
E eu sem ter maldade
Na inocência de criança de tão pouca idade*

Troquei de mal com Deus por me levar meu pai
(Troquei de mal com Deus por me levar meu pai)
(Troquei de mal com Deus por me levar meu pai)

E assim crescendo, eu fui me criando sozinho
Aprendendo na rua, na escola e no lar
Um dia eu me tornei o bambambã da esquina
Em toda brincadeira, em briga, em namorar
Até que um dia eu tive que largar o estudo
E trabalhar na rua sustentando tudo
Assim sem perceber, eu era adulto já

Ê, vida voa...

Vai no tempo, vai

Ai, mas que saudade

Mas eu sei que lá no céu o velho tem vaidade
E orgulho de seu filho ser igual seu pai
Pois me beijaram a boca e me tornei poeta
Mas tão habituado com o adverso
Eu temo se um dia me machuca o verso
E o meu medo maior é o espelho se quebrar
(E o meu medo maior é o espelho se quebrar)
(E o meu medo maior é o espelho se quebrar)
(E o meu medo maior é o espelho se quebrar)
(E o meu medo maior é o espelho se quebrar)
(E o meu medo maior é o espelho se quebrar).

5. Discussão

5.1 Experiência da Paternidade

No que diz respeito ao percurso da paternidade, tanto na geração X como a geração Y, as mudanças em relação a forma de agir e pensar decorrentes desse processo foram muito evidentes e enfatizadas por todos os participantes da pesquisa. Um dos relatos mais claros em relação a experiência da paternidade que dialoga com as RS da masculinidade é do Alessandro, que cita: *“Por exemplo, vou falar por mim, eu quando dirigia, por exemplo, quando eu não tinha filho, eu corria mais no carro, hoje se você andar comigo de carro, você não vai me ver passar de 100km/h, entendeu?”* (Alessandro). Nessa direção, essa questão se conecta diretamente com o que foi proposto por Barros e Trindade (2007), quando mencionam uma mudança neste percurso da vivência da paternidade no que diz respeito a forma como os homens se relacionam.

Além disso, todos os participantes – gerações X e Y – ressaltaram o quão enriquecedor é a experiência de “ser pai”, citando as trocas com os filhos e a renovação decorrente destas vivências. Ronaldo contextualiza o seu entendimento sobre o que isso significa para ele: *“Você está preocupado, triste com alguma coisa e você chega em casa brinca com as filhas, sorrisos, brincadeiras, pique esconde, então tudo isso passa, você esquece tudo, como se fizesse virar a página”* (Ronaldo).

Sobre as expectativas em relação ao “ser pai”, independentemente das gerações, o relato foi muito diverso entre os participantes. Gilmar discorre sobre um sonho realizado contextualizado pelo seu relato *“Toda namorada que eu tive sempre pensei em ser pai, mas nunca consegui. E quando eu fiquei sabendo que eu era pai, pronto, o amor da minha vida mudou, tudo que eu queria ser pai”* (Gilmar). Por um outro lado, Danilo pontua de que forma tem lidado com essa nova experiência que o pegou de surpresa *“Não foi uma paternidade planejada. Então, tá acontecendo. Tudo, assim, foi muito rápido, entendeu? Então a cada dia*

que passa que tá aparecendo mais, entendeu? Não posso nem falar assim de expectativa, entendeu?” (Danilo). Ademais, ainda que muitos dos homens pais não tiveram uma paternidade planejada, foi unânime a maneira que exaltaram esta experiência por meio das significações que foram atribuídas a esta vivência.

Nessa direção, podemos dialogar com o que propõe Jodelet (2005), quando reafirma a importância da noção da experiência, que possibilita pensar do coletivo ao singular. Desse modo, a grande maioria dos homens pais, faziam questão de compartilhar suas vivências, transpassando um certo orgulho em ter vivenciado a paternidade e a transformação que, segundo eles, ela fez na vida deles. Todos os homens pais foram muito solícitos em participarem das entrevistas, o que de uma certa forma fez com que os dados coletados se tornassem ainda mais íntegros e genuínos para exploração da análise do que foi investigado.

Isso também dialoga com o que foi enunciado por Cortez et al. (2016), em que cita um maior envolvimento dos homens neste percurso da paternidade. Nesse sentido, é reforçado por ambas gerações a questão da responsabilidade que um filho traz e, muito por conta disso, as mudanças citadas anteriormente são decorrentes dessa carga de cuidado que o filho exige. Basílio fala sobre isso: *“Você tem que ter muita responsabilidade, você tem que ver, onde colocar o pé, entendeu? (...) Eu saía muito quando era solteiro, eu ficava saindo demais, eu pensava “vai que eu saio”, ainda mais quando estava tudo pequena, entendeu?”* (Basílio). Sobre isso, muitos dos pais enfatizam a moralidade ressaltando uma educação disciplinadora como ponto chave desta relação com os filhos.

No que diz respeito à autoavaliação enquanto pai, majoritariamente os homens entrevistados relataram estarem satisfeitos com as movimentações que tem feito com os filhos atualmente. Contudo, alguns deles comentaram que mudariam algumas coisas nas trocas que são construídas. Todos os homens que pontuaram que gostariam de alterar algumas questões em relação ao tratamento para com os filhos enfatizaram a questão do tempo como principal

fator de mudança. Os relatos de Emerson e Wilson caminham nesta direção: *“Se fosse mudar algo seria arrumar mais tempo para os filhos. Se eu conseguir, se arrumar mais tempo para os filhos, eu ficaria feliz. Mais tempo, mais tempo para o menino, mais tempo para a menina, conciliar isso melhor”* (Emerson); *“Eu tento fazer o máximo que eu posso para os meus filhos, né. Então eu acho que sou um bom pai”*. (...) *Mas igual eu te falei, como eu estou estudando, trabalhando, às vezes falta um pouco de tempo.”* (Wilson).

Almeida (2005) cita a articulação que a perspectiva de Jodelet faz quando menciona o diálogo entre as dimensões sociais e culturais que se conectam diretamente com as construções mentais coletivas. Nesse sentido, é válido ressaltar que em muitos casos o dito envolvimento paterno e essa implicação neste percurso da paternidade não representou necessariamente uma responsabilidade maior na divisão de tarefas. Em alguns casos, os pais trouxeram falas que elucidam esse ponto, contextualizando um cuidado com os filhos muitas vezes associado ao brincar, podemos visualizar isso por meio do relato de Danilo e de Alessandro, respectivamente: *“Fico com ela mais final de semana, entendeu? Mas é bom, fico bastante com ela, brinco com ela, entendeu? Apesar dela tá bem novinha ainda, entendeu? Mas muito bom”*. (Danilo); *“gosto de brincar muito com ela, a gente brinca bastante de Uno, de jogos, de atividades, levo para o parquinho, aqui na minha cidade tem uma pracinha, um parquinho”* (Alessandro). Além disso, visualizou-se predominantemente um discurso exaltando a experiência de “ser pai”, na qual enfatizou-se as mudanças decorrentes desse mundo de descobertas. Ainda que isso não represente necessariamente uma equidade no que diz respeito aos papéis sociais, essas movimentações podem possibilitar novas alternativas, tanto em relação ao “ser pai” e o modo em que ele vivencia a paternidade, como também sobre a possibilidade de um relacionamento mais equilibrado e, conseqüentemente, menos sobrecarga por parte das mães nas trocas que são construídas.

Em relação às gerações anteriores e às comparações sobre o modo que viviam a paternidade, todos os homens entrevistados – sem exceção – ressaltaram de uma forma negativa o quanto a sociedade se transformou no que diz respeito à criação dos filhos. As justificativas perpassaram pela falta de respeito, autoridade e disciplina. Isso pode ser visualizado nos comentários de Cláudio e Ronaldo: *“Há muita, muita diferença, muito. Antigamente tinha mais regra, os pais eram mais rigorosos, a coisa dava mais certinho”* (Cláudio); *“Acredito que sim. Acredito não, tem sim. (...) Nas leis de hoje não pode bater, mas antigamente tinha isso, a educação”*. (Ronaldo). A partir disso, podemos visualizar o processo de ancoragem, na qual há uma assimilação de um objeto por outros que já estão presentes no sistema cognitivo (Vala, 2007).

Para além disso, trazendo para a experiência singular de cada um sobre a relação que tinham com seus pais e o modo que conduzem a criação com os filhos, a maioria dos homens enfatizaram a abertura do diálogo e expressão de afeto como ponto de transformação. Essa questão é elucidada por Oswaldo e Flávio: *“minha avaliação hoje é que eu preciso melhorar um pouco mais na questão de tempo de qualidade com meus filhos. (...) Precisava demonstrar um pouco mais, estar mais próximo deles, entendeu? Abraçar mais. Mudaria isso”* (Oswaldo); *“Meu pai pela criação dele, uma criação de antigamente é uma criação mais rústica. O cara não beija um filho, o cara dificilmente abraça um filho e eu já sou contrário”* (Flávio). Nesse sentido, podemos perceber uma atribuição de sentido relacionada a acontecimentos do passado, mas não como repetição, e sim como reflexão e prática diferenciadas daqueles. Contudo, é válido ressaltar que alguns resquícios das gerações anteriores ainda permanecem presentes, pois ainda que seja ressaltada uma maior abertura para o diálogo e trocas afetivas, observa-se também discursos que endossam uma educação punitiva.

Também se percebeu em muitos pais um esforço em construir mudanças e, minimamente, tentar equiparar as responsabilidades no que diz respeito a divisão entre as

atribuições do casal. Porém, é preciso reafirmar que ainda assim, as movimentações de grande parte dos homens que participaram do estudo ainda estão diretamente ligadas ao prover e ao trabalho, tendo em vista que nas afirmações dos pais majoritariamente o fim de semana é o principal momento que eles costumam ter com os filhos. Isso pode ser entendido por meio da fala de Flávio: *“no dia a dia, às vezes você chega tarde, à noite, muitas vezes a criança está dormindo, você está muito cansado. Final de semana que tem mais tempo”* (Flávio).

Botton et al. (2015) reafirma que é por meio de uma troca mais equânime entre o pai e a mãe, em relação ao cuidado dos filhos, que é possível abrir espaço para as mudanças na divisão de tarefas, de responsabilidades e dos serviços domésticos de um modo geral. Nessa direção, entende-se que somente desta forma que será construído de fato um quadro de diminuição da desigualdade de gênero, que afeta diretamente o entendimento e a prática do estabelecimento dos papéis sociais. Cássio discorre sobre essa troca com os filhos elucidando uma alternativa para essa possível transformação: *“quando chega em casa, vai arrumar uma cozinha, vai arrumar a casa, às vezes chega nós que somos todos homens aí todo mundo faz também. (...) Eu acho a divisão “isso é meu, isso é seu”, não tá certo não”* (Cássio).

Por fim, podemos entender que no que diz respeito ao percurso da paternidade, o estudo possibilitou investigar as diferentes experiências que constituíam as gerações X e Y, perpassando pelas mais diversas vivências e entendimentos sobre esta passagem na vida dos homens pais. Observou-se, por meio das informações apresentadas através das entrevistas, que os dados coletados reforçam o diálogo com os estudos citados no tópico 1.2 sobre paternidade e masculinidade. Porém, a ótica da experiência explorada nesta pesquisa embasada pela TRS e a investigação feita por meio do método fenomenológico nos permitiu ir além e apreender a intimidade dos participantes deste estudo, o que possibilitou um entendimento ainda mais genuíno sobre a vivência da paternidade. Ademais, visualizou-se um engajamento nesta pesquisa na descrição e identificação das RS de paternidade que permitiu atingir os objetivos

delimitados para este estudo. Nesse sentido, é válido ressaltar a importância desse diálogo ser construído, para que possamos reafirmar e ampliar a exploração sobre este tema sob diferentes olhares.

5.2 Masculinidades

Sobre a construção das masculinidades, a grande maioria dos pais entrevistados apresentaram mudanças no seu entendimento sobre a maneira que se apresentavam como homem antes da paternidade e após a paternidade. Isso é evidenciado pelo relato de Alessandro, que cita “*Uma vez eu cheguei em casa embriagado e aí, a minha filha estava pequenininha (...) eu ainda embriagado, pensei “Não é isso que eu quero para minha vida e que a minha filha veja”.*” (Alessandro). Para além disso, sobre a sua autopercepção enquanto homem e o seu entendimento em relação a como isso se constitui, é possível perceber uma aderência – quase que total – em relação às RS normativas e tradicionais sobre masculinidade e paternidade. As falas de Basílio e Oswaldo reafirmam essa questão “*Ser homem é você cumprir com seus compromissos, entendeu? Não deixar falha nenhuma e seguir em frente, entendeu? Responsabilidade, família, né... (...) Sempre junto, caminhando junto ali, entendeu? Dar o sustento para a família*” (Basílio); “*Por exemplo, às vezes o cara cresceu ali meio doidão, gostava de farra, de sair, depois que você casa, tem filhos, sua cabeça tem que mudar. Agora eu sou um homem. (...) Tem que mudar, rever conceitos, voltar a fita*” (Oswaldo). Ademais, é válido enfatizar que ainda que alguns homens falem sobre possíveis mudanças no entendimento sobre essa questão apontada acima, também se apreende uma compreensão acerca do homem e do pai ancorado em uma ideia biológica e reprodutiva do que significa ser homem/pai. Ronaldo e Alessandro elucidam esse ponto: “*ser homem é ser referência, honesto, ser referência para as pessoas. E no sentido de reprodução, né?*” (Ronaldo); “*Existe diferença na*

questão de, são seres biologicamente diferentes, pessoas diferentes, tem pensamentos diferentes” (Alessandro).

No que diz respeito aos diálogos que são construídos que permeiam as masculinidades, grande parte dos homens ressaltaram que buscam conversar com outros homens sobre o percurso da paternidade. Nessa direção, muitos deles visam orientar e escutar orientações nessas trocas que são fomentadas entre eles. Emerson e Wladimir comentam sobre esse diálogo: *“Sim, sim. Tem muito amigo solteiro que não casou ainda, muito amigo que tá querendo casar e tem medo. E sempre rola esses assuntos porque é o medo que todo mundo escuta, né.”* (Emerson); *“Converso com meus amigos homens sim. Meu conselho ele é positivo. (...) ser pai, cara, não é simplesmente ação de você ter um filho. Ser pai é todo um contexto”* (Wladimir). É válido ressaltar que isso não é uma regra, pois como foi enunciado por alguns participantes, tem também os que preferem se resguardar e não abrem isso para o diálogo com outros homens. Além disso, também é preciso enfatizar que muitas vezes esses diálogos que são construídos pelos homens não correspondem necessariamente uma troca mais íntima. Nesse sentido, o relato de Geraldo enuncia este ponto contextualizando a perda da filha que o aflige até hoje: *“Eu não converso com outros homens sobre paternidade. Conversar não resolve, preocupação não resolve... Se preocupação resolvesse alguma coisa a minha filha de repente não tinha perdido a vida”* (Geraldo).

Ainda que o diálogo entre os homens seja construído em alguns momentos e em outros não, é possível entender que, como menciona Jablonski (2004), ressaltando um processo de transição que tem se constituído por parte dos pais, a paternidade traz ao homem uma forma de ele colocar para fora o que sente, se abrir para o mundo e aprender a expressar suas emoções, lidar com elas de outra maneira. Flávio discorre sobre essa questão: *“você chega em casa depois dos problemas do dia a dia e você olha para o molequinho pequeno e ele com a inocência dele chamar “ô pai, te amo”, “pai como você está?”. Não tem preço que paga essas coisas”*

(Flávio). Podemos visualizar o que Jodelet (2005) chama de *erlebnis*, em que a experiência vivida de fato é representada por elementos emocionais que remetem às subjetividades particulares, ou seja, representa a vivência íntima da pessoa no que diz respeito ao que ela veio a experimentar. Nessa direção, podemos perceber de que forma os conteúdos de RS de paternidade dialogam diretamente com os conteúdos de RS de masculinidade. A partir das práticas e das vivências relatadas pelos homens pais que participaram do estudo, podemos verificar esta relação por meio da descrição e regulação entre estes conteúdos de RS.

Porém, é válido ressaltar que ainda é predominante alguns entendimentos em relação ao “ser homem” conectados diretamente com uma percepção de provimento, ancorados com representações sociais de gênero, na qual foi apreendido ao longo do que foi transmitido entre gerações. A fala de Wladimir enuncia essa questão: “*ser provedor, ser homem com respeito, com caráter, né. Mais ou menos isso*” (Wladimir). Posteriormente, o mesmo complementa: “*O homem mais provedor, a mulher é mais de mostrar detalhes para filho, para filha. (...) O instinto do homem, ele é provedor e protetor. A mulher é mais detalhista, é mais, psicologicamente, é mais sensível, isso daí é fato*” (Wladimir). Isso reforça o entendimento trazido por Costa (2002) e Barros e Trindade (2007) que ainda colocam o homem como o principal provedor do lar, a partir da compreensão de que esse tem sido o principal atributo da constituição de uma masculinidade hegemônica.

Para além disso, em relação a compreensão sobre o modo que a geração anterior se portava enquanto homem e o entendimento das mudanças em relação a atualidade a partir dos relatos apreendidos nas entrevistas, os pais enfatizaram o afeto e o diálogo como a principal mudança. Oswaldo e Cássio discorrem sobre essa questão ressaltando a importância da tentativa de quebrar essa barreira: “*tento não deixar faltar nada, pensar no futuro deles, mas eu peço um pouquinho nesse quesito aí de abraçar, de beijar. (...) Acho que isso acaba tendo um certo bloqueio, não sei, da forma que eu fui criado*” (Oswaldo); “*Rapaz, hoje em dia mudou,*

mudou muito. Eu fui criado em um sistema muito bruto. (...) Hoje procuro assim, ser justo, ser até sério com eles algumas horas que precisa, mas tento mais amizades, diálogo, conversar com eles, entendeu?" (Cássio). Assim, é possível visualizar de que forma os sujeitos constroem e significam o mundo, integrando suas singulares dimensões sociais e culturais com sua própria história. (Félix et al, 2016).

Nessa direção, compreende-se que existe uma movimentação dos homens na questão da troca, da abertura e de um diálogo mais aberto. Isso traz a possibilidade para emergir novas alternativas para estes homens, levando em consideração a implicação dos pais entrevistados nas possibilidades advindas deste diálogo. Ainda assim, é possível perceber características muito claras em ideias fixas tradicionalmente moldadas por uma cultura machista e patriarcal. Roberto elucida essa questão: *"Acredito que a mulher tem um papel importantíssimo de ser conselheira, ser amiga. Então acho que o papel da mulher é extremamente importante nesse contexto e o pai às vezes se limita ao trabalho, trazer para cá e para lá"* (Roberto). Gomes (2004) ressalta que no processo de ancoragem podemos enxergar o novo através do conhecimento antigo. Ou seja, por meio dos relatos trazidos pelos homens pais no presente estudo, podemos visualizar claramente um processo de aproximação e semelhança com a ideia moldada historicamente do homem provedor que, por consequência, acaba reafirmando um enrijecimento no entendimento dos papéis de gênero, dificultando assim, uma possível mudança nesta compreensão para que viesse a emergir uma prática mais igualitária.

Podemos entender que ainda que muitos dos processos vivenciados por estes homens dialoguem diretamente com uma visão enrijecida no que diz respeito aos papéis de gênero, a experiência da paternidade tem possibilitado muitas mudanças dos pais, principalmente no modo como vivenciam e constituem suas masculinidades, ressaltando a expressão de afeto como principal fonte de transformação que tem possibilitado essa resignificação. Nesse sentido, é possível compreender o diálogo fundamental entre as RS de paternidade e

masculinidade no que diz respeito às alternativas que tem sido visualizada pelos homens pais por meio dessa abertura e da relação entre os conteúdos. Sendo assim, o aprofundamento realizado nesta pesquisa permitiu investigar as RS de masculinidade por meio da articulação com a paternidade e os relatos das experiências dos homens pais entrevistados, dialogando diretamente com os objetivos propostos por este estudo.

Por fim, entende-se que há também uma vontade em dialogar e ser mais participativo com as parceiras dos homens pais que participaram das entrevistas. Contudo, ainda existe uma presença muito significativa no que diz respeito às práticas parentais pré-estabelecidas historicamente. Pois, ainda que emergjam entendimentos mais equânimes sobre os papéis sociais, muitas vezes isso não tem se refletido na construção das masculinidades e uma divisão mais igualitária de responsabilidades com suas companheiras. Sendo assim, é perceptível o início de uma transformação muito fecunda e sutil dos homens, mudanças que são consequências das lutas travadas pelos movimentos feministas que passaram a problematizar a sociedade patriarcal e um modelo hegemônico e ultrapassado de se portar como homem – e também como pai.

5.3 Práticas parentais e papéis sociais masculinos e femininos

É possível visualizar um esforço dos homens em tentar trazer mais afeto nas relações para com os filhos, ainda que, em grande maioria – e isso fica mais demarcado na geração X – , as práticas cotidianas são orientadas por um contexto histórico e fixadas pelas realidades que esses homens estavam inseridos, tendo em vista que a relação com os pais majoritariamente não fora de uma troca aberta, com diálogo e afeto em grande parte das situações. Geraldo discorre sobre isso, enfatizando este ponto: *“Ah, cara, meu pai largou a minha mãe eu tinha 10 anos de idade. Nunca teve uma relação, ele sempre foi um cara ruim, horrível, enganador. Tento ser o pai que eu não tive”* (Geraldo). Esse esforço dos pais é elucidado por Silva e

Piccinini (2007) que reafirma o desejo dos pais na imersão do mundo da paternidade e em uma maior participação para com os filhos, propiciando diferentes possibilidades para as RS de paternidade e, fomentando, a construção de novas práticas. Geraldo complementa citando sua experiência com sua filha: *“Eu e ela, nós somos muito apegados, né, mas somos muito positivamente próximos, né, carinhoso, eu tento. Muito chato e muito carinhoso, né”* (Geraldo).

Tanto na geração X como na geração Y, predominou-se uma compreensão de cuidado para a mãe e provimento para o pai, ancorados com os papéis de gênero que foram construídos e moldados culturalmente e socialmente. Nesse sentido, o relato de Cláudio perpassa por essa questão: *“A maior responsabilidade de um pai hoje é de educar o filho”*, enquanto a mãe *“tem sempre que cuidar mais, a mãe tenta sempre ser o melhor para o filho. Ela se preocupa mais do que o pai, a mãe é diferente”* (Cássio). Oswaldo também reafirma esse entendimento no seu relato: *“O pai é a função dele, estar no campo, vamos dizer assim, trazendo recurso para casa. (...) a função do pai seria essa e a da mãe, essa do cuidado, de estar mais perto do filho né”* (Oswaldo). Mais adiante, Oswaldo complementa ressaltando o “amor diferente” da mãe: *“O exemplo dele ver que você é bom marido, que você é trabalhador, então assim, acho que seria dar exemplos em todos os âmbitos”* (Oswaldo); enquanto *“É aquele amor diferente, né? Acho que a mãe passa isso para o filho. O pai já assim, já é um pouquinho mais bruto. Mas a mãe é aquela coisa serena, amorosa. Acho que seria isso, um amor diferente”* (Oswaldo).

Sobre isso, percebe-se claramente no discurso a diferença no tratamento no que diz respeito a compreensão sobre o que representa ser mãe, tendo em vista a predominância do machismo institucionalizado e arraigado na sociedade. Existe uma permissibilidade maior em relação aos pais no que diz respeito a sua ausência, enquanto a mãe é vista como alguém quase que onipresente e que precisa sustentar um amor incondicional pelos filhos.

Entretanto, é possível visualizar pais empenhados nessa transformação, com pensamentos distintos em relação ao que representa e significa “ser pai” e “ser mãe”,

ressaltando as divisões de responsabilidades nas tarefas diárias. Gilmar traz seu entendimento: “*o certo é se compartilhar, igual eu faço. Igual, tipo assim, a minha esposa ela não é de acordar de madrugada para dar uma mamadeira, porque ela não é, mas eu acho que é porque eu sou.*” (Gilmar). É importante enfatizar que em algumas das falas os pensamentos sobre essa questão não são tão congruentes com a prática do dia a dia.

Ainda assim, é válido ressaltar que é percebida o começo de uma mudança – mesmo que em pequenas movimentações – em relação aos papéis atribuídos ao homem e a mulher. Nesse sentido, os relatos enunciados pelos participantes reafirmam o que os autores Santos et al. (2022) e Visentin e Lhullier (2019) tem visualizado, um novo olhar sobre os estereótipos de gênero tem emergido. Perucchi e Beirão (2007) também caminham nessa direção trazendo o entendimento da necessidade de quebrar os papéis sociais que foram pré-estabelecidos ao longo da história. Sobre isso, Wilson cita: “*Com certeza se tivesse divisão de responsabilidade ajuda muito né. (...) Mas a gente vem da cultura, né, antiga que é pouco menos dividido isso, né*” (Wilson).

Sendo assim, o entendimento que se chega através disso é que existe um esforço dos homens na ruptura de uma estrutura de sociedade que acaba sobrecarregando as mulheres e, conseqüentemente, as mães. Contudo, em alguns casos esse discurso não é congruente com a prática, o que de algum modo impossibilita que essa transformação seja efetivamente concretizada. Ainda assim, é possível perceber, pequenos passos no que diz respeito a uma mudança de compreensão acerca das divisões de tarefas, permitindo assim, uma pequena quebra nos estereótipos preestabelecidos em relação aos papéis sociais de gênero.

Por fim, é válido ressaltar que as movimentações que têm sido construídas dialogam diretamente com uma mudança que está em curso. Desse modo, os conteúdos de RS de paternidade e masculinidade apreendidas nesta investigação reafirmam essa possível transformação que está emergindo neste campo e que pode se concretizar nas próximas

gerações. Ainda que a implicação dos homens no que diz respeito às mudanças apontadas esteja no início, é possível visualizar um caminho mais propositivo para o entendimento dos papéis sociais e, principalmente, a responsabilização e uma prática mais congruente com o discurso na divisão de tarefas.

6. Considerações finais

Podemos compreender que o diálogo proposto por este estudo é uma possibilidade a ser explorada de forma ainda mais aprofundada, tendo em vista que, como apontam os autores Peruchi e Beirão (2007) e Silva e Piccinini (2007), faz pouco tempo que a temática da paternidade encontrou espaço na Psicologia e ainda há muito a ser estudado neste campo. Tanto no que diz respeito às práticas no cotidiano familiar, como no que diz respeito às representações sociais de masculinidades e de paternidade, visualizamos movimentações ancoradas aos entendimentos mais enrijecidos e pautados nos modelos tradicionais em relação às questões trabalhadas neste estudo. Porém, é possível visualizar uma atitude positiva em relação a divisão de tarefas por parte dos pais para cumprir de fato o papel de pai participativo compartilhando as responsabilidades com a companheira e buscando estabelecer uma nova alternativa para uma questão que sobrecarrega muitas mulheres todos os dias.

Além disso, percebe-se uma abertura maior dos homens em relação ao diálogo e as questões que precisam ser trabalhadas, enfatizadas pelas trocas que muitos deles tem se esforçado para construir, ainda que grande parte dessas trocas entre eles não sejam tão íntimas. Inclusive, os dados obtidos nesse estudo ressaltam o quanto foi possível explorar o sentimento dos homens em relação às suas íntimas experiências, por meio da investigação que essa pesquisa se propôs a fazer. Pois, ainda que tenham sido explorados temas muitas sensíveis, o enriquecimento do diálogo sobre masculinidades e paternidades através dos dados obtidos amplia uma discussão que precisa cada vez mais ser feita, principalmente quando falamos da necessidade de romper com os estereótipos de gênero e, também, como o fez neste estudo, o homem expressar mais o que sente.

É importante ressaltar que este estudo não abrange todas as possibilidades a serem exploradas, tendo em vista suas limitações metodológicas. Sendo assim, para além do que foi explorado e da metodologia utilizada nesta pesquisa, é possível pensar outras alternativas para

o futuro, como por exemplo, a possibilidade de explorar também a complementação desta investigação por meio da pesquisa quantitativa.

Por fim, podemos entender que ainda há um grande percurso a ser percorrido e o debate sobre as questões trazidas até aqui são inesgotáveis, tendo em vista a singularidade da experiência e a possibilidade de construir e reconstruir o conhecimento orientado pela TRS, que nos permite nos aprofundar no conhecimento do senso comum e trazer à tona o que muitas vezes está velado, transformando assim, do coletivo ao singular, como propõe Jodelet, o não familiar em familiar, como propõe Moscovici – o desconhecido em conhecimento. Nesse sentido, é possível continuar produzindo e fomentando ainda mais o debate neste campo imenso da TRS e da discussão sobre gênero, masculinidades e paternidades.

Ademais, a perspectiva de Jodelet que norteou este trabalho, procurou compreender a vivência dos homens pais por meio da experiência singular de cada um dos participantes deste estudo. Desse modo, é válido ressaltar que o contexto específico desses homens pode interferir diretamente em suas RS de masculinidade e paternidade e, conseqüentemente, nas suas práticas cotidianas. Por isso, é importante pontuar que a depender da cultura local e a região em que o estudo está sendo desenvolvido, a variabilidade nos relatos e a diversificação do campo pode ser ainda maior a partir das experiências apreendidas.

No mais, como sugestão, há o entendimento da possibilidade de haver mais investigações para além da experiência do homem e/ou pai. Nessa direção, uma outra possibilidade a ser considerada é explorar unicamente a questão da masculinidade em um futuro estudo, sendo que em alguns momentos o “véu” da paternidade se fez presente no discurso de alguns pais. Para além dessa questão, também existe a necessidade de compreendermos as vivências das mães e dos filhos, tendo em vista a importância de explorar mais afundo este diálogo, fomentando ainda mais o que pode ser pesquisado e apreendido através da experiência e da exploração feita pela TRS.

7. Referências

- Abric, J. C. (1994). Les représentations sociales: aspects théoriques. In: Abric, J. C. (dir). *Pratiques sociales e représentations*. Presses de France. p. 11-35.
- Adrião, K. (2005). Sobre os estudos em masculinidades no Brasil: revisitando o campo. *Caderno de Gênero e Tecnologia*, 1(3), 9-20. <https://doi.org/10.3895/cgt.v1n3.6135>
- Almeida, A. M. O. (2005). A pesquisa em representações sociais: proposições teórico-metodológicas. In: M. F. S. Santos & L. Almeida (Org.). *Diálogos com a teoria das representações sociais*. Recife: Ed.UFPE/EdUFAL, p. 119-160.
- Almeida, A. M. D. O., Santos, M. D. F. D. S., & Trindade, Z. A. (2000). Representações e práticas sociais: contribuições teóricas e dificuldades metodológicas. *Temas em Psicologia*, 8(3), 257-267.
- Almeida, L. P. (2012). Para uma Caracterização da Psicologia Social Brasileira. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32, 124-137.
- Andrade, R. P.; Costa, N. R. A.; Rossetti-Ferreira, M. C. (2006). Significações de paternidade adotiva: um estudo de caso. *Paidéia*, 16(34), 241-252.
- Badinter, E. (1986). *Um é o outro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Barnhart, B. (2021). The most important Instagram statistics you need to know for 2021. *Spoutsocial*. Disponível em: <<https://sproutsocial.com/insights/instagram-stats/>>. Acesso em: 21 jun. 2021.
- Bonel, C. (2017). Afinal, o que é Business Intelligence?: *Micros, pequenas, médias e grandes Empresas com o poder da informação nas mãos*. 2. ed. Rio de Janeiro.
- Bonfim, Z. Á. C., & Almeida, S. F. C. de (1992). Representação social. Conceituação, dimensão e funções. *Revista de Psicologia*, 9/10(1/2), 75-89.
- Botton et al. (2015). Os Papéis Parentais nas Famílias: Analisando Aspectos Transgeracionais e de Gênero. *Pensando Famílias*. 19(2). 43-56.

- Butler, J. (2003) *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Connell, R. (2003). *Masculinidades*. Ciudad de México: UNAM/PUEG.
- Connell, R. (1995). Políticas da Masculinidade. *Educação e Realidade*, 20(2), 185-206.
- Connell, R; Messerschmidt, J. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista de Estudos Feministas*, 21(1), 241-282.
- Conselho Nacional de Pesquisa com Seres Humanos. (2012). *Resolução nº 466 de 12 de Dezembro de 2012*. <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/reso466.pdf>
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). *Resolução nº 510 de 07 de Abril de 2016*. <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Cortez et al. (2016). Profissionais de Saúde e o (Não)Atendimento ao Homem-Pai: Análise em Representações Sociais. *Psicologia em Estudo*. 21(1). 53-63.
- Cortez et al. (2017). Racionalidade e Sofrimento: Homens e Práticas de Autocuidado em Saúde. *Psicologia, Saúde & Doenças*. 18(2). 556-566.
- Costa, R. G. (2002). Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. *Revista Estudos Feministas*, 10(2), 339-356.
- Dantas, C.; Jablonski, B. & Féres-Carneiro, T. (2004). Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. *Paidéia*, 14(29), 347-357.
- Doise, W. (1992). L'ancrage dans les études sur les représentations sociales. *Bulletin de Psychologie*, XLV, 405, 189-195.
- Félix, L., Andrade, D., Correia, C., Ribeiro, F., & Santos, M. F. (2016). O conceito de sistemas de representações sociais na produção nacional e internacional: uma pesquisa bibliográfica. *Psicologia e Saber Social*, 5(2), 198-217.
- Ferreira, A. B. H. (1986). *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais ou grupais. In Bauer, M. W., & Gaskell, G. (Eds.). (2000). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (2ª. Ed.) (Pedrinho A. Guarreschi, trans.) (p. 64-89). Vozes. (Obra Original Publicada em 2000)
- Gomes, A. M. A. (2004). As representações sociais e o estudo do fenômeno do campo religioso. *Ciências da Religião – História e Sociedade*, 2(2), 35-60.
- Guedes, M. E. F. (1995). Gênero, o que é isso? *Psicologia: Ciência e Profissão*. 15(1-3), 4-11.
- Guest, G.; Bunce, A. & Johnson, L. (2006) How Many Interviews are Enough? An experiment with data saturation and variability. *Field Methods*, 18, 59-82.
- Heilborn, M. L., & Rodrigues, C. (2018). Gênero: breve história de um conceito. *Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, (20).
- Hennigen, I.; Guareschi, N. M. F. A (2002). A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. *Revista Psicologia & Sociedade*. 14(1), 44-68.
- Herd, G. (1981). *Guardians of the flutes*. New York: McGraw-Hill.
- Hollis, J. (2008). *Sob a sombra de saturno: a ferida e a cura dos homens*. São Paulo: Paulus.
- Jager, M. E., & Dias, A. C. G. (2014). Paternidade adolescente e o envolvimento paterno na perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano. *Pensando famílias*, 18(1), 45-54.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: Um domínio em expansão. In: Jodelet, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ., 17-44
- Jodelet, D. (2005). Experiência e Representações Sociais. In: Menin, M. S. S.; Shimizu, A. M. (Org.). *Experiência e representação social: questões teóricas e metodológicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo., 23-56.

- Jodelet, D. (2009). O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. *Sociedade e Estado*, 24(3), 679–712.
- Jovchelovitch, S. (2014). Representações sociais e polifasia cognitiva: notas sobre a pluralidade e sabedoria da razão em Psicanálise, sua Imagem e seu Público. In: Almeida, A. M. O.; Santos, M. F. S.; Trindade, Z. A. (Org.). *Teoria das Representações Sociais: 50 anos. 2. ed.* Brasília: Technopolitik, 211-236.
- Kupperschmidt, B. R. (2000). Multigeneration employees: strategies for effective management. *Health Care Manager*, 19(1) 65-76. doi:10.1097/00126450-200019010-00011
- Maia, F. A. & Soares, A. B. (2019). Diferenças nas práticas parentais de pais e mãe e a percepção dos filhos adolescentes. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*. 10(1). 59-82.
- Martins de Barros, S.; Menandro, P. R. M. & Trindade, Z. A. (2006). Vivências paternas em UTI neonatal. *Psicologia Hospitalar*, 4(2), 1-18.
- Martins de Barros, S.; Trindade, Z. A. (2007). Maternidade “prematura”: Uma investigação psicossociológica na unidade de terapia intensiva neonatal. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 8(2), 253-269.
- Merton, R. (2013). *Ensaio de sociologia da ciência*. São Paulo: Associação Filosófica Scientiae Studia/Editora 34.
- Morera, J. A. C.; Padilha, M. I.; Silva, D. G. V. & Sapag, J. (2015). Theoretical and methodological aspects of social representations. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 24(4), 1157-1165.
- Moscovici, S. (1978). *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Zahar Editores.
- Moscovici, S. (1984). The Phenomenon of Social Representations. In: R. M. Farr, & S. Moscovici (Eds.), *Social Representations*. Cambridge: Cambridge University.

- Moscovici, S., & Hewstone, M. (1984). De la science au sens commun. In S. Moscovici (Ed.), *Psychologie sociale*. Presses: Universitaires de France. p. 539-566.
- Moscovici, S. (1988) Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*. 18, 211-250.
- Moscovici, S. (2015). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Vozes.
- Nascimento, M. (2018). *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil*. 1ª edição, Rio de Janeiro: Lamparina.
- Oliveira, D. C. (2008). Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. *Revista de Enfermagem UERJ*, 16(4), 569-576.
<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-512081>
- Parry, E. & Urwin, P. J. (2017). The evidence-base for generational differences: where do we go from here? *Work, Aging and Retirement*. 3(2), 140-148.
<https://doi.org/10.1093/workar/waw037>
- Perucchi, J. & Beirão. A. M. (2007). Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicologia Clínica*, 19(2), 57-69.
- Ribeiro et al. (2015). A paternidade e a parentalidade como questões de saúde frente aos rearranjos de gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*. 20(11). 3589-3598.
- Romanelli, G. (2003). Paternidade em famílias de camadas médias. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 3(2), 79-96.
- Santos et al. (2022). A paternidade na contemporaneidade: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*. 11(3), 1-7.
- Santos, A. L. (2011). *A geração y nas organizações complexas: um estudo exploratório sobre a gestão dos jovens nas empresas*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.

- Sá, C. P. (1996). Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central. *Temas em Psicologia*, 4(3), 19-33.
- Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. EdUERJ.
- Salimon, C. C. & Macedo, M. C. S. (2017). Aplicações de Business Intelligence na Saúde: Revisão de Literatura. *J. Health Inform.*, 9(1), 31-35.
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica (G. L. Louro Trans.). *Educação & realidade*, 20(2), 71-99.
- Silva, M. R. & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre paternidade e o envolvimento paterno: Um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 561-573.
- Silvia, E. R. & Pereira, M. C. (2018). A criança em foco: conversando sobre práticas parentais e estratégias de negociação. *Psicologia e Pesquisa*. 12(3). 1-9.
- Tajfel, H. (1982). Social psychology of intergroup relations. *Annual Review of Psychology*, 33, 1–39.
- Thiry-Cherques, H. R. (2009) Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. *Revista Brasileira de Pesquisas em Marketing (PMKT)*, 9(1), 20-27.
- Trindade, Z. A., Menandro, M. C. S. & Gianórdoli-Nascimento, I. F. (2007). Organização e interpretação de entrevistas: uma proposta de procedimento a partir da perspectiva fenomenológica. In. Rodrigues, M. M. P. & Menandro, P. R. M. (Orgs.). *Lógicas metodológicas: trajetos de pesquisa em psicologia*. Vitória: UFES / GM Gráfica Editora., 71-92.
- Trindade, Z. A. & Emuno, S. R. F (2002). Triste e incompleta: Uma visão feminina da mulher infértil. *Psicologia USP*, 13(2), 151-182

- Vala, J. (2007). Representações Sociais e Psicologia Social do Conhecimento Quotidiano. In J. Vala e M. B. Monteiro (Edits), *Psicologia Social* (7ª edição). Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. p. 457-506.
- Veloso, E. F. R.; Silva, R. C. & Dutra, J. S. (2012). Diferentes gerações e percepções sobre carreiras inteligentes e crescimento profissional nas organizações. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 13(2), 197-208.
- Veloso; E. F. R.; Dutra, J. S.; Nakata, L. E. (2016). Percepção sobre carreiras inteligentes: diferenças entre as gerações Y, X e Baby Boomers. *REGE – Revista de Gestão*, 23(2), 88- 98.
- Vieira, M. L.; Bossardi, C. N.; Gomes, L. B.; Bolze, S. D. A.; Crepaldi, M. A. & Piccinini, C. A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 36-52.
- Visentin, P. M. & Lhullier, C. (2019). Representações sociais da paternidade: um estudo comparativo. *Revista de Psicologia*. 31(3). 305-312.
- Westerman, J. W., & Yamamura, J. H. (2007). Generational preferences for work environment fit: Effects on employee outcomes. *Career Development International*, 12, 150-161.
- Williams, K. C. & Page, R. A. (2011). Marketing to generations, *Journal of Behavioural Studies*, 3, 1-17.
- Wolter, R. P. & Sá, C. P. (2013). As relações entre representações e práticas: o caminho esquecido. *Revista Internacional de Ciencias Sociales y Humanidades*. XXXIII(1 e 2), 87-105.

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista semiestruturada

- 1) Idade
- 2) Estado civil
- 3) Filhos (idade, número, sexo)
- 4) Com quem mora
- 5) Escolaridade
- 6) Profissão
- 7) Trabalho atual
- 8) Renda familiar mensal em salários mínimos (salário mínimo R\$1212,00)
- 9) Esposa/parceira trabalha
- 10) Profissão/ocupação da esposa/parceira

Experiências de Paternidade e Masculinidade

- 1) Qual a primeira coisa que vem a sua cabeça quando você ouve a palavra “ser homem”?
- 2) Qual a primeira coisa que vem a sua cabeça quando você ouve a palavra “ser pai”?
- 3) Pode me contar um pouco sobre sua experiência como pai?
- 4) Como é seu dia a dia com seu(s) filho(s)?
- 5) Pode me descrever sua rotina num dia típico e num dia de final de semana?
- 6) Que atividades costuma fazer com ou em relação a seu(s) filho(s)? Sozinho ou acompanhado de outro adulto (mãe, avó, etc.)?
- 7) O que você entende como um “bom pai”?
- 8) E o que caracterizaria um “mau pai”?
- 9) E no caso da mãe, como você definiria uma mãe boa?
- 10) E o que caracterizaria uma “mãe ruim”?

- 11) Você vê muita diferença na criação dos filhos hoje comparado com antigamente? Se sim, quais seriam? Se não, por que?
- 12) Você conversa com amigos homens sobre paternidade e sobre seu dia a dia com os filhos? Se sim, como isso ocorre? Se não, por que você acha que isso não acontece?
- 13) Em seu ponto de vista, qual a maior responsabilidade de um pai?
- 14) É diferente no caso da mãe? Se sim, como é essa diferença?
- 15) No seu entendimento, deve ser estabelecido uma divisão de tarefas entre pais e mães em relação aos filhos? Por que?
- 16) Na sua avaliação, existem diferenças na função de um pai e de uma mãe? Se sim, quais? Se não, por que?
- 17) Você acredita que se tornar pai modifica a forma de ser do homem de algum modo? Se sim, como?
- 18) Você acha que a forma como o homem entende o que é ser homem interfere em como ele experiencia a paternidade?
- 19) Como você se avalia como pai?
- 20) Quais eram suas expectativas em relação a paternidade? Foram alcançadas?
- 21) A paternidade foi algo planejado na sua vida?
- 22) Se pudesse, mudaria algo em você como pai? Se sim, o que? Se não, por que?

Relação com os pais

- 1) Conte-me um pouco sobre sua relação com o seu pai.
- 2) O que você aprendeu com o seu pai?
- 3) Há algo que você gostaria de ter aprendido com ele?
- 4) Você pretendia fazer algo diferente de seu pai como pai? Se sim, como foi? Há algum homem que considera um exemplo de pai? Por que?

APÊNDICE B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Página 1 de 4



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a),

Estou te convidando para participar de uma pesquisa sobre paternidade e masculinidades, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP/UFES) do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo.

Esta pesquisa tem o objetivo de compreender o que homens que são pais pensam sobre a paternidade e sobre ser homem. Através disso, pensa-se em produzir um conhecimento em que as pessoas possam refletir e se conscientizar sobre a importância desta temática para a saúde emocional dos homens.

Este estudo envolve a realização de uma entrevista semiestruturada, com questões que abordam aspectos vinculados a compreensão singular de cada participante da pesquisa sobre o percurso da paternidade e a construção da masculinidade, além de questões sociodemográficas para auxílio na análise dos dados coletados, sendo gravados em áudio, por meio de um aplicativo de gravação de voz do celular.

A coleta dos dados será realizada por meio de um encontro presencial, agendado previamente com o participante, segundo a disponibilidade do mesmo, e terá duração de aproximadamente 60 minutos. Os dados coletados serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e a gravação da entrevista não será divulgada, tendo em vista que o intuito da gravação é unicamente para transcrição e análise do pesquisador para o estudo que está sendo desenvolvido. Nesse sentido, todas as informações da entrevista presencial gravadas em áudio

serão armazenadas em um dispositivo físico e eliminados de qualquer plataforma virtual, “nuvem” ou ambiente compartilhado. O anonimato e o acesso ao relatório final da pesquisa são assegurados aos participantes, além de qualquer informação relativa ao projeto e a possibilidade de desistência a qualquer momento.

Os benefícios diretos aos participantes se pautam em uma compreensão mais ampliada sobre as temáticas da paternidade e masculinidade a partir das reflexões suscitadas nesta investigação. Nesse sentido, posteriormente, os resultados deste estudo irão propiciar um entendimento mais aprofundado das relações entre paternidades e masculinidades no campo acadêmico, possibilitando o enriquecimento deste debate em prol da população de um modo geral.

A pesquisa poderá apresentar alguns riscos e a participação será de forma voluntária. Os riscos da pesquisa podem se relacionar à ansiedade com a situação da entrevista por conta do tema investigado, desconforto com a sensibilidade que envolve o assunto e/ou as perguntas. Apesar da entrevista apresentar estes riscos, em casos de desconforto, a entrevista poderá ter uma paralisação momentânea ou, se o entrevistado optar por não dar continuidade, o participante poderá livremente desistir da entrevista em qualquer etapa. Além disso, o participante irá receber o devido acolhimento do pesquisador, o qual tem graduação em Psicologia. Ademais, também será oferecido pelo pesquisador o suporte e encaminhamento ao Núcleo de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Espírito Santo como outra possibilidade diante de um possível incômodo do participante durante a realização da entrevista. É garantido também o direito ao participante de buscar indenização, caso seja necessário. Além disso, fica assegurada a possibilidade de ressarcimento caso ocorram despesas com a participação da pesquisa.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) será assegurado por duas vias (na qual uma ficará sob responsabilidade do pesquisador e a outra sob mãos do participante), assinadas e rubricadas em todas as páginas pelo pesquisador e participante. Suas informações pessoais

ficarão disponíveis apenas para o pesquisador, sendo utilizadas somente para o desenvolvimento do estudo.

Fica esclarecido o direito de desistir de conceder as informações a qualquer momento da pesquisa, sem que isso reflita em prejuízo ou punição do participante. Além disso, não haverá nenhum gasto ou recebimento de pagamento por essa participação.

Para responder a pesquisa você precisa ser homem, ser pai, se identificar com o sexo biológico e residir no Espírito Santo. Os dados captados através desta pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

As informações coletadas serão analisadas através do PPGP/UFES ou ainda publicados em revistas científicas nacionais e internacionais, sem a identificação dos voluntários. Os resultados do estudo também poderão ser apresentados em uma reunião do pesquisador com os participantes, caso os mesmos tenham interesse.

Espero contar com a sua participação, pois esta pesquisa é de extrema importância para a ampliação do conhecimento científico sobre este tema.

Por favor, responda com a maior sinceridade possível. Não existem respostas erradas ou certas. Em caso de denúncias ou intercorrências na pesquisa o Comitê de Ética em Pesquisa da UFES poderá ser acionado: pelo telefone (27) 3145-9820, pelo e-mail cep.goiabeiras@gmail.com, pessoalmente ou pelo correio, no seguinte endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910.

CONSENTIMENTO DO PESQUISADOR

Eu, _____, declaro que esta pesquisa foi avaliada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos/UFES e que todas suas etapas respeitam as Resoluções nº 466/12 e 510/16 do CONSELHO

NACIONAL DE SAÚDE, que estabelecem as diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos no país.

Assinatura: _____

Local: _____

_____ de _____ de _____, _____.

CONSENTIMENTO DO PARTICIPANTE

Eu, _____, li e concordo com os termos descritos, consentindo com minha participação voluntária na presente pesquisa.

Assinatura: _____

Local: _____

_____ de _____ de _____, _____.

Em caso de dúvidas em relação à pesquisa:

Informações do pesquisador:

Nome: Marcello Alves da Silva Aguilera

E-mail: marcelloaguilera@hotmail.com – Telefone (12) 996773136

Informações da orientadora:

Nome: Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho

E-mail: sabrine.coutinho@ufes.br

Vitória/ES, _____ de _____ de _____.